

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FERNANDA PASSOS MARTINS

“NA LINHA DE FRENTE, MAS NÃO NAS PRIMEIRAS PÁGINAS”:
CIBERATIVISMO E REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA DE CRIANÇAS E
ADOLESCENTES, OS CASOS DE GRETA THUNBERG E VANESSA NAKATE

CURITIBA

2023

FERNANDA PASSOS MARTINS

“NA LINHA DE FRENTE, MAS NÃO NAS PRIMEIRAS PÁGINAS”:
CIBERATIVISMO E REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA DE CRIANÇAS E
ADOLESCENTES, OS CASOS DE GRETA THUNBERG E VANESSA NAKATE

Trabalho de monografia apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda do Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Caroline de Bassi Padilha

CURITIBA

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO
DE CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

Modalidade: Monografia

DISCENTE(S): FERNANDA PASSOS MARTINS

TÍTULO:

**"NA LINHA DE FRENTE, MAS NÃO NAS PRIMEIRAS PÁGINAS":
CIBERATIVISMO E REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA DE CRIANÇAS
E ADOLESCENTES, OS CASOS DE GRETA THUNBERG E
VANESSA NAKATE**

DATA E HORÁRIO DA DEFESA: DIA 28/02/2023, às 10h

BANCA EXAMINADORA

PROFESSORES	ASSINATURA	NOTA
ANA CAROLINE DE BASSI PADILHA		100
AYUMI NAKABA SHIBAYAMA		100
CARLA CÂNDIDA RIZZOTTO		100
	MÉDIA	100

Curitiba, 28 de FEVEREIRO de 2023.

Prof. Kelly Cristina de Souza Prudencio
Coordenadora de Curso



AGRADECIMENTOS

Ao longo desses anos de graduação tive a oportunidade e o privilégio de aprender mais do que eu poderia imaginar, vivenciar experiências que me moldaram, conhecer o mundo e a mim. É importante olhar em volta e reservar um tempo para agradecer àqueles que tornaram tudo isso possível:

Aos meus pais, Miriam e Antônio, e à minha irmã, Débora, por apoiarem e encorajarem todos os meus sonhos, por mais estranhos que pudessem parecer ou por mais longe que eles me levassem. Obrigada por fazerem o possível e, por vezes, o impossível para que se tornassem realidade.

Aos meus amigos da faculdade, que estiveram ao meu lado desde o primeiro dia, dividiram comigo os melhores e os piores momentos destes últimos anos e continuam a fazê-lo. Agradeço também a todos os outros amigos que encontrei ao longo do caminho, que tornaram tudo mais divertido e, quando necessário, me apresentaram todo o carinho e cuidado para enfrentar os problemas cotidianos. Ana, Guilherme e Rodrigo, vocês moram no meu coração!

Ao meu namorado, que segurou minha mão nos tempos mais difíceis e me ajudou a acreditar que eu conseguiria, sim, finalizar a segunda graduação, mesmo em meio ao caos e a dificuldade de conciliar todas as responsabilidades.

Aos professores e mestres que tive o privilégio de conhecer nessa longa jornada de conhecimento. Foram, ao todo, sete anos em diversas salas de aula, três cursos de graduação e intercâmbios, incontáveis matérias, textos, autores e professores que abriram meus olhos para novos mundos, possibilidades e interesses, como os tópicos apresentados neste trabalho. Agradeço também a minha orientadora, Ana Caroline, por todos os apontamentos e trocas na produção dessa pesquisa, e por sua compreensão e auxílio.

E, em especial, à Universidade Federal do Paraná, que me abriu um universo de oportunidades e portas, através de um ensino gratuito e de qualidade sem o qual não estaria onde estou hoje. Agradeço a universidade pública por permitir e conceder a tantos o privilégio do acesso à educação e por seguir firme em meio à todas as adversidades. Vida longa a ela, que continua resistindo.

*“Nesta vida, pode-se aprender três coisas de uma
criança: estar sempre alegre, nunca ficar inativo
e chorar com força por tudo o que se quer.”*

- Paulo Leminski

RESUMO

O presente trabalho aborda o tema do engajamento político e social das crianças e adolescentes em causas e movimentos de ativismo em redes sociais. A emergência de novos meios de comunicação no ciberespaço e um maior entendimento acerca do crescente acesso às tecnologias da informação e da comunicação possibilitam discussões para compreender as novas formas de ativismo infanto-juvenil. A partir desta perspectiva, foram pesquisadas a participação e o envolvimento histórico de crianças e adolescentes em diferentes causas, até sua mobilização recente em torno da causa da mudança climática. À medida que a participação das crianças e adolescentes em assuntos e causas de seu interesse é facilitada pelo seu acesso à internet, é relevante entender como essa participação ocorre e repercute de formas diferentes em espaços, não apenas geográficos, mas políticos, como Norte e Sul. Para isso, foi realizada uma análise das redes sociais de duas jovens ativistas climáticas, Greta Thunberg e Vanessa Nakate, nascidas na Suécia e na Uganda, respectivamente. Os principais conteúdos analisados, em uma metodologia de estudo qualitativa, foram os textos, fotos, hashtags, vídeos e legendas de perfis de Twitter e Instagram. As atividades, em forma de curtidas, comentários, interações e retweets, servem como medidas de ressonância do conteúdo publicado. Este estudo visa compreender como crianças e adolescentes de diferentes localizações geográficas fazem uso do ciberespaço e das novas mídias para expressar suas visões buscando se inserir no cenário da política internacional, ambiente em que foram tradicionalmente excluídas e invisibilizadas. Greta e Vanessa, ambas mulheres jovens ativistas, se utilizam das redes para alcançar espaço e visibilidade em assuntos em que não são tradicionalmente abertos à participação infanto-juvenil.

Palavras-chave: Redes sociais. Greta Thunberg. Vanessa Nakate. Comunicação. Ativismo infanto-juvenil.

ABSTRACT

The present work addresses the topic of political and social engagement of children and adolescents in causes and activism movements in social networks. The emergence of new means of communication in cyberspace and a greater understanding of the growing access to information and communication technologies enables discussions to understand the new forms of child and youth activism. From this perspective, the participation and historical involvement of children and adolescents in different causes were researched, until their recent mobilization around the climate change cause. As the participation of children and adolescents in subjects and causes of interest to them is facilitated by their access to the internet, it is relevant to understand how this participation occurs and has repercussions in different ways in spaces, not only geographical, but also political, such as North and South. For this, an analysis of the social networks of two young climate activists, Greta Thunberg and Vanessa Nakate, born in Sweden and Uganda, respectively, was carried out. The main contents analyzed, in a qualitative study methodology, were the texts, photos, hashtags, videos and subtitles of Twitter and Instagram profiles. Activities, in the form of likes, comments, interactions and retweets, serve as measures of resonance for published content. This study aims to understand how children and adolescents from different geographic locations make use of cyberspace and new media to express their views, seeking to insert themselves in the international political scenario, an environment in which they have traditionally been excluded and made invisible. Greta and Vanessa, both young women activists, used social networks to gain space and visibility in matters that are not traditionally open to child and youth participation.

Keywords: Social media. Greta Thunberg. Vanessa Nakate. Communication. Child and youth activism.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	- PORCENTAGEM POPULACIONAL DE CRIANÇAS ENTRE 0-14 ANOS DE IDADE	19
FIGURA 2	- OS PIRATAS DE EDELWEISS	40
FIGURA 3	- SOPHIE SCHOLL	41
FIGURA 4	- CLAUDETTE COLVIN	42
FIGURA 5	- CRIANÇAS NO MOVIMENTO PELOS DIREITOS CIVIS ...	44
FIGURA 6	- CRIANÇAS PELO FIM DA SEGREGAÇÃO RACIAL	44
FIGURA 7	- ESTUDANTES PROTESTAM NO LEVANTE DE SOWETO	45
FIGURA 8	- CRIANÇAS SEM TERRINHA EM DIREÇÃO À PRAÇA DOS TRÊS PODERES	48
FIGURA 9	- EXPOSIÇÃO À EVENTOS EXTREMOS DE CRIANÇAS NASCIDAS EM 1960 E 2020	51
FIGURA 10	- EMISSÃO DE CO2 PER CAPITA	52
FIGURA 11	- MAPA DA VULNERABILIDADE CLIMÁTICA	53
FIGURA 12	- PARCELA DA POPULAÇÃO USANDO A INTERNET	55
FIGURA 13	- PERFIL DE GRETA NO INSTAGRAM	70
FIGURA 14	- PERFIL DE GRETA NO TWITTER	70
FIGURA 15	- PERFIL DE VANESSA NO INSTAGRAM	71
FIGURA 16	- PERFIL DE VANESSA NO TWITTER	71
FIGURA 17	- PUBLICAÇÃO DE GRETA EM FRENTE AO PARLAMENTO EM 2018	74
FIGURA 18	- PUBLICAÇÃO DE GRETA SOBRE GREVE ESCOLAR	75
FIGURA 19	- PUBLICAÇÃO DE VANESSA EM FRENTE AO PARLAMENTO	76
FIGURA 20	- GRETA ENCARA TRUMP	80
FIGURA 21	- TWEET DE DONALD TRUMP	80
FIGURA 22	- TWEET DE TRUMP SOBRE GRETA	81
FIGURA 23	- TWEET DE GRETA EM RESPOSTA A TRUMP	81

FIGURA 24	- PUBLICAÇÃO MAIS CURTIDA DE GRETA EM _RESPOSTA A DONALD TRUMP	82
FIGURA 25	- VANESSA NAKATE NA COP25	84
FIGURA 26	- VANESSA E GRETA NA COP 25	84
FIGURA 27	- PUBLICAÇÃO DE VANESSA NAKATE SOBRE IMAGEM VEICULADA NA MÍDIA	85
FIGURA 28	- PUBLICAÇÃO DE GRETA SOBRE GREVE ESCOLAR NA PANDEMIA	90
FIGURA 29	- PUBLICAÇÃO DE VANESSA SOBRE GREVE ESCOLAR DURANTE A PANDEMIA	91
FIGURA 30	- PUBLICAÇÃO DE GRETA EM FRENTE AO PARLAMENTO SUECO	92
FIGURA 31	- PUBLICAÇÃO DE VANESSA SOBRE REVISTA TIME	93
FIGURA 32	- PUBLICAÇÃO DE GRETA COM MALALA E VANESSA	95

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	- ELEMENTOS DA ANÁLISE MULTIPLATAFORMAS	68
QUADRO 2	- REDES SOCIAIS DE GRETA THUNBERG E VANESSA NAKATE EM NÚMEROS	72
QUADRO 3	- PAPÉIS DE LIDERANÇA EM MOVIMENTOS DE ATIVISMO	88

LISTA DE SIGLAS

COP - Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas

ITU - União Internacional de Telecomunicações

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

NNAT - Meninas, Meninos e Adolescentes Trabalhadores

ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

ONG - Organização Não Governamental

ONU - Organização das Nações Unidas

UNFPA - Fundo de População das Nações Unidas

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A CRIANÇA E O ADOLESCENTE NO CENÁRIO INTERNACIONAL .	17
2.1	AGÊNCIA DA CRIANÇA NA POLÍTICA INTERNACIONAL	20
2.2	CRIANÇAS DO NORTE E SUL GLOBAL	28
3	CRIANÇAS E JOVENS ATIVISTAS	34
3.1	BREVE HISTÓRICO DE ATIVISMO INFANTO-JUVENIL NO SÉCULO XX	39
3.2	ATIVISMO INFANTO-JUVENIL NO SÉCULO XXI: O MOVIMENTO CLIMÁTICO	49
3.3	CIBERESPAÇO COMO MEIO PARA O ATIVISMO	53
4	GRETA THUNBERG E VANESSA NAKATE: ATIVISMO NO NORTE E SUL	62
4.1	METODOLOGIA DE ANÁLISE DE REDES SOCIAIS	67
4.2	ESTUDO DE CASO: REDES SOCIAIS DE GRETA E VANESSA	69
5	CONCLUSÃO	97
	REFERÊNCIAS	102

1 INTRODUÇÃO

As crianças e adolescentes, em parte por estarem mais associados ao espaço privado, representam um grupo social tradicionalmente marginalizado quanto à atividade política e o cenário público ou internacional. A política é tradicionalmente uma atividade de acesso exclusivo a alguns, e os demais estão condicionados à não participação (MIGUEL; BIROLI, 2010).

O grupo social infanto-juvenil e os indivíduos que o compõem utilizam de maneiras alternativas de participação nesse cenário, em especial as mobilizações em formas de ativismo, facilitadas no século XXI pelo espaço digital. O crescente desenvolvimento das tecnologias da informação, em especial dos meios de comunicação, forneceu para estes grupos anteriormente restringidos por suas fronteiras geográficas e limitações sociais, a possibilidade de tornarem-se políticos e globais. Destacam-se pela participação ativa no movimento climático as jovens ativistas Greta Thunberg e Vanessa Nakate, que utilizam as redes sociais para expressar suas visões e demandarem atenção às suas pautas e causas. O direito à participação não é apenas uma questão de Direitos Humanos, mas também do Sistema Internacional de Direitos das Crianças, de modo que se faz relevante compreender como as telecomunicações contribuem para sua concretização em diferentes regiões do planeta, evidenciando os contextos em que se desenvolvem as diversas infâncias no Norte e no Sul.

As crianças e adolescentes, tradicionalmente associados ao âmbito privado, têm suas vozes silenciadas e sua agência invisibilizada, ainda que representem uma grande porção da população mundial e que sejam responsáveis por profundas mudanças estruturais. O presente trabalho justifica-se pela necessidade de compreensão do uso das tecnologias da informação como forma de buscar e legitimar a garantia de direitos, como o de participação, para grupos tradicionalmente marginalizados. Os indivíduos com idades entre 0-14 anos representam, ao menos, 25% da população mundial, enquanto a faixa populacional de 10-24 anos representa aproximadamente 24% (UNFPA, 2022). Os jovens são, portanto, ao menos um terço dos habitantes do mundo e, mesmo assim, nem os

estudos de infância e juventude e nem esse grupo social têm impacto decisivo nas decisões políticas nacionais e internacionais.

Por sua associação à proteção, as crianças costumam ser representadas, tendo outros sempre falando em seu nome, desconsiderando suas próprias vozes nos assuntos que as interessam (JEFFERESS, 2002). Existem, todavia, exemplos de crianças e adolescentes que se posicionaram e demandaram das autoridades atenção às suas pautas durante a história. As jovens Greta Thunberg e Vanessa Nakate, por exemplo, defendem a causa climática em espaços públicos, utilizando-se principalmente de meios alternativos de comunicação disponibilizados pela emergência do ciberespaço. A participação política do indivíduo através do ciberespaço pode ser capaz de gerar pressão por meio de ações coletivas, descentralizando das mãos do Estado e da grande mídia o controle único da informação. Por esse motivo, faz-se relevante compreender de que forma as redes sociais impulsionam o ativismo infanto-juvenil em diferentes regiões, especificamente, Norte e Sul.

A motivação e interesse para o desenvolvimento deste trabalho parte também do contato da autora com as teorias das Relações Internacionais acerca de agência e estruturas no sistema internacional, vindas de sua primeira graduação em Relações Internacionais. A pesquisa desenvolvida pela autora em sua monografia “Crianças em violência armada organizada e crianças-soldado: políticas de proteção e reintegração para jovens em conflitos armados” (MARTINS, 2021), trata dos esforços estatais e dos organismos internacionais na desmobilização de jovens em contextos de guerra e de violência armada, em especial aqueles envolvidos no tráfico de drogas no Rio de Janeiro. No presente trabalho, busca-se dialogar com o tema de pesquisa da infância e juventude no Sul Global, além de trazer os aspectos da Comunicação Social que estão presentes na mobilização deste grupo social no ambiente político. Dessa forma, um dos motes deste trabalho é a continuidade do desenvolvimento de pesquisa acerca da agência das crianças e adolescentes no cenário internacional valorizando suas diversidades e englobando desde aquelas envolvidas ativamente em conflitos armados até aquelas engajadas em causas de ativismo.

Dada a relevância da temática, este trabalho busca fazer um levantamento dos conceitos atrelados à participação política de crianças e adolescentes e ao ciberespaço, analisar dados e relacioná-los para compreender de que maneira as novas mídias e as redes sociais estão presentes na ascensão de um ativismo político infanto-juvenil. A pesquisa busca também evidenciar as diferenças entre Greta e Vanessa em relação às suas nacionalidades e ao ambiente em que estão inseridas, destacando as diferenças entre as infâncias do Norte e Sul Global. O recorte temporal utilizado para análise das redes sociais de ambas é desde o ano de 2018 até o ano de 2022, período em que suas postagens e ações ganharam mais visibilidade no cenário internacional.

Essa pesquisa busca, como objetivo geral, compreender de que forma as crianças e adolescentes se utilizam das redes sociais e novas mídias para promover suas pautas e exercer sua cidadania e direito de participação no cenário internacional. Os objetivos específicos são:

- Compreender o papel da criança e sua agência no cenário político internacional, assim como as concepções tradicionalmente associadas à infância e adolescência;
- Diferenciar os conceitos e vivências das infâncias, juventudes e do ativismo destes públicos no Norte e no Sul Global;
- Identificar conceitos e momentos históricos de participação e ativismo infanto-juvenil em diferentes causas e movimentos;
- Analisar de que forma a tecnologia, o ciberespaço e as redes sociais funcionam enquanto aliadas deste grupo social para exercer cidadania e participar ativamente de discussões no espaço público;
- Exemplificar o uso do ciberespaço no ativismo infanto-juvenil no Norte e Sul através das experiências nas redes sociais de Greta Thunberg e Vanessa Nakate.

Através de uma pesquisa qualitativa de caráter interpretativo, do uso da coleta de dados e fontes, busca-se compreender e diferenciar os principais conceitos aqui tratados: crianças e adolescentes, atuação no cenário internacional, redes sociais. Para isso, são utilizados autores de diferentes áreas do conhecimento para embasamento teórico, em especial da teoria construtivista e

dos estudos de gênero, além dos estudos acerca dos conceitos geopolíticos de Norte e Sul. O ciberespaço e o surgimento da internet também são abordados enquanto conceitos, bem como sua utilização por movimentos ativistas. Por fim, faz-se uma análise de publicações nas redes sociais Twitter e Instagram de Greta Thunberg e Vanessa Nakate a partir da coleta e interpretação de conteúdos imagéticos e textuais. Para Antonio Carlos Gil (2021), as postagens na era digital são documentos pessoais tão relevantes quanto cartas e fotos. O uso de documentos para pesquisas qualitativas é “imperativo porque constitui a única forma de obtenção de informação acerca de determinados problemas” (GIL, 2021, p. 131). Os documentos pessoais, portanto, possibilitam a investigação dos processos sociais de mudança social e cultural, o conhecimento do passado e o entendimento do presente.

O primeiro capítulo deste trabalho problematiza aspectos atrelados a infância através de um levantamento de fontes e referências bibliográficas relacionadas ao papel, agência e influência das crianças no âmbito público e internacional. Com o propósito de compreender a presença das crianças e adolescentes, é realizado um estudo acerca de quatro dicotomias relevantes para a pesquisa. São elas: agente e estrutura, público e privado, adulto e criança e, por fim, Norte e Sul Global. As dicotomias deste capítulo tratam da construção social da noção de infância e, para tanto, as principais abordagens evidenciadas se apoiam na teoria construtivista e nos estudos de gênero.

Por sua vez, o segundo capítulo aborda especialmente o direito de participação das crianças e adolescentes e uma das formas efetivas desta participação: os movimentos de ativismo infanto-juvenil. O estudo de momentos históricos de ativismo das crianças e adolescentes no século XX contribui para um maior entendimento das causas e pautas levadas por esses indivíduos, além de evidenciar sua presença no cenário público. A causa climática é então abordada para entender porquê a grande adesão dos mais jovens em torno desta temática. É importante ressaltar que o objetivo desta pesquisa não é aprofundar-se na causa climática, apesar do reconhecimento de sua urgência e importância, mas sim compreender o porquê gera identificação e mobilização por parte das crianças e adolescentes. Por fim, ainda neste capítulo, é feito um estudo dos conceitos ao

redor do ciberespaço e do avanço das telecomunicações para analisar as novas formas de ativismo digital no século XXI.

Durante o terceiro e último capítulo, a pesquisa buscará evidenciar as diferenças encontradas em relação ao ativismo infanto-juvenil entre as sociedades no Norte e no Sul - a exemplo das duas ativistas: Greta e Vanessa. Para isso, serão analisadas publicações, fotos e textos, bem como comentários de outros usuários e repercussão de ambas na grande mídia, jornais, revistas e televisão. Dessa forma, relaciona-se os conceitos de agência infanto-juvenil e de instrumentalização do ciberespaço como forma de participação política e ativismo com as experiências reais de jovens no Norte e no Sul.

2 A CRIANÇA E O ADOLESCENTE NO CENÁRIO INTERNACIONAL

De acordo com o primeiro artigo da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989), a criança é entendida como “todo ser humano com menos de 18 anos de idade, salvo quando, em conformidade com a lei aplicável à criança, a maioridade seja alcançada antes”. Essa definição, ainda que amplamente utilizada, foi criticada por sua generalização, já que não considera diferenças em gênero, idade, classe social e raça, por exemplo. Por esse motivo, meninas e meninos, de todas as classes sociais, que trabalham ou não, inseridas em famílias e ambientes completamente distintos são igualmente denominadas e legalmente amparadas por seu status enquanto “criança” (JEFFERESS, 2002).

Ainda que as críticas à definição de criança se devam à sua amplitude, é justamente este o objetivo por trás da Convenção e dos mecanismos internacionais de Direito das Crianças: abranger o maior número possível de indivíduos. Ao definir a criança como todo indivíduo menor de 18 anos, as Nações Unidas tentam facilitar um consenso entre os Estados, apresentando uma definição ampla que seja de fácil inserção nos diferentes dispositivos jurídicos ao redor do mundo, alcançando assim um maior número de pessoas (MARTUSCELLI, 2014). Esse conceito amplo, portanto, é benéfico, já que almeja justamente uma grande abrangência para facilitar a criação de políticas públicas e incluir uma maior gama de indivíduos. Além disso, a maioria dos estados-membros da Organização das Nações Unidas (ONU) usam dessa definição de 18 anos como maioridade para a necessária garantia de direitos civis, como ao voto, e para aplicação de leis, como a questão da maioridade penal aos 18 anos (SINGER, 2006).

A construção da infância enquanto um período de inocência e educação parte de uma visão ocidental, à medida em que a urbanização da Europa trouxe uma necessidade de educação básica (MARTINS, 2021). Quando os mais jovens passaram, nesse contexto social, a dedicar-se à educação e vivenciaram outras responsabilidades que não se limitavam apenas ao espaço privado, o período de educação formal aumentou e, junto com este, a visão do que é considerado ser criança também se estendeu (AITKEN, 2001). A noção de infância como este período de inocência que precisa ser protegido parte, portanto, de uma reação às

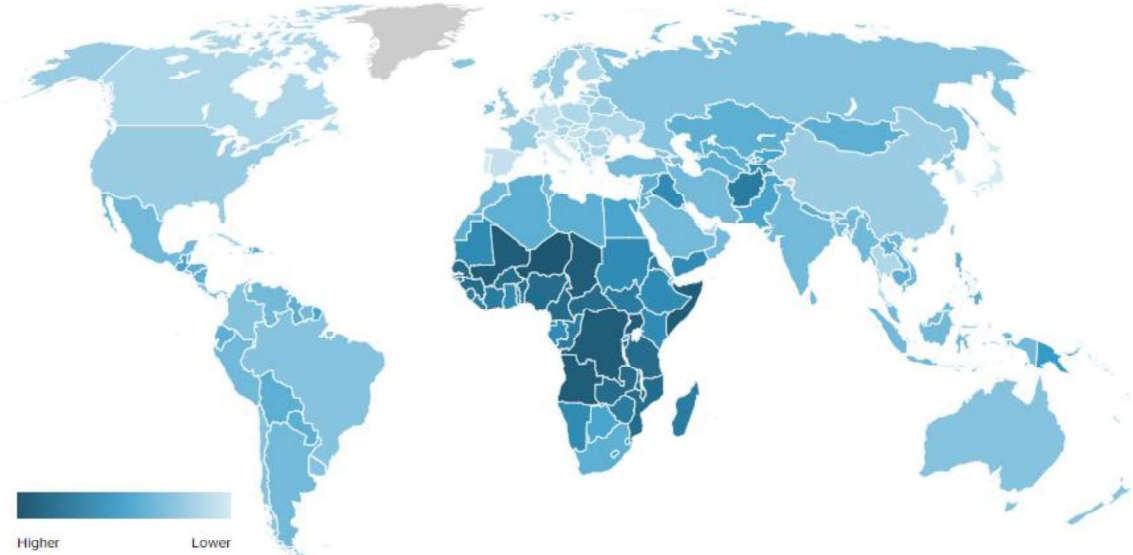
mudanças socioeconômicas. A troca da associação da criança com o trabalho para a associação à educação é o fator determinante do período considerado infância (JEFFERESS, 2002). Essa nova conceituação, atrelada à universalização e romantização das ideias de infância e criança associadas à inocência, pode invisibilizar aquelas que estão envolvidas em temáticas como trabalho infantil, tráfico de pessoas, violência armada, entre outras - já que são uma afronta às noções dominantes de criança (MARTINS, 2021).

A dicotomia que traz a definição da criança é a oposição adulto-criança, ou seja, a criança passa a ser vista como um ser maleável e passivo, que ainda não se desenvolveu (SCHAPIRO, 1999). Jefferess (2002) afirma que há uma implicação paternalista da legislação, que garante a proteção, mas não necessariamente assegura o direito de participação - nem mesmo na elaboração da própria Convenção que dispõe sobre os seus próprios direitos. As crianças e os jovens são frequentemente representados por adultos falando em seu nome e, ainda que essa seja uma forma de representação e advocacia, essa ação pode levar a uma diminuição de sua ação e suas vozes enquanto participantes ativas na busca de seus direitos. Isso não significa, no entanto, que não existam redes transnacionais de advocacia pública que busquem os melhores interesses das crianças e adolescentes ao representá-los na busca por direitos, mas sim que os espaços de tomada de decisão e os formuladores de políticas podem estar distanciados destes indivíduos.

Dentre as aproximadamente 7,8 bilhões de pessoas no mundo, 25% são crianças com idades entre 0-14 anos (UNFPA, 2022). Enquanto isso, a faixa populacional de 10-24 anos representa pelo menos 24% da população mundial, de acordo com o UNFPA, o Fundo de População das Nações Unidas (2022). Dessa forma, é possível afirmar que no mínimo um terço das pessoas no mundo correspondem à definição tradicional de criança. A distribuição populacional desses jovens, no entanto, varia. Os países com a maior concentração de crianças ainda são aqueles considerados do Sul Global, ou de Terceiro Mundo. A Figura 1 evidencia a porcentagem de crianças de até 14 anos de idade em comparação ao restante da população de cada país. Em azul claro, as regiões em que a

porcentagem populacional desta faixa etária é mais baixa e, em azul escuro, os países que mais possuem indivíduos de menos de 14 anos de idade.

FIGURA 1 – Porcentagem populacional de crianças entre 0-14 anos de idade



Fonte: UNFPA (2022)

O UNFPA (2022) considera Estados como Estados Unidos, Austrália, Japão e outros países da Europa como um grupo de países “mais desenvolvidos”, em que uma média de 16% dos indivíduos têm entre 0-14 anos. Já nos países considerados como tendo um menor índice de desenvolvimento, entre estes todos da América Latina, África e Ásia, a porcentagem de crianças nessa faixa etária cresce para 27% em comparação à população total. Um terceiro grupo ainda é apontado pela instituição, como os países “menos desenvolvidos” - 47 Estados, dos quais 33 pertencem ao continente africano, 9 à Ásia, 4 à Oceania e apenas 1 à América Latina. Neste grupo, a porcentagem de indivíduos entre 0 e 14 anos sobe para 38% do total populacional, podendo chegar a 46% e 49% em países como Angola e Nigéria, respectivamente. Isso significa que, em alguns Estados, mais da metade da população é formada por crianças e adolescentes, tendo em vista que esse índice só leva em consideração a faixa etária de até 14 anos de idade.

As diferenças em termos populacionais de países do Norte Global para países do Sul são especialmente significativas se aliadas a outros índices, como de trabalho infantil, conflitos armados, educação, casamento infantil, saúde e taxa de natalidade entre adolescentes. Quando a temática é ativismo infanto-juvenil,

também é evidente que, apesar da maior parte das crianças residirem no Sul, é no Norte do globo que o ativismo deste grupo social tem mais força e visibilidade.

A presença das crianças enquanto grupo social dá-se tanto pelos números quanto pelas diferentes temáticas que as cercam, mudança climática, tecnologia, sustentabilidade, entre outras. Desempenham uma variedade de papéis na política internacional e atuam ativamente em diversos cenários. Apesar da relevância da presença da criança, evidenciada pelas estatísticas, sua participação segue limitada ou associada mais comumente à esfera privada, mostrando que as crianças não recebem o reconhecimento de seus papéis no cenário internacional. É necessário, portanto, compreender a agência destes indivíduos no espaço público.

2.1 AGÊNCIA DA CRIANÇA NA POLÍTICA INTERNACIONAL

Para compreender a agência das crianças enquanto indivíduos e grupo social, esse trabalho dá ênfase inicialmente a três discussões, dicotomias ou relações essenciais para entender o posicionamento da criança: agente-estrutura, público-privado e criança-adulto. A primeira discussão está relacionada a um debate metateórico, a partir do qual é possível observar a influência das teorias construtivistas no entendimento das crianças e seu papel no cenário internacional. Já a segunda dicotomia está associada aos estudos de gênero e os questionamentos a respeito do espaço público e de agência invisível, conceito desenvolvido por Cynthia Enloe (2014). Para compreender como essas discussões constituem a identidade da criança em oposição à do adulto, estuda-se a terceira dicotomia, criança-adulto. Uma quarta dicotomia faz-se relevante para compreender as diferenças em vivências e experiências das crianças e adolescentes pelo mundo, a questão Norte e Sul.

Nas teorias tradicionais da política internacional, o Estado é reconhecido como único ator que possui relevância internacional, já que essas teorias estão geralmente associadas ao poder e ao uso da força (OLIVEIRA, 2001, p. 82). Dentro das correntes tradicionais Estado-cêntricas, as crianças e adolescentes enquanto grupo e enquanto indivíduos não encontram espaço, já que sua fonte de poder

difícilmente é militar ou econômica. No entanto, a atuação e influência desses indivíduos no cenário internacional pode sim estar associado ao poder militar e econômico, principalmente considerando que representam uma grande parcela da população mundial. As teorias que sucedem as tradicionais na política internacional evidenciam a influência que outros atores transnacionais, como empresas, grupos e organizações, podem ter na sociedade internacional contemporânea. À medida que as empresas transnacionais e organizações internacionais, intergovernamentais e não-governamentais, começam a se multiplicar e ganhar relevância nesse cenário, os Estados deixam de ser a única fonte de poder reconhecida pelas teorias (OLIVEIRA, 2001). Outros grupos transnacionais também entram em destaque no sistema internacional, entre eles: sindicatos, instituições - como as religiosas e midiáticas -, grupos terroristas, redes de ativismo e, por fim, os indivíduos. Para a abordagem de política internacional denominada transnacional, todos esses grupos são considerados atores relevantes nas relações internacionais (OLIVEIRA, 2001). Dessa forma, as crianças e outros grupos tradicionalmente marginalizados pelas teorias tradicionais começam a encontrar espaço.

O debate agente-estrutura é uma discussão teórica baseada em críticas às teorias de política internacional, que são em sua maioria centradas no agente ou estruturais. As teorias de agência tendem a ignorar a relevância das estruturas na determinação do agente, enquanto as teorias estruturais podem deixar de lado a autonomia dos agentes em suas análises (SARFATI, 2005). Algumas das teorias consideradas de agência, incluindo o Realismo e o Liberalismo, restringem o poder aos atores, enquanto teorias estruturais – como as de origem marxista – podem minimizar o papel dos agentes. Entre os extremos, surge a abordagem construtivista. Para autores construtivistas como Giddens (2003), não é o surgimento da relação entre esses dois elementos que deveria estar em foco, e sim a forma em que são mutuamente construídos: a estrutura define o agente ao mesmo tempo em que o agente define a estrutura.

No caso do estudo das crianças na política internacional, é importante reconhecer que a estrutura e ambiente em que estão inseridas pode ser extremamente determinante de seu papel, mas que sua agência também ocorre

apesar da estrutura e pode alterá-la. O construtivismo reconhece, portanto, que o Estado não possui uma natureza a-histórica, mas sim que é parte de uma construção social e que seus interesses também fazem parte desse processo (MARTINS, 2021). Dessa forma, as ideias e noções de criança e de infância também são parte de um processo de construção social. Explica-se, portanto, como as diferenças sociais e culturais de um determinado local para outro também condicionam a criança a uma realidade diferente da que pode vir a ser conhecida como a concepção tradicional de infância – amplamente baseada nas experiências ocidentais. Para Alexander Wendt (1994), a relação com o diferente que forma a identidade, ou seja, a percepção individual é resultado de uma interação social. Para as crianças, por exemplo, a identidade é formada com base na dicotomia entre esta e o adulto. Essa identidade seria constantemente modificada pelo meio, enquanto também o molda.

Os atores não-estatais, entre eles empresas, grupos e indivíduos, se mobilizam e proporcionam uma interação entre o ambiente nacional e internacional. Para esse trabalho, a forma mais relevante que essa interação assume se traduz nas redes transnacionais de advocacia pública - sistemas de interação em que grupos ou entidades não estatais advogam por suas demandas no sistema internacional (KECK; SIKKINK, 2014). Esse é o caso, por exemplo, das redes e movimentos de ativismo político. Os direitos e avanços nos sistemas internacionais de proteção à criança estão constantemente atrelados a essas redes transnacionais de advocacia pública. É nesse aspecto que é possível verificar a constituição mútua entre agente e estrutura.

Para melhor compreender o papel das crianças e adolescentes na política internacional, o debate entre público e privado é analisado. O imaginário coletivo a respeito da criança a associa à imagem feminina, de uma mãe, e à família, ambiente privado, além da ideia de cuidado e proteção. Por esse motivo, os estudos de gênero ajudam a construir a base teórica para uma pesquisa direcionada a influência e agência das crianças no cenário internacional. O gênero, enquanto conceito socialmente construído, é a institucionalização das diferenças sexuais (OKIN, 1989). A ausência de reflexão acerca da dicotomia público-privado nas teorias mais tradicionais em diferentes disciplinas é responsável pela negligência

às questões de gênero. O ambiente doméstico é frequentemente separado do ambiente público nas teorias mais tradicionais e, mesmo nas mais recentes, as questões envolvendo a família não são vistas como questões políticas, ainda que seja um espaço de política e negociações (MARTINS, 2021). As mulheres e o feminino foram historicamente menos associados à vida pública e confinados ao âmbito privado, sendo esse o ponto central do movimento feminista (PATEMAN, 1996).

A divisão histórica do trabalho contribuiu para a associação dos homens à vida pública e a das mulheres à vida doméstica – consideradas inadequadas para o âmbito público (OKIN, 1989). Essa diferenciação estaria ainda associada aos mitos simbólicos ligados à imagem das mulheres e as características a ela associadas, enquanto cuidadora das crianças e da família (OKIN, 1989; PATEMAN, 1996). É possível notar, dessa forma, a associação da criança ao feminino. A defesa da não intervenção do Estado em questões do ambiente privado, as que ocorrem dentro do lar, e a ascensão de teorias neoliberais reforçam as desigualdades de gênero (MARTINS, 2021). O ambiente público, portanto, passa a ser aquele em que a interferência é mais facilitada, enquanto no ambiente privado a interferência externa é dificultada. A política, portanto, é uma atividade tradicionalmente acessível apenas a certos grupos da sociedade, enquanto os demais acabam sub-representados e condicionados culturalmente à não participação (MIGUEL; BIROLI, 2010). Esse, em grande parte, é o caso das mulheres, crianças e jovens.

A vida privada não é imune às relações de poder e desigualdades, e as disparidades entre gêneros no mercado de trabalho e na política podem ser consideradas ao mesmo tempo consequência e causa das desigualdades no âmbito familiar (OKIN, 1989). Dessa forma, para os estudos de gênero e abordagens feministas, a diferenciação entre o que cabe à vida privada e à pública não se sustenta. A interpretação de que a vida doméstica e a vida pública não podem ser interpretadas isoladamente dão origem a um dos lemas que pauta as teorias feministas: “O pessoal é político” (HANISCH, 1969).

Para as teóricas feministas, então, a família começa a ser considerada um fator de natureza política, tanto enquanto agente no cenário político quanto como

afetada pelas estruturas deste cenário. É possível estender a crítica feminista também à negligência do estudo de crianças nas teorias políticas, uma vez que as crianças estão não apenas associadas no imaginário popular à figura feminina de sua genitora, mas também ao ambiente doméstico (MARTINS, 2021). A politização do privado pelos estudos de gênero traz a possibilidade de abordar também as questões relacionadas às crianças e à infância em um ambiente público, diferente daquele em que habitualmente transitam. As manifestações políticas, como as que serão evidenciadas neste trabalho, fazem parte do ambiente público da política e das relações internacionais. As crianças, representando uma grande parcela numérica da população, também precisam ser consideradas nesses ambientes.

As abordagens tradicionais relacionam a agência no cenário internacional, na política e até mesmo na vida pública, ao poder e sua capacidade de exercê-lo – principalmente econômico ou militar. Uma vez que as mulheres, assim como as crianças, não possuíam tradicionalmente poder econômico ou militar aparente, dificilmente figuravam entre os atores relevantes ou agentes políticos (MARTUSCELLI, 2014). Cynthia Enloe (2014) cunha o termo “agência invisível” para referir-se às mulheres na vida pública, reforçando que as mulheres não são consideradas agentes pelas teorias porque sua atuação se dá no plano doméstico – que, como visto anteriormente, não teria influência sobre a política internacional. As crianças, por sua associação ao ambiente doméstico e à figura da mulher, também possuiriam uma agência invisível, em que as meninas seriam duplamente invisibilizadas por conta de seu gênero e faixa etária (MARTUSCELLI, 2014). No entanto, nota-se que tanto as mulheres quanto as crianças possuem papéis ativos em questões políticas e internacionais, aumentando gradualmente seu nível de influência, mas mesmo com suas contribuições evidentes, sua agência e voz permanece invisível. Isto não significa que não ocupam estes espaços, como o do ativismo e dos movimentos sociais e políticos, mas que não são tradicionalmente vistas e nem estudadas.

O casamento, o lar e a família também são assuntos de relevância política, e compreender a maneira em que o poder opera nessas relações familiares é essencial para entender como funciona na sociedade como um todo (ENLOE, 2014). Na prática, isso significa que os comportamentos individuais e as relações

privadas também influenciam o cenário internacional. Enloe (2014) ressignifica essa questão ao afirmar que “o pessoal é internacional”, da mesma forma em que “o internacional é pessoal” - ou seja, os assuntos domésticos têm importância para a comunidade internacional e as relações estatais também dependem do âmbito privado. Para Enloe (2014, p. 354, tradução nossa)¹, “não faz sentido continuar analisando política como se as mulheres fossem uma mera reflexão tardia”. Os jovens, que são ao menos um terço da população mundial, também devem ser visualizados não como uma reflexão tardia, mas como parte integrante e que define o cenário internacional.

Para Enloe (2014), a saída para essa problemática é sempre perguntar-se “Onde estão as mulheres?”, em todos os assuntos relacionados à política e às relações internacionais. Ao fazê-lo, nota-se que existem mais mulheres nesse ambiente do que se imagina. Da mesma maneira, ao perguntar-se “Onde estão as crianças e adolescentes?”, percebe-se que estão em todas as partes, não apenas enquanto vítimas ou indivíduos carentes de proteção, nem apenas enquanto consumidoras ou agentes passivos, mas também no papel de figuras influentes, cujas atitudes e posicionamentos são capazes de alterar as estruturas. Isso significa que as mulheres jovens também já estão presentes no âmbito público, ainda que sua agência não seja reconhecida.

Ainda a respeito das mulheres nesse sistema político, verifica-se que:

não são apenas objetos do poder, não são somente fantoches passivos ou vítimas que não pensam. Como vimos, as mulheres de diferentes classes sociais e grupos étnicos fizeram seus próprios cálculos para enfrentar ou se beneficiar das lutas atuais entre os Estados. Esses cálculos resultam em países inteiros se relacionando uns com os outros, muitas vezes em termos hierárquicos. (ENLOE, 2014, p. 355, tradução nossa)².

As mulheres já são agentes no cenário internacional, e a mesma lógica pode ser aplicada às crianças, uma vez que grande parte de suas ações estão

¹ Texto original: It does not make sense to continue analyzing international politics as if women were a mere afterthought.

² Texto original: Women are not just the objects of power, not merely passive puppets or unthinking victims. As we have seen, women of different classes and different ethnic groups have made their own calculations in order to cope with or benefit from the current struggles between states. These calculations result in whole countries becoming related to one another, often in hierarchical terms.

relacionadas a um contexto interno, da família ou do lar, e, portanto, sua agência também não é percebida. Para Jean Bethke Elshtain (1982, p. 289, tradução nossa), “as crianças são as companheiras das mulheres no armário da ciência política”³. Essa associação das crianças ao âmbito privado, também as condicionam a não serem parte da tomada de decisões de forma ativa, reforçando a ideia de que não são agentes em nenhuma área pública (MARTUSCELLI, 2014). Portanto, é possível aplicar o conceito de “agência invisível” também para o estudo da agência dos jovens. Ambas, mulheres e crianças, são geralmente vistas apenas sob a ótica de indivíduos passivos, não frequentemente estudados quanto à sua participação ativa na política.

Na política internacional, assim como em outras disciplinas, as análises tendem a ignorar ou invisibilizar no mínimo um terço da população mundial. No entanto, estudos e análises mais recentes passam a inserir crianças em seus trabalhos e publicações, tanto nas Relações Internacionais quanto na Sociologia e na Comunicação Social. As crianças podem desempenhar diferentes papéis no sistema internacional, ainda que o estudo dessa atuação seja limitado. Para Allison M. S. Watson (2006), as crianças são portadoras de uma agência limitada e uma voz silenciada. O poder, para essa autora, seria um dos principais fatores responsáveis por essas limitações, já que é relacionado à agência e influência, e acredita-se que crianças não possuam nenhum desses. Repensar a relação entre agência e poder é essencial para deixar de visualizar crianças e adolescentes apenas enquanto vítimas das estruturas e não enquanto participantes com capacidade e poder de alterá-las (WATSON, 2004). No entanto, as crianças participam ativamente ao trabalharem, lutarem, buscarem refúgio e consumirem em níveis locais, regionais, nacionais e internacionais (WATSON, 2006). Vê-las enquanto atores individuais e seres capazes de agência pode elucidar visões acerca das estruturas da sociedade que moldam experiências individuais e que também por elas são moldadas.

Para Watson (2006, p. 243, tradução nossa), para que as crianças sejam reconhecidas na ciência política, “a natureza do papel que desempenham deve

³ Texto original: Children being the companion of women in the closet of political science.

primeiro ser entendida e conceitualizada⁴. A construção da imagem da criança, nas diferentes disciplinas do conhecimento, está principalmente atrelada a uma dicotomia relacionada à idade, de adulto-criança. A identidade - construída em oposição ao diferente para Wendt (1994) – da criança seria constituída em oposição aos adultos. As questões que entendemos como biológicas foram, na verdade, socialmente construídas, verifica Enloe (2014). Por esse motivo, a criança é entendida em oposição ao adulto, como um ser em desenvolvimento, sempre distinguido por aquilo que lhe falta em relação a um adulto e por sua necessidade de cuidado e atenção (BOYDEN; LEVISON, 2000).

A perspectiva dominante acerca do desenvolvimento infantil é baseada na uniformidade de estágios definidos de acordo com a idade biológica. A noção de evolução por estágios etários é a base para a maioria das políticas e práticas públicas internacionais, incluindo o sistema educacional, mas não necessariamente é a mais adequada. A visão da criança inocente ou infantilizada as coloca em locais apenas de proteção, e não enquanto seres que mudam e se desenvolvem através de processos complexos (READ, 2002). Para Jo Boyden e Deborah Levison (2000), a infância é mais diversa e heterogênea do que a passagem de tempo e faixas etárias, e outros fatores deveriam ser levados em consideração, como ambiente, desenvolvimento cognitivo, diferenças biológicas, entre outros. Nessa perspectiva desenvolvimentista, o ser adulto seria o objetivo máximo da criança, e à infância é atribuído um papel insignificante, de forma a rejeitar completamente as crianças enquanto agentes (YATES; YOUNISS, 1999).

Existem, no entanto, outros fatores atrelados à socialização da criança que também têm um papel importante nessa construção de identidade. Não existe separação entre individual e social, nesse caso, uma vez que no desenvolvimento infantil não é possível tornar-se um indivíduo sem a socialização e a construção social (BOYDEN; LEVISON, 2000). Crianças inseridas numa mesma sociedade podem ser consideradas adultas em idades diferentes, baseado no papel econômico e social que possuem dentro desta. Desta forma, tanto criança quanto infância são parte de uma construção social, cultural e política. Essa perspectiva

⁴ Texto original: the nature of the role that they play must first be understood and conceptualized.

está relacionada à heterogeneidade das diferentes infâncias. Diferenças em gênero, raça, sexualidade e etnia são partes constituintes da criança enquanto indivíduo e enquanto grupo social. Para efeitos deste trabalho, a diferenciação mais importante é aquela relacionada a Norte e Sul, a ser explorada futuramente. As diferenças de condições econômicas, classe social e constituição do núcleo familiar também têm diferentes implicações no que é considerado infância. Isso significa que crianças de uma mesma idade podem ser as principais fontes de renda de sua família, ou os maiores dependentes em um diferente ambiente doméstico, em uma mesma sociedade (BOYDEN; HOLDEN, 1991). As diferentes realidades enfrentadas pelas crianças com base em seu ambiente não causam impacto na maneira em que são vistas no cenário político internacional e pelo direito internacional.

O papel desempenhado por meninos e meninas também pode diferir muito dentro de um mesmo ambiente, a exemplo de fatores como expectativas de maturidade, dependência, funções, entre outros. As diferenças atreladas à raça também permeiam todos os aspectos da vida social desde a infância. Ainda na educação infantil, crianças constroem ideias de pertencimento racial ligadas às do ambiente em que se encontram, que acaba por definir diferentes papéis para crianças brancas e negras (NUNES, 2015). Esses processos sociais operam numa lógica de exclusão racial. Somente politizando as diferenças é que se faz possível reconhecer a desigualdade no tratamento aferido a diferentes grupos numa mesma sociedade (SILVÉRIO, 2006). Reconhecendo a heterogeneidade das experiências infantis é possível compreender que a identidade da criança não é baseada apenas em sua faixa etária, como oposição ao adulto, mas parte de um processo social muito maior. É por esse motivo que, para Lucia Rabello de Castro (2021), não existe uma infância singular, e sim infâncias no plural.

2.2 CRIANÇAS DO NORTE E SUL GLOBAL

Para a análise da diferenciação entre o Norte e Sul Global, convém analisar o entendimento do conceito de Oriente para Edward Said. De acordo com Said (2007, p.13), “nem o termo ‘Oriente’ nem o conceito ‘Ocidente’ têm estabilidade

ontológica; ambos são constituídos de esforço humano - parte afirmação, parte identificação do Outro”. Essa afirmação conversa com o ideal do construtivismo presente anteriormente neste trabalho, acerca da identidade como um conceito construído com base na oposição ao que é diferente, de acordo com Wendt (1984). Para Said (2007), a relação entre o que é Ocidente e o que é Oriente é construída dessa forma, entre o “nós”, ocidentais, e o “eles”, orientais. Já para efeitos deste trabalho, aplica-se a mesma noção para os estudos acerca de crianças no Norte e Sul Global, uma vez que grande parte dos estudos e até mesmo legislações internacionais partem de uma perspectiva do Norte para o chamado Sul. Isso significa que o que entendemos por Sul Global se dá por conta das interpretações vindas do Norte, e ambas as identidades se constroem com base no que nelas difere. Said (2007, p. 29) define o Orientalismo como um discurso que serve de recurso do “estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente”, ao fazer afirmações a seu respeito, descrevê-lo e defini-lo. Ao tratar-se de Norte e Sul, para Boyden e Levison (2000), isso se traduz no fato de que a maior parte dos estudos e publicações relacionadas às crianças e jovens são provenientes do Norte, inclusive os estudos voltados aos jovens do Sul. Isso causa um problema maior do que apenas a pesquisa, mas também reflete na elaboração de políticas públicas.

As expressões Norte e Sul são constantemente usadas enquanto construções descritivas geopolíticas, não estritamente geográficas. A divisão está relacionada às políticas internacionais do pós-guerra, quando os países colonizados ou aqueles não alinhados ao bloco capitalista e nem ao bloco socialista assumiram posições em relação ao “Primeiro” e “Segundo” Mundo, emergindo um Terceiro Mundo (CASTRO, 2021c). Dessa forma, expressa não apenas locais geográficos, mas as referências de Norte enquanto capital transnacional e Sul enquanto populações marginalizadas. Grande parte dos países do Hemisfério Sul têm a formação social marcada pela colonização e pela exploração política, econômica e cultural (CASTRO, 2021b). Esse é o caso de grande parte dos países da América Latina, África e sul da Ásia, considerados integrantes do Sul Global. A ideia de Sul Global como um conceito que abarca regiões tão diferentes e heterogêneas se refere, especialmente, a um conjunto de desigualdades

econômicas que tem alguma coerência cartográfica (RIGG, 2007). Já a noção de Norte está geralmente atrelada ao conceito de Ocidente, tratando-se especificamente de América do Norte e parte da Europa.

A dicotomia Norte-Sul está amplamente relacionada à outra, a dicotomia centro-periferia. As noções de Norte-Sul amplamente difundidas estão atreladas à uma perspectiva desenvolvimentista - dita de um superior para um inferior - de que o Sul ainda deve crescer e se desenvolver para tornar-se mais como o Norte, tido como o exemplo a ser seguido (CASTRO, 2021b). Assim também é vista a criança em relação ao adulto e, nesse caso, pode-se associar a imagem de um Norte desenvolvido à noção de adulto, à medida que o Sul estaria associado à infância - num esforço de infantilizar constantemente o Hemisfério Sul (*Ibidem*). No entanto, tanto a noção de criança quanto a do Sul como em desenvolvimento - algo que ainda não está totalmente formado - não leva em consideração a diversidade das experiências vivenciadas ao dicotomizar esses conceitos. Além disso, assume que há uma linearidade no desenvolvimento de Estados e de pessoas que segue uma lógica predisposta que não necessariamente é verdadeira, já que a história e o desenvolvimento dos países e dos indivíduos no Sul não é realizada para atingir os padrões do Norte (CASTRO, 2021b).

Os aspectos da infância e juventude no Sul desafiam a visão convencional da experiência da criança tradicional provinda do Norte e, por esse motivo, é frequentemente enquadrada numa visão negativa - a de que essas crianças estariam “fora da infância” (NIEUWENHUYS, 1998). A infância no Sul ainda é exageradamente marginalizada em uma tentativa de “demonstrar a dissonância entre o ideal hegemônico global, com suas raízes no Norte, e as realidades locais de um número significativo de crianças em diversos contextos no Sul” (IMOH, 2016, p. 457, tradução nossa)⁵. Isso não significa que as pesquisas explorando as infâncias daqueles que vivem em contextos difíceis nestes locais não seja relevante e necessária. Tratando-se dos estereótipos atribuídos à África subsaariana, Afua Twum-Danso Imoh (2016, p. 457, tradução nossa), afirma que:

⁵ Texto original: demonstrate the dissonance between the global hegemonic ideal, with its roots in the North, and the local realities of a significant number of children in many contexts in the South.

tais narrativas que enfatizam as experiências dos marginalizados e daqueles em difíceis circunstâncias contribuíram para a criação de uma falsa dicotomia entre as infâncias do Norte e a multiplicidade de infâncias que estão localizadas em diversos contextos que existem no Sul. [...] devemos estar cientes do perigo da história única ao falar sobre a África subsaariana.⁶

Para Jens Qvortrup (2018), não se pode assumir que a agenda de pesquisa sobre infâncias no Sul Global deve estar associada a sua condição enquanto menos favorecidos, em comparação àquelas do Norte, ou em padrões de vida “elevados” de um lado, e “inferiores” do outro. As infâncias localizadas no Sul não poderiam, portanto, ser reduzidas apenas a não modernas ou desviadas. Por esse motivo, é importante também visualizar as infâncias e juventudes do Sul enquanto partes atuantes do cenário internacional, como no caso dos jovens ativistas. Faz-se necessário pensar na possibilidade de o Sul também definir os termos e categorias para se pensar a infância (CASTRO, 2021c). A maioria das pesquisas sobre crianças e jovens localizados no Sul são realizadas por acadêmicos provindos do Norte Global (AITKEN, 2018). Alguns pesquisadores africanos, entre eles Theophilus Okere (2011), tratam da importância de valorizar o “conhecimento local” ao invés de um conhecimento universal. Escutar e dar visibilidade para as experiências dos jovens ativistas do continente africano é uma forma de valorizar a diversidade de outras infâncias e juventudes, em especial do Sul Global.

O estudo “End of Childhood Index Rating” (SAVE THE CHILDREN, 2021b) apresenta um índice que ranqueia os países em que a maior quantidade de crianças “perde a infância”, do menor para o maior. O índice é baseado em taxas de mortalidade, acesso à educação, nutrição, violência e outros fatores considerados pela organização não governamental Save The Children como essenciais para o desenvolvimento do período da infância e juventude. Utilizando-se de dados de 186 países, o estudo divide o ranqueamento em quatro grupos: países em que poucas crianças perdem a infância, algumas, muitas, e por fim, países em que a maioria das crianças perdem a infância. A maior parte dos países

⁶ Texto original: such narratives foregrounding the experiences of the marginalized and those in difficult circumstances have contributed to the creation of a false dichotomy between Northern childhoods and the multitude of childhoods that are located in the diverse contexts that exist in the South. [...] We must be aware of the danger of the single story when talking about sub-Saharan Africa.

do Norte Global figuram na lista em que poucas ou algumas crianças perdem a infância, enquanto os países do Sul Global estão majoritariamente nos dois últimos grupos (SAVE THE CHILDREN, 2021b). Comparando esses dados aos dados populacionais do UNFPA (2022), têm-se que os países em que grande parte da população é formada por pessoas de até 14 anos também são considerados os que as crianças mais “perdem a infância”. Ou seja, se a população da Nigéria é formada em 49,5% por essa faixa etária (UNFPA, 2022) e é um dos países em que as crianças mais perdem a infância (SAVE THE CHILDREN, 2021b), é possível aferir que a Nigéria é um país inseguro para mais de metade de sua população.

Ainda que os conceitos tidos como universais de infância tenham sido questionados neste trabalho, para efeitos desta pesquisa, é relevante pontuar que a Suécia, país da ativista Greta Thunberg, figura em quinto lugar no ranqueamento da Save The Children (2021b), entre os países em que poucas crianças perdem a infância. Enquanto isso, o país da jovem Vanessa Nakate, Uganda, aparece na posição 156 junto ao grupo em que muitas crianças perdem a infância. Compreender os dados populacionais, assim como os conceitos que definem geopoliticamente as regiões do Norte e Sul, é essencial para entender a emergência e as diferenças nas formas de ativismo infanto-juvenis entre elas. Além disso, a pesquisa a respeito das diferentes infâncias e juventudes nesses espaços ajuda a compreender como o local interfere nas práticas de ativismo e até mesmo na visibilidade dos ativistas em diferentes localizações. Considerando ainda que a maioria da população de até 14 anos vive nos países do Sul, e que em alguns desses países essa faixa etária pode representar mais da metade da população de acordo com o UNFPA (2022), convém-se abordar as múltiplas infâncias e juventudes nesse espaço.

As dicotomias tratadas neste capítulo levam constantemente a uma exclusão dos grupos marginalizados e, apenas através da superação dessas ditas oposições é que seria possível redirecionar o foco dos estudos para estes e para o reconhecimento de sua agência. Isso não significa que os estudos que tratam dessas dicotomias não produzem conhecimentos válidos e aplicáveis à pesquisa, mas sim que é necessário ver as complexidades que permeiam esses temas, e não apenas os extremos dos processos sociais. Para Alan Prout (2010), é preciso

observar a infância enquanto um processo e os indivíduos a ela pertencentes enquanto seres que não são redutíveis a apenas essas separações polarizadas.

A primeira das polarizações apresentadas aqui, a relação entre agente e estrutura, foi reconhecida como de constituição mútua, não oposição. Da mesma forma, a questão público-privado não se apresenta como uma dicotomia, já que as questões privadas também são políticas. Já a terceira discussão, a relação adulto-criança, também não deve ser vista enquanto uma oposição dicotomizada à medida que a infância é entendida enquanto construção social. Ao tratar-se de Norte e Sul, entende-se que a definição desses conceitos é tradicionalmente formada utilizando generalizações que devem ser superadas em uma tentativa de reconhecer as diferentes infâncias que convivem nesses espaços. O reconhecimento da agência social das crianças e jovens, por fim, não deve implicar em ignorar as condições estruturais - sociais, econômicas, políticas e de gênero - que podem limitá-los, mas sim atender à uma ancoragem social da agência destes (SZULC, 2021). O ativismo infanto-juvenil pode ser visto, portanto, como uma maneira de superação das oposições dicotomizadas, uma vez que leva o privado para o cenário político através de agentes individuais que são capazes de alterar as estruturas mesmo com as limitações impostas a este grupo social em diferentes regiões do globo.

3 CRIANÇAS E JOVENS ATIVISTAS

Até meados do início do século XX as crianças e jovens não possuíam mecanismos específicos para protegê-los e garantir seus direitos e participação no cenário internacional. A ação para busca de proteção a esses indivíduos parte de uma movimentação que ocorre, inicialmente, nos países industrializados por conta das situações trabalhistas e injustiças enfrentadas por crianças e adolescentes nestes locais (UNICEF, 2019). O primeiro dispositivo de direito internacional a tratar desses grupos sociais é a Declaração de Genebra sobre os Direitos da Criança, elaborada em 1924, focada em um discurso de proteção contra a exploração que é predominante nos direitos das crianças até hoje (HUMANIUN, 1924). Para alguns autores como Patricia Williams (1991), a atribuição de direitos aos grupos que foram historicamente destituídos de poder simboliza aspectos de humanidade que outrora lhes foram negados. O reconhecimento inicial de seus direitos, portanto, os confere respeito enquanto indivíduos e grupo social.

O UNICEF - o Fundo das Nações Unidas para a Infância, um símbolo da institucionalização da proteção à infância e adolescência - foi criado apenas em 1946 para defesa e proteção destes grupos no pós-guerra e transformado em um órgão permanente em 1953 (UNICEF, 2019). Nota-se que a aquisição e garantia de direitos às crianças partem muitas vezes de pressões geradas por grupos e organizações intergovernamentais, como a Organização das Nações Unidas, e não-governamentais, como as diversas ONGs locais e internacionais que atuam neste segmento. Já a Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada em 1948, agrupa em uma mesma categoria a proteção especial às mães e crianças (UNICEF, 2019). Esse agrupamento é um discurso recorrente no direito internacional, quase criando uma nova categoria humana de “mulheres e crianças” (WATSON, 2006). Possivelmente, isso está relacionado a frequente associação de ambas ao mesmo ambiente, o privado, como verifica-se no primeiro capítulo deste trabalho. Para Watson (2006) essa junção pode levar a uma falta de status político para os dois grupos, invisibilizando-os e deixando de considerar as diferentes experiências vividas por estes.

Em 1959, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou a Declaração dos Direitos da Criança, que marca a proteção integral aos mais jovens, mas não tem caráter de obrigação aos Estados (SILVA, 2013). Apenas 30 anos mais tarde - em 1989 - que a ONU adota a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança objetivando a criação de políticas públicas pelos 193 Estados que a ratificaram, consolidado como o documento desta categoria marcado pela maior adesão da comunidade internacional (UNICEF, 2019). A universalidade das normas expressas por esse sistema de direitos não garante a observação da diversidade de experiências humanas nas diferentes sociedades, em especial no Sul (BOYDEN; LEVISON, 2000). O que significa que a elaboração de direitos baseados em infâncias do Norte não leva em consideração, muitas vezes, as vivências do Sul. De acordo com Jefferess (2002), o discurso predominante dos mecanismos de defesa dos direitos das crianças reforça o poder capitalista, objetivando demonstrar o fracasso dos países do Terceiro Mundo em preencher o requisito de expectativas das infâncias do Ocidente. Na prática, os direitos elucidados pela Convenção sobre os Direitos da Criança se apresentam como ideais inalcançáveis para muitos Estados do Sul (CASTRO, 2021b). É neste contexto que a Organização de Unidade Africana adotou em 1990 a Carta Africana dos Direitos e do Bem-Estar da Criança, um documento internacional que buscou trazer experiências das infâncias do continente africano para os direitos das crianças (*Ibidem*).

O discurso predominante no conteúdo da Convenção sobre os Direitos da Criança, assim como nos outros mecanismos apresentados anteriormente, permanece sendo o de proteção às adversidades, e não de garantia de participação. Para Michael Freeman (1997, tradução nossa), “a conversa sobre os direitos da criança foi expressa predominantemente em linguagem de salvamento da criança, em termos de salvação”⁷. Isso significa que os documentos internacionais voltados às crianças e jovens são caracterizados pela hipossuficiência, ou seja, pela necessidade de cuidados especiais provenientes das responsabilidades dos adultos (LIMA, 2015). Apesar dos dispositivos legais

⁷ Texto original: Talk of children’s rights has been couched predominantly in child-saving language, in terms of salvation.

mencionarem constantemente o “melhor interesse” do público infanto-juvenil, sua participação e envolvimento na elaboração destes é quase sempre mínima ou nula.

Boyden e Levison (2000, p. 8, tradução nossa)⁸ afirmam:

A agência das crianças é um contribuidor fundamental para o seu desenvolvimento e, portanto, as crianças devem desempenhar um papel na definição do que é do seu melhor interesse. Embora tais ideias e debates tenham tido algum impacto nos círculos acadêmicos e sejam pelo menos parcialmente familiares a certos grupos de professores e especialistas em pedagogia, eles tiveram relativamente pouca influência nas políticas ou na prática em muitas partes do mundo.

Portanto, as crianças e adolescentes não são consultados e não estão envolvidos na elaboração de seus próprios direitos. As políticas públicas que possuem como premissa a defesa do “melhor interesse” deste grupo social, contraditoriamente, não levam em consideração suas visões a respeito de seus interesses. A dicotomia hierárquica entre as pessoas consideradas racionais, os adultos, e os não racionais - crianças - condicionam seus lugares de participação no ambiente público, definindo “quem decide e não decide, quem participa dos assuntos do mundo e quem não pode participar” (PÉREZ; SILVA, 2021, p. 110). Uma vez que as crianças são retiradas de discussões acerca de decisões que influenciam suas vidas, assumem os adultos uma função determinada por Beatriz C. Pérez e Conceição F. Silva (2021, p. 116) como de “tutor, representante e tradutor de suas demandas e desejos”. A possibilidade dos mais jovens exercerem agência enquanto sujeitos políticos, participando e agindo, é frequentemente negada a eles.

O documento “Um mundo para as crianças”, adotado na Assembleia Geral das Nações Unidas em 2002, representa a primeira participação efetiva de crianças na construção de seus direitos, além de marcar a primeira vez em que crianças estiveram presentes em uma dessas sessões (UNICEF, 2019). O compromisso número 9 deste documento trata especificamente da participação das crianças em tópicos de seu interesse:

⁸ Texto original: Children's agency is a key contributor to their development and hence children should play a part in defining what is in their own best interests. While such insights and debates have had some impact within academic circles and are at least partially familiar to certain groups of teachers and pedagogy specialists, they have had relatively little influence on either policy or practice in many parts of the world

Ouvir as crianças e assegurar sua participação: As crianças e os adolescentes são cidadãos valiosos que podem ajudar a criar um futuro melhor para todos. Devemos respeitar seus direitos de se expressar e de participar em todos os assuntos que lhes dizem respeito, de acordo com sua idade e maturidade. (UNICEF, 2002, não p.)

Nota-se que, ainda que existam avanços no sentido da inclusão das crianças e adolescentes em temáticas que lhes dizem respeito, a participação ativa destes na elaboração de seus direitos ou na tomada de decisões que os afetem é mínima. Para que as políticas correspondam às necessidades destes indivíduos, é necessário que partam de participações e observações feitas em contextos reais em diferentes ambientações (BOYDEN; LEVISON; 2000).

Isso não significa, no entanto, que os mais jovens não participem da vida pública ou não estejam envolvidos ativamente em questões e movimentos políticos de outras maneiras. Ainda que a literatura sobre o assunto esteja evoluindo, não existe uma teoria unificada sobre a participação infanto-juvenil vinda de diferentes perspectivas e disciplinas. Em estudos mais recentes, as crianças passam a ser consideradas a força motriz de seu próprio desenvolvimento, através de sua participação no mundo que as rodeia, sem uma limitação etária, mas sim na capacidade de participação (SHIER, 2014).

A capacidade de participação pode ser afetada por questões já citadas anteriormente neste trabalho, como a crença na inferioridade dos mais jovens, a falta de apoio das autoridades e outros atores envolvidos na tomada de decisões e as condições desfavoráveis enfrentadas por estes indivíduos. A influência de crianças e jovens em políticas públicas pode tomar diversas formas, entre elas a participação direta em órgãos de formulação de políticas, atuando em papéis consultivos nestes órgãos, mobilizando coletivos e pressionando formuladores de políticas através do engajamento em marchas e petições ou ainda utilizando as mídias para reforçar seus pontos de vista (SHIER, 2014). O ativismo infanto-juvenil está presente em todas essas formas de participação.

O ativismo é definido por Brian Martin (2007, p.19, tradução nossa) como a “ação em nome de uma causa, ação essa que vai além do que é convencional ou

rotineiro”⁹. Por sua ampla definição, o ativismo pode tomar diferentes formas e advogar pelas mais diversas causas, podendo variar de ação revolucionária radical para trabalho comunitário e até ações cotidianas, como boicotes e mudanças em práticas de consumo. O ativismo está geralmente atrelado a uma causa com ênfase em ação, alimentando um objetivo social de desafiar normas sociais e as tomadas de decisão (TISDALL; CUEVAS-PARRA, 2022). As ações podem variar de protestos pacíficos até manifestações de violência. Entre as ações pacíficas, estão métodos de persuasão como discursos, piquetes, marchas, desobediência aos costumes sociais, protestos, boicotes, greves, intervenções e ocupações, entre outros (MARTIN, 2007). As ações também podem tomar formas violentas, como atos de espancamento, prisão, bombardeio, tortura, sabotagem e violência contra objetos físicos. A violência convencional parte de forças policiais e militares, de forma que o ativismo violento é realizado por aqueles não autorizados a fazê-lo (MARTIN, 2007). Destaca-se também que o ativismo não é aquele feito apenas para causas consideradas corretas, mas sim ações fora do convencional em prol de qualquer causa, independentemente de sua natureza. Entre as novas formas de ativismo está o ativismo digital: organizado e divulgado em diferentes mídias, como as redes sociais. Para Martin (2007, p. 20, tradução nossa)¹⁰

O ativismo é normalmente realizado por aqueles com menos poder, porque aqueles com posições de poder e influência geralmente podem atingir seus objetivos usando meios convencionais. Mas, às vezes, aqueles em posições de poder podem ser chamados de ativistas, quando vão além das expectativas normais, como um ‘presidente ativista’ que impõe uma agenda ambiciosa ou um ‘tribunal ativista’ que interpreta a lei de novas maneiras.

As ações das crianças e jovens, portanto, se enquadram como ativismo, uma vez que partem de indivíduos considerados como detentores de menor poder, organizando e movendo-se em atos que vão além dos convencionais em prol de uma causa com um objetivo social. Como um grupo marginalizado e sob controle

⁹ Texto original: Activism is action on the behalf of a cause, action that goes beyond what is conventional or routine.

¹⁰ Texto original: Activism is typically undertaken by those with less power because those with positions of power and influence can usually accomplish their aims using conventional means. But sometimes those in positions of power might be called activists, when they go beyond normal expectations, such as an ‘activist president’ who pushes through an ambitious agenda or an ‘activist court’ that interprets the law in new ways.

de adultos, as crianças e jovens possuem poucas opções para se engajar nas formas tradicionais de debate público e isso é intensificado por desigualdades baseadas em idade, raça, etnia, deficiência e status socioeconômico (TISDALL; CUEVAS-PARRA, 2022). O ativismo pode fornecer maneiras para crianças e jovens expressarem suas ideias, contestar e transformar não apenas suas realidades, mas as de outras pessoas ao seu redor. As ações podem ser coletivas ou individuais, uma vez que estas podem apoiar causas e movimentos coletivos. Para compreender a identificação dos jovens com diferentes causas e a forma que seu ativismo se apresenta, é importante conhecer o histórico desses movimentos no Norte e no Sul.

3.1 BREVE HISTÓRICO DE ATIVISMO INFANTO-JUVENIL NO SÉCULO XX

Ainda que a literatura e estudos a respeito do ativismo infanto-juvenil seja escassa e, em sua maioria, aborde questões do século XXI, existem exemplos de ativismo dos mais jovens em períodos anteriores da história. A seguir, serão apresentados alguns que ilustram o ativismo infanto-juvenil ao longo do século XX. Um dos primeiros movimentos para direitos das crianças, o movimento contra o trabalho infantil, não necessariamente envolveu - ou ao menos não documentou - a participação ativa deste grupo e a maioria dos registros sobre ativismo infanto-juvenil começa pouco antes da Segunda Guerra Mundial. Nessa ocasião, grupos de crianças e adolescentes da Alemanha rejeitaram as práticas nazistas e formaram oposição contra o regime e contra o grupo infanto-juvenil denominado "Juventude de Hitler", de filiação obrigatória para meninos e meninas entre 10 e 18 anos (ANTÓN, 2016). Os dois principais grupos de oposição eram os "Piratas de Edelweiss" e o "Movimento Rosa Branca", ambos formados por jovens que não obedeciam às normas do regime nazista e rebelavam-se de maneiras diversas (PEUKERT, 1985).

O primeiro grupo, Piratas de Edelweiss, era formado por crianças e adolescentes que trabalhavam em fábricas alemãs e escapavam das patrulhas da Juventude, inicialmente expressando sua resistência em músicas e pichações de cunho antinazista (PEUKERT, 1987). Essas ações se enquadram na definição de

ativismo apresentada por Martin (2007), já que se traduzem em atos além dos convencionais em defesa de uma causa. Os Piratas, alguns dos quais estão retratados na Figura 2, ofereceram ainda refúgio a desertores do exército alemão, ajudaram na fuga de prisioneiros dos campos de concentração e atuaram em sabotagens a depósitos das forças armadas (PEUKERT, 1987).

FIGURA 2 – Os Piratas de Edelweiss



Fonte: Galicia Artraba (2019)

Na Figura 2, é possível ver que o grupo era formado por meninos e meninas jovens, que se destacavam da “Juventude de Hitler” pelo uso de vestimentas que os diferenciavam e pelo uso de instrumentos e da música como forma de resistência ao regime nazista. Os atos de inconformidade com as normas vigentes se expressavam tanto de forma pacífica como na resistência física. Os integrantes deste grupo foram perseguidos pela Gestapo, polícia secreta oficial da Alemanha nazista, e enviados a prisões e a campos de concentração, sofrendo também execuções pelos seus atos de desobediência civil (PEUKERT, 1987).

O segundo grupo, o “Movimento Rosa Branca”, era formado por estudantes com idade em torno de 20 anos, da Universidade de Munique, que distribuíam panfletos contra o nazismo pelas caixas de correio das grandes cidades do sul da Alemanha (HANSER, 2012). Os estudantes escreviam, editavam e imprimiam o material contendo questionamentos ao regime e à participação e passividade da sociedade em frente às injustiças, propondo a derrubada através da sabotagem e do combate à Adolf Hitler, líder do partido nazista e ditador da Alemanha, além de

projetar ideias de uma nova Alemanha (SALES, 2017). A “Rosa Branca” também se enquadra como um movimento ativista, já que utilizava de métodos como a panfletagem para exprimir sua opinião em desafio às normas vigentes e em prol de uma causa. Os membros mais famosos deste movimento eram os irmãos Hans e Sophie Scholl, esta última - retratada na Figura 3 - tornou-se um símbolo da resistência antinazista.

FIGURA 3 – Sophie Scholl



Fonte: AFP (1941)

Sophie, enquanto mulher jovem vivendo sob um regime de repressão totalitária, teria sua agência constantemente invisibilizada. Como é possível ver na Figura 3, a jovem também desafiava o estereótipo de feminilidade por meio de suas roupas e corte de cabelo. Em uma carta a seu namorado em junho de 1940, Sophie afirma: "Tenho certeza de que você acha pouco feminino a maneira que eu escrevo para você. Deve parecer absurdo uma mulher se preocupar com política. É esperado que as mulheres deixem suas emoções femininas governarem seus pensamentos" (JENS, 1967, p. 78, tradução nossa)¹¹. Esta constatação conversa com os ideais da época, baseados na associação do feminino com as emoções e com o ambiente privado. Sophie e seu irmão foram executados em 1943, após serem flagrados espalhando panfletos da “Rosa Branca” na Universidade de

¹¹ Texto original: I'm sure you find it unfeminine, the way I write to you. It must seem absurd for a girl to worry her head about politics. She's supposed to let her feminine emotions rule her thoughts

Munique e, mais tarde, os outros membros do grupo também sofreram o mesmo destino (HILL, 2021). Esses jovens, no entanto, se tornaram símbolos do movimento antinazista e do ativismo infanto-juvenil nesta causa.

Outro momento importante na história do ativismo infanto-juvenil no Norte Global é o “Movimento dos Direitos Civis”, movimento que buscava justiça social e igualdade de direitos para a população afro-estadunidense nas décadas de 1950 e 1960 nos Estados Unidos (JANKEN, 2022). A população negra sofria com a segregação nos locais públicos, incluindo as escolas, além da discriminação no trabalho, dificuldades para votar e exercer cidadania. Em março de 1955, uma jovem negra de apenas 15 anos chamada Claudette Colvin - retratada na Figura 4 - recusou a ceder seu lugar para um homem branco em um transporte coletivo no estado do Alabama, sendo levada para uma prisão para adultos por desafiar as normas de segregação (ADLER, 2009).

FIGURA 4 - Claudette Colvin



Fonte: Hoose (2009)

A jovem retratada na Figura 4 destaca-se das concepções de infâncias do Norte principalmente por sua cor de pele e características físicas. Como a noção de infância é formada por conceitos tradicionais do Ocidente, enquanto uma verdade homogênea e universal, tende a excluir e invisibilizar outros fatores sociais que levam à construção do indivíduo, como questões de gênero e, em especial, a

questão racial (BOYDEN; LEVISON, 2000). Além disso, a jovem Claudette Colvin desafiou os conceitos de infância - associados à passividade do indivíduo - ao levantar-se contra as normas vigentes e pedir justiça social. Junto a outras mulheres que passaram por situações parecidas em transportes coletivos no Alabama, foi uma das responsáveis pelo caso de justiça que levou à inconstitucionalidade das leis de segregação de ônibus (ADLER, 2009). Enquanto adolescente, Colvin se questionava:

Por que os adultos por aqui simplesmente não dizem alguma coisa? Digo isso para que saibam que não aceitamos a segregação? Eu sabia antes e sei agora que, quando se trata de justiça, não há maneira fácil de obtê-la. Você não pode deixar isso passar. Você tem que tomar uma posição e dizer: 'Isso não está certo.' E eu fiz. (THE VISIBILITY PROJECT, 2009, não p., tradução nossa)¹².

Este é um claro caso de participação infanto-juvenil em movimentos de ativismo que trouxeram mudanças nas estruturas sociais e até mesmo jurídicas. Além de Colvin, o “Movimento dos Direitos Civis” teve uma forte participação de crianças e adolescentes, que foram considerados essenciais para o sucesso do Movimento. Em maio de 1963, mais de 2 mil jovens marcharam pela cidade de Birmingham, no Alabama, para protestar de forma não violenta contra a desigualdade racial no sul dos Estados Unidos em um movimento que ficou conhecido como a “Cruzada Infantil de Birmingham” (MCMAHON, 2020).

As crianças e adolescentes tomaram a frente dos protestos e marchas por alguns motivos, entre eles a identificação com a causa, os impactos da segregação nas escolas e espaços públicos e, principalmente, a percepção de que caso os adultos fossem presos, as famílias poderiam perder suas principais fontes de renda (MASSEY, 2009). As crianças e adolescentes também possuíam trabalhos, mas não eram entendidas como as principais provedoras de suas famílias em grande parte dos casos. Ainda assim, existiam jovens trabalhadores que eram responsáveis pela maior parte da renda em suas famílias (MASSEY, 2009). O fato destes indivíduos trabalharem desde cedo desafiava as concepções modernas

¹² Texto original: Why don't the adults around here just say something? Say it so that they know we don't accept segregation? I knew then and I know now that, when it comes to justice, there is no easy way to get it. You can't sugarcoat it. You have to take a stand and say, "This is not right." And I did

ocidentais acerca da infância, mas essa realidade está também ligada a outros fatores estruturais da sociedade, como classe e raça. O movimento infanto-juvenil pelos direitos civis nos Estados Unidos está retratado nas Figuras 5 e 6.

FIGURA 5 – Crianças no Movimento pelos Direitos Civis



Fonte: The Oklahoman (2015)

FIGURA 6 – Crianças pelo fim da segregação racial



Fonte: NYPL ([196?])

Na Figura 5, crianças e adolescentes negros, protagonistas do movimento infanto-juvenil por direitos civis e igualdade racial, seguram um cartaz com os dizeres “Nós somos americanos também” (HALL, 2015, não p., tradução nossa)¹³. Essa frase simboliza a luta da população negra e, nesse caso, jovem, contra a segregação racial e representa um pedido por estruturas igualitárias. Na Figura 6, tanto crianças brancas quanto negras seguram um cartaz que diz “Nenhuma criança é livre até que todas sejam livres” (NYPL, [195?], não p., tradução nossa)¹⁴. A frase é, portanto, uma demonstração da participação das crianças brancas no movimento ao lado das crianças negras.

Os movimentos pelos direitos civis também se enquadram como um exemplo de ativismo infanto-juvenil, já que são ações fora das convencionais partindo daqueles com menos poder em prol de uma causa, como definido por Martin (2007). A repercussão midiática das marchas e da repressão policial direcionada às crianças causou uma comoção nacional, que levou, efetivamente, a um início do processo de dessegregação e lenta criação de oportunidades para a comunidade afro-estadunidense (FRANKLIN, 2015).

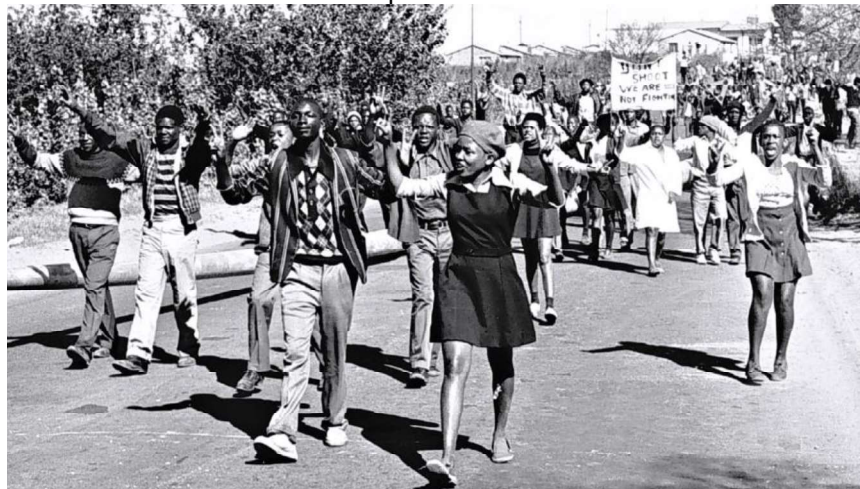
¹³ Texto original: We are americans too.

¹⁴ Texto original: No child is free until all are free.

A participação infanto-juvenil está intimamente ligada às experiências dos jovens e os locais em que essas juventudes se desenvolvem. No Sul Global, o ativismo de crianças e adolescentes pode ocorrer de formas diversas que estão inseridas em suas realidades. De acordo com Pérez e Silva (2021), esse envolvimento pode tomar a forma até mesmo de escuta, já que em algumas comunidades esses locais de escuta são reservados aos adultos, e a oportunidade de escutar é extremamente importante para assegurar os meios de participação. Entre os movimentos de ativismo infanto-juvenil no Sul Global, destacam-se o “Levante de Soweto”, na África do Sul, e os diferentes movimentos de crianças trabalhadoras e sem-terra na América Latina.

O “Levante de Soweto”, nomeado a partir da cidade de Soweto - conhecida como gueto de Johannesburgo -, marca os protestos da comunidade contra o racismo institucionalizado pelo regime do apartheid em 1976 (PORTAL GELEDÉS, 2018). Mais de 10 mil crianças e jovens estudantes marcharam de forma pacífica para se posicionar contra a proibição do ensino do Bantu, língua nativa da região, e foram recebidos com violência policial e tiros. Estima-se que, ao menos, 200 crianças e adolescentes foram mortos na ocasião (SAHO, 2022). Na figura 7, estudantes de Soweto aparecem protestando e segurando um cartaz com a frase “Não atirem, nós não estamos lutando” (SAHO, 2022, não p., tradução nossa)¹⁵.

FIGURA 7 – Estudantes protestam no Levante de Soweto



Fonte: SAHO (2022)

¹⁵ Texto original: Don't shoot, we are not fighting.

A repressão policial foi seguida de uma resposta das multidões em defesa, utilizando-se de pedras e outros objetos para conter a violenta ação policial, que culminou na depredação de espaços públicos e prédios do governo (SAHO, 2022). Esse grupo de jovens, portanto, apresentam-se como ativistas infanto-juvenis, já que fizeram uma mobilização organizada para reivindicar uma causa. De acordo com as definições de Martin (2007), o ativismo não deixa de receber esse nome pela violência direcionada a pessoas ou até a objetos inanimados, de forma que os atos configuram ativismo. O Levante de Soweto teve grande repercussão interna e externa à África do Sul, intensificando a luta contra o apartheid, que só teria fim 18 anos após o massacre, em 1994 (SAHO, 2022).

A violência policial contra um protesto inicialmente pacífico, contendo apenas jovens em idade escolar, é um indicativo de quando o Estado e seus dispositivos não apenas não asseguram os direitos das crianças, como também são os principais responsáveis por violá-los. Para Achille Mbembe (2019), o Estado define quem deve viver e quem deve morrer e, dentro dessa lógica, o racismo tem a função de “regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado” (MBEMBE, 2019, p. 128). Isso significa que o Estado tem o poder de definir quem vive e quem morre e o faz constantemente com base em raça e através de seus mecanismos oficiais - tanto da violência policial quanto de políticas que perpetuam as desigualdades econômicas - esse seria o necropoder definido por Mbembe (2019). O poder do Estado delimita, portanto, as condições de vida dos que vivem às margens da sociedade, nesse caso, os jovens negros. Dessa forma, não apenas o Estado não assegurou o direito de participação desses jovens, como operou em uma lógica de necropoder através da repressão violenta e fatal de seus protestos e movimento de ativismo.

Na América Latina, duas causas se destacam por seu ativismo infanto-juvenil: a das crianças e jovens trabalhadores e a das crianças por moradia. A partir dos anos 80, diversos movimentos de crianças trabalhadoras surgem na América Latina e na África, integrados, em sua maioria, por jovens com idade entre 12 e 16 anos que trabalham em condições que violam sua dignidade e impedem seu desenvolvimento (LIEBEL, 2003). Na América Latina, as associações e grupos de crianças trabalhadoras demandam o direito das crianças de trabalhar e, dentro

dessa reivindicação, ter condições e carga de trabalho condizentes com sua idade, que os permitam ter educação e lazer sem afetar suas condições econômicas (*Ibidem*). É importante notar que a reivindicação por ter um trabalho, que desafia as concepções de infância provenientes do Norte Global, é uma causa importante para muitas crianças do Sul que precisam desde cedo participar da economia do lar para garantir a sua subsistência e de sua família.

Os movimentos de direitos das crianças trabalhadoras na América Latina são denominados “Meninas, Meninos e Adolescentes Trabalhadores”(NNAT), e surgiram em 1977 para reivindicar direitos como plano de saúde e oportunidades de educação (LIEBEL, 2003). Essas reivindicações são feitas por diversos grupos de crianças no Sul Global que se organizam e mobilizam, realizando reuniões e levando sua pauta para uma agenda dos países em que estão inseridos através de uma rede de ativismo vinda do Sul. Em 1988, na reunião de crianças trabalhadoras da América Latina realizada em Lima, no Peru, uma jovem afirmou em entrevista: “alguns de nós temos que roubar ou mendigar, porque não podemos trabalhar. Se trabalharmos, ganhamos mal [...] como podemos ganhar a vida? [...] Nós garotas não recebemos emprego. Somos exploradas como objeto de desejo sexual” (LIEBEL, 2012, p. 228, tradução nossa)¹⁶. De acordo com o UNFPA (2022), em alguns países do Sul, a população jovem pode representar mais de 50% da população, de forma que se entende que para algumas realidades e em algumas infâncias, trabalhar seja um direito a ser reivindicado para garantir a subsistência. Reconhecer isto é reconhecer a variedade de práticas políticas em que as infâncias estão imersas, em especial, aquelas que por classe ou etnia não estão de acordo com os padrões universalizados pelas legislações internacionais (SHABEL, 2021).

Já no movimento por terra na América Latina, destacam-se as crianças “Sem Terrinha”, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Brasil. As crianças do MST estiveram envolvidas no movimento desde sua fundação em 1984, e estão presentes em todas as ações, ocupações, congressos e marchas organizadas pelos adultos (MELO; CASTRO, 2021). A escuta e, até mesmo, a presença nos lugares onde são feitas as tomadas de decisão, já

¹⁶ Texto original: Some of us have to steal or beg, because we cannot work. If we work, we receive bad pay [...] How can we make our living? [...] We girls are not given employment. We are being exploited as objects of sexual desire.

influenciam a participação ativa destes jovens, reconhecidos enquanto sujeitos e atores sociais por estarem incluídos nos processos de decisão. O grupo “Sem Terrinha”, no entanto, pertence totalmente às crianças, assim como a tomada de decisões em seu âmbito, e os adultos estão presentes apenas para ouvir e encorajar (MELO; CASTRO, 2021). Os jovens que vivem nos assentamentos do MST e ocupam junto com suas famílias os latifúndios de terra convivem em uma realidade em que os adultos os levam para os debates públicos, visto que algumas famílias vivem nos assentamentos há mais de uma geração e há a crença de que as crianças são o futuro do movimento sem-terra (MELO; CASTRO, 2021). Nesse ambiente, em que o contexto social e a noção de luta e conquista de direitos está presente desde a primeira infância, as crianças e adolescentes encontram um espaço para exercer seu ativismo e fazer reivindicações por causas que as afetam.

Na Figura 8, um evento que reuniu mais de 1200 “Sem Terrinha” em uma marcha organizada pelos jovens em junho de 2018 na cidade de Brasília, representando sua capacidade de auto-organização (GUEDES, 2018).

FIGURA 8 – Crianças Sem Terrinha em direção à Praça dos Três Poderes



Fonte: Guedes (2018)

A infância dos “Sem Terrinha” é, portanto, “ativa no seu próprio direito, não apenas de maneira imitativa, mas como um agente na sua própria construção” (WARTOFSKY, 2000, p. 105). Nos assentamentos, os jovens se organizam e produzem materiais como programas de rádio e revistas para retratar sua participação no movimento popular do campo (MELO; CASTRO, 2021). Ainda que o espaço da ocupação esteja mais disposto a aceitar e incentivar as vozes dessas

crianças, se enquadram enquanto ativistas ao levar suas causas para fora da comunidade em que vivem.

Nota-se que, embora a garantia de direitos das crianças e as legislações estejam evoluindo, a participação das crianças e adolescentes nas discussões e nas tomadas de decisões é quase nula, de forma que esses direitos podem não condizer com suas reais necessidades (BOYDEN; LEVISON; 2000). Em comum na história do ativismo infanto-juvenil de Norte a Sul, há a necessidade de reconhecimento da agência da criança e do adolescente que busca levantar suas vozes em espaços que não lhes foram concedidos para reivindicar suas necessidades. O ativista criança ou adolescente, portanto, começa discussões importantes e levanta suas preocupações, ao invés de esperar que os adultos os convidem para as discussões existentes, ocupando estes espaços em vez de esperar que sejam concedidos a eles (MCMELLON; TISDALL, 2020).

A participação de crianças e jovens enquanto ativistas em prol de uma causa se faz presente historicamente: nos adolescentes que desafiaram o nazismo na Alemanha; nas crianças que lutaram pelo fim da desigualdade racial nos Estados Unidos; nos jovens que reivindicaram seus direitos no regime do apartheid na África do Sul; e, mais recentemente, por meio das crianças trabalhadoras da América Latina e as que defendem a reforma agrária no Brasil. Tanto no Norte quanto no Sul Global, nota-se que o ativismo infanto-juvenil não é novo, ainda que ganhe espaço e se desenvolva com mais facilidade nas últimas décadas por influência dos avanços nas telecomunicações.

3.2 ATIVISMO INFANTO-JUVENIL NO SÉCULO XXI: O MOVIMENTO CLIMÁTICO

Na última década, a crise climática foi uma das causas que mais chamou atenção das crianças e adolescentes no mundo inteiro. A mudança climática consiste em transformações a longo prazo nos padrões de temperatura e de clima, que podem ter causas naturais e, principalmente, serem ocasionadas pela ação humana sobre o meio-ambiente (ONU, 2022a).

A ação humana varia desde o desmatamento até a queima de combustíveis fósseis, causando emissões de gases que causam o aumento das temperaturas

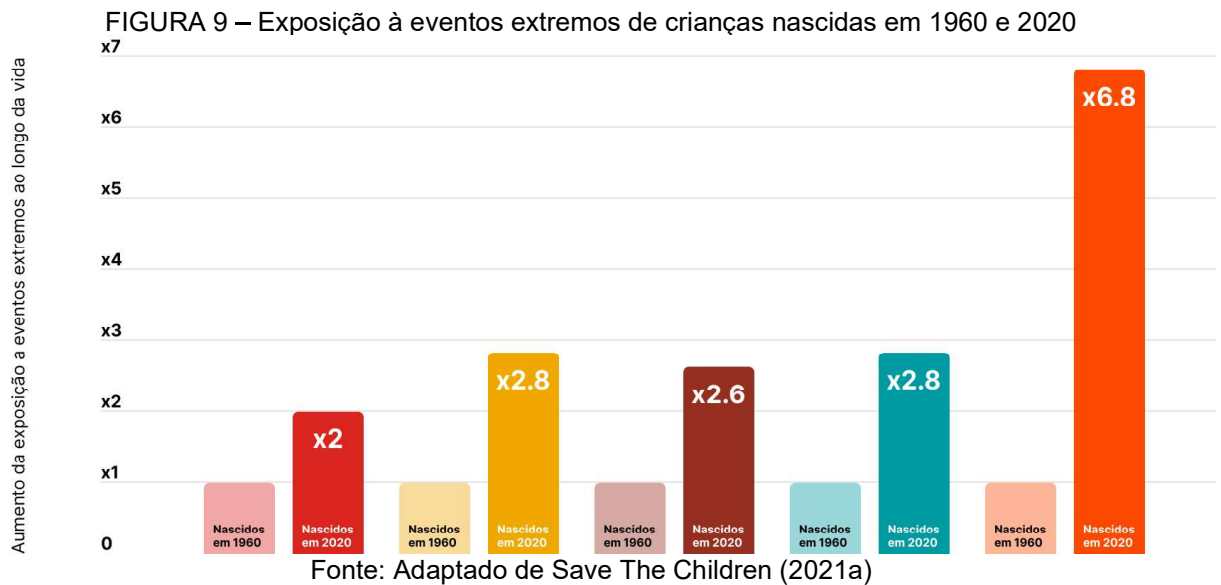
(ONU, 2022a). O aumento das temperaturas, por sua vez, tem outras consequências severas como incêndios, secas, enchentes, tempestades, entre outros. A pegada de carbono se refere à quantidade de carbono emitida, tanto por pessoas quanto por empresas, e é relevante para compreender quais mudanças devem ser adotadas para reduzi-la tanto a nível pessoal - alimentação, consumo, transporte -, quanto nas atividades e empresas, agronegócio, indústrias e petroleiras (VICENZO, 2021).

O Acordo de Paris, realizado na Conferência de Mudança Climática da ONU (COP21) em 2015 e assinado por 193 países, define objetivos para as nações como o compromisso com a redução de gases de efeito estufa, financiamento para países subdesenvolvidos nos ajustes necessários e adaptação às mudanças. A pegada de carbono, emissão do gás CO₂, deveria ser reduzida para limitar o aumento da temperatura global no século para no máximo 2 graus Celsius, em um esforço para que este limite seja de apenas 1,5 graus (ONU, 2022a).

Em 2015, a ONU estabeleceu os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), uma série de 17 objetivos para o cenário mundial na iniciativa chamada Agenda 2030 (ONU, 2022b). Os objetivos tratam de vários assuntos como: o fim da pobreza e da fome, a garantia da educação, além dos efeitos da mudança climática, entre outros. O ODS de número 13, Ação Climática, trata especialmente dos perigos do aquecimento global e da necessidade da diminuição das emissões de carbono. Vale ressaltar que outros objetivos também tratam de temáticas relacionadas como a energia renovável, redução da produção e consumo e segurança alimentar.

O aceleração da mudança climática entre 2001 e 2010 levou à inclusão do assunto nas escolas, fato que pode ter incentivado essa geração ao envolvimento nas ações pelo clima, já que o acesso à informação é considerado importante no desenvolvimento de posicionamentos políticos pelos jovens (SERRÃO; SARMENTO; SANTANA, 2020). As crianças e adolescentes fazem parte da geração que mais será afetada pela crise climática e, por esse motivo têm engajado através do ativismo, ações além das convencionais para exigir suas demandas e exigir o cumprimento de seus direitos. Na Figura 9, é possível ver um gráfico da comparação entre a exposição a eventos extremos causados pelas

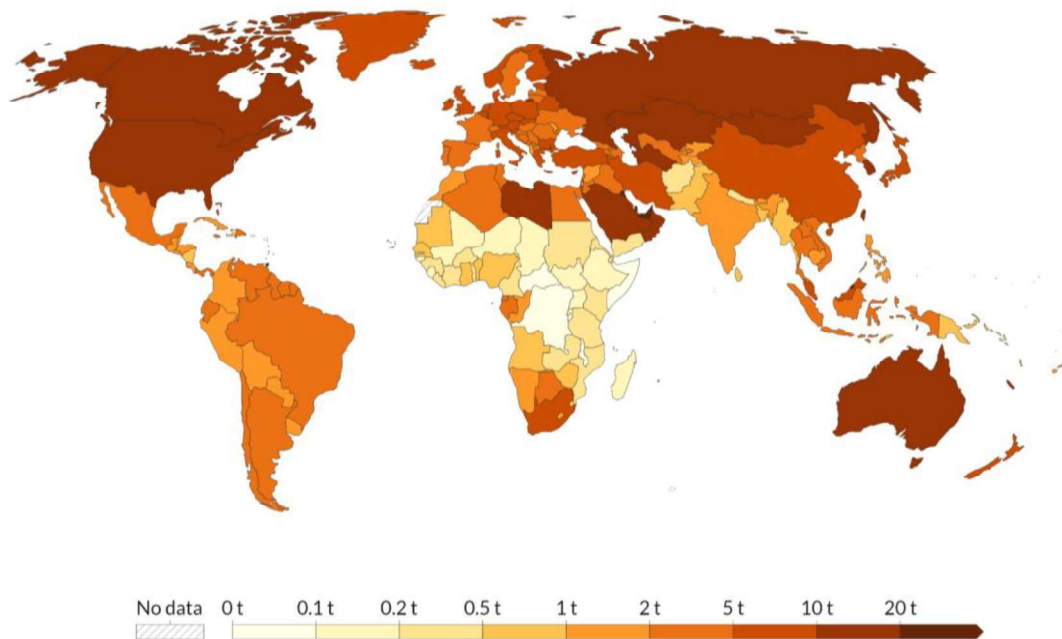
emissões de carbono entre indivíduos nascidos em 2020 em comparação àqueles nascidos 60 anos antes, em 1960.



Da esquerda para a direita: em vermelho, os riscos de exposição a incêndios florestais; em amarelo, as quebras de safra; em marrom, o indicador de secas; em azul, a quantidade de enchentes; em laranja, as ondas de calor (SAVE THE CHILDREN, 2021a). Isso significa que as crianças nascidas no ano de 2020 têm o risco dobrado de exposição a incêndios florestais e multiplicado por sete o risco de exposição a ondas de calor do que aquelas nascidas em 1960. Entende-se, portanto, alguns dos motivos da preocupação das novas gerações com a causa climática e o aquecimento global.

É importante notar, no entanto, que nem todas as regiões do globo experienciam a mudança climática da mesma forma ou tem a mesma estrutura para enfrentá-la. Tratando-se de renda, 50% dos países mais ricos do mundo são responsáveis por 86% das emissões de carbono, mas são os países de rendas médias até as mais baixas que mais sofrem com as consequências do câmbio climático (SAVE THE CHILDREN, 2021a). Na Figura 10, a visualização da emissão de gás carbono vinda das indústrias e geração de combustíveis fósseis em 2021 evidencia o fato de que a maioria dos países que mais contribuíram para a mudança climática são os do Norte Global.

FIGURA 10 – Emissão de CO2 per capita

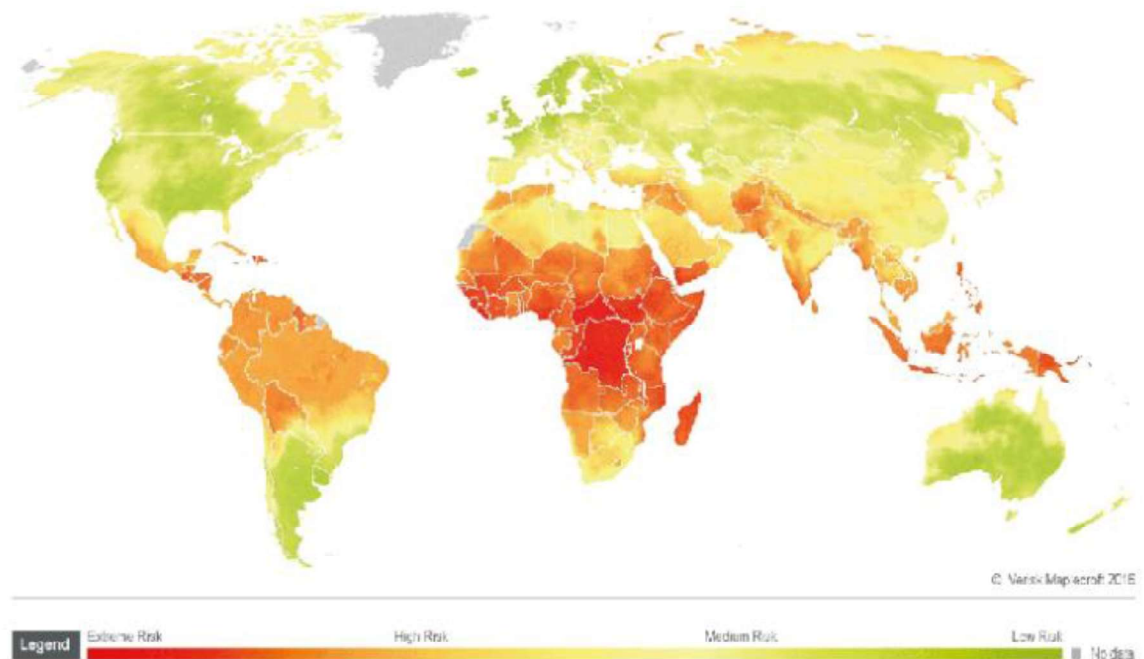


Fonte: Our World In Data (2021)

As regiões em marrom são aquelas que mais contribuem para as emissões de carbono, enquanto as em laranja contribuem de forma média e aquelas em tons mais claros, as que menos contribuem. O continente africano figura como a região com menor emissão de gases de efeito estufa. No entanto, essa mesma região é a que mais sofre com as consequências do aquecimento global. As consequências podem variar desde a perda de capital humano, danos à saúde, herança cultural e indígena, biodiversidade, entre outros (SAVE THE CHILDREN, 2021a). Uma soma de fatores também coloca a região Sul como a mais em risco no processo de mudança climática. Esses fatores estão ligados a vulnerabilidades geográficas e sociais que tendem a acentuar a pobreza, desigualdade e acesso a serviços básicos. Além disso, a ausência de infraestrutura e instituições fortes em alguns países do Sul pode colaborar para um aumento de sua vulnerabilidade climática.

Os países que possuem maior vulnerabilidade e apresentam mais riscos frente às mudanças aparecem nas cores laranja e vermelho no mapa apresentado na Figura 11, enquanto os que estão menos expostos a riscos ou possuem melhores infraestruturas para lidar com as consequências da crise climática, em verde.

FIGURA 11 – Mapa da vulnerabilidade climática



Fonte: The Earthbound Report (2018).

A mudança climática não é um problema criado pelas crianças, mas por elas herdado, e é essa noção que permeia os movimentos de ativismo infanto-juvenil da causa ambiental. A preocupação pelo presente e pelo futuro de sua geração e das próximas faz crianças e jovens mobilizarem-se em torno deste tema (SERRÃO; SARMENTO; SANTANA, 2020). Os dados sobre o aquecimento da temperatura do globo terrestre evidenciam riscos a outros direitos das crianças, como à saúde e nutrição, à educação, proteção e ao direito de participação (SAVE THE CHILDREN, 2021a). Como isso as afeta diretamente, crianças e adolescentes do Norte e Sul estão se posicionando por seus direitos e pelo clima, numa sensação de justiça intergeracional e, frequentemente, os fazem através de mídias diferentes das tradicionais. Esse é o assunto a ser discutido a seguir.

3.3 CIBERESPAÇO COMO MEIO PARA O ATIVISMO INFANTIL

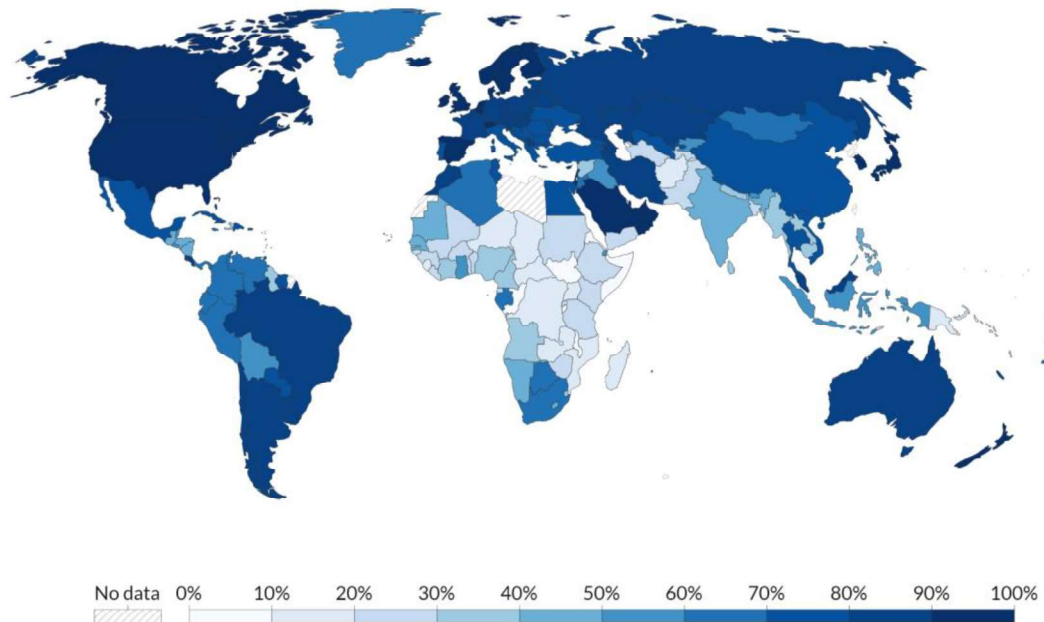
Pierre Lévy (2000) propõe a existência de quatro espaços antropológicos: o primeiro é a Terra, espaço nômade em que os seres humanos vivem e se organizam, o segundo é o Território, baseado na cidade, agricultura, escrita e fronteiras. Já o terceiro espaço antropológico é o Espaço das mercadorias, que se

desenvolve a partir do século XVI com a inauguração de um mercado mundial, promovendo uma desterritorialização subordinada aos campos econômicos. Por fim, a partir do século XXI, por meio de novas tecnologias, surgiria o Espaço do saber, baseado na inteligência e saberes coletivos, caracterizados pelas ferramentas e instrumentos de comunicação da informação e a aceleração da velocidade em que a informação viaja, além da inclusão das massas do coletivo humano (LEVY, 2000).

O desenvolvimento das tecnologias da informação e dos meios de comunicação levaram a crescente desterritorialização através de suas ferramentas. Os instrumentos de comunicação deste novo espaço podem se apresentar através das redes e meios digitais, como a internet. A internet passou a funcionar como um novo mundo de comunicação na década de 1990, criado a partir da escrita e publicação de mensagens e imagens, e da sua interação em tempo real (CASTELLS, 2003). Em 1995, primeiro ano de uso ampliado da internet, cerca de 16 milhões de usuários utilizavam a rede de comunicação por computador. Já em 2022, 27 anos mais tarde, esse número chega a aproximadamente 5,3 bilhões. Todavia, cerca de 2,7 bilhões nunca tiveram acesso à rede (ONU NEWS, 2022).

Historicamente, desde o princípio da utilização da internet, há uma distribuição extremamente desigual entre os países do Norte e Sul global. Essa divisão digital reflete o contexto das relações políticas e econômicas de uma ordem centro-periferia, dominada pelos países do Ocidente, ou do chamado Norte global. As disparidades no acesso à internet estão presentes, por um lado, no grande acesso das nações ricas, centro da rede global da internet e, por outro, na dificuldade de recursos e infraestrutura para os países da periferia (CHEN; WELLMAN, 2004). Os países classificados pela ONU como mais desenvolvidos têm cerca de 90% da população conectada à internet, em comparação com os países em desenvolvimento que possuem 57%, enquanto os menos desenvolvidos possuem apenas 27% da população com acesso a internet (ITU, 2022). Existem ainda diferenças em gênero, idade e condição socioeconômica dentro destas disparidades. Na Figura 12, os países menos conectados à internet aparecem em azul claro, enquanto os mais conectados, em azul escuro.

FIGURA 12 – Parcela da população usando a internet



Fonte: Our World in Data (2020)

Enquanto em países da Europa e América do Norte, a conectividade ultrapassa os 90%, nos países da América do Sul e Ásia os dados variam entre 60 e 90%. Já na África, a maioria dos países possui menos de 30% dos indivíduos conectados, podendo chegar até 70% em alguns Estados. Se as atividades econômicas, sociais e políticas essenciais são estruturadas em torno das redes conectadas de computadores, para Castells (2003, p. 8), “ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura”. Para este trabalho, convém destacar que a Suécia, país da ativista Greta Thunberg, possui 94,54% da população conectada à internet - cerca de 9,7 milhões de usuários, enquanto em Uganda, país de Vanessa Nakate, apenas 19,9% da população é usuária da rede digital, o que contabiliza aproximadamente 8,8 milhões de indivíduos (MAX; RITCHIE; ORTIZ-OSPINA, 2020).

O ciberespaço é definido por Levy (2000) como o espaço de comunicação que é formado pelos computadores, interconectados pelo mundo, suas memórias e as interações de seus usuários. A internet, enquanto parte do ciberespaço, permite aos usuários relacionarem-se e interagirem uns com os outros independente de sua localização geográfica. Permite também o compartilhamento

de ideias e saberes que encontram no ciberespaço um terreno fértil para desenvolvimento de uma inteligência coletiva. A inteligência coletiva é definida por Pierre Lévy (2000, p. 28) como uma “inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”. Isto é, o reconhecimento das diversidades e a valorização dos saberes e competências individuais contribuem para a construção positiva de sua própria identidade, permitindo assim uma mobilização das competências e formação de uma inteligência coletiva. Tratando-se de ativismo infantil, reconhecendo a diversidade das infâncias no mundo relatadas por Castro (2021b) e tratadas no capítulo anterior deste trabalho, estes indivíduos, considerados tradicionalmente às margens da sociedade, poderiam gerar mobilização por meio de atos diários no espaço público como a troca e compartilhamento de informações nas redes digitais, atingindo uma coletividade e uma percepção de sua agência e identidade.

A identidade política de um cidadão é criada através da sua contribuição para a construção de cenários públicos e políticos que estão em constante movimento de elaboração e aperfeiçoamento para problemas comuns a uma sociedade (LÉVY, 2000). Utilizando-se de ferramentas digitais e do ciberespaço, os indivíduos conseguem expressar apoio, posições e argumentos para defender causas e propor resoluções a problemas de seu interesse, em uma forma de exercício da democracia direta. Além da expressão individual, as redes servem como um espaço propício para o encontro de uma comunidade de pessoas que defendem a mesma causa, e nesse ambiente as trocas, aproximações e interações entre usuários levam a uma construção da coletividade. Diferentemente das mídias tradicionais - entendidas aqui como veículos de comunicação massiva a exemplo de jornais, revistas, cinema, música, cuja voz ou opinião é emitida em uníssono -, as mídias digitais do ciberespaço podem promover a escuta, fala, interação e coexistência de discursos plurais no ambiente político sem ter que passar por representantes (LÉVY, 2000). Entre as novas mídias, as digitais, estão os videogames, sites e redes sociais, entre outros.

Os movimentos de ativismo no século XXI fazem uso da internet e das novas mídias como um instrumento de informação, recrutamento, organização e

atuação nos cenários políticos e sociais, utilizando-se da comunicação e organização proporcionadas pela rede numa busca pela transformação de valores e instituições da sociedade (CASTELLS, 2003).

Com a popularização da internet, o uso das redes sociais tornou-se indispensável para os movimentos políticos e sociais em um momento de crise das organizações tradicionais como sindicatos, partidos políticos e associações. As manifestações políticas individuais e coletivas através das redes provocam uma pressão em instituições, organizações, empresas e Estados, através de seu efeito sobre a opinião pública e na mídia tradicional. É por esse motivo que Manuel Castells (2003, p. 143) propõe que “esses movimentos pretendem conquistar poder sobre a mente, não sobre o Estado”. Também é na internet que os movimentos de ativismo encontram um espaço para comunicar-se, independente das fronteiras e atingindo diversos locais do globo. Dessa forma, a interação entre indivíduos do Norte e Sul pode promover uma inteligência coletiva diversa. Entre os principais movimentos sociais que fazem uso coordenado do ciberespaço estão aqueles dos direitos humanos, direitos das mulheres, trabalhistas e ambientalistas.

Para aqueles historicamente destituídos de poder tradicional, como as crianças e jovens, a internet fornece um novo canal de comunicação horizontal, relativamente barato e fácil de usar, tanto de um indivíduo para outro quanto de um indivíduo para muitos. Como o ciberespaço é um ambiente conveniente para a mobilização de movimentos de ativismo, para o ativismo infantil não é diferente. A mobilização dos jovens em torno de uma causa pode auxiliá-los a ultrapassar a hegemonia adulta das estruturas de poder através do uso da internet e de redes sociais, causando uma preocupação por parte dos adultos sobre a tensão entre os melhores interesses da criança e sua participação efetiva. Se uma das maiores dificuldades deste grupo social para a participação no espaço público é justamente o acesso aos instrumentos e espaços de tomada de decisão, a horizontalidade da internet os permite um aumento na expressividade e um maior alcance. As plataformas de redes sociais globais como Twitter, Facebook, Instagram e TikTok, oferecem oportunidades para estes indivíduos e grupos demandarem e advogarem pelas mudanças que consideram relevantes, o que nem sempre é possível através da mídia tradicional (TISDALL; CUEVAS-PARRA, 2022). As redes sociais são

utilizadas, em janeiro de 2023 por, pelo menos, 59,4% da população mundial, o que contabiliza cerca de 4,76 bilhões de usuários. As redes com maior número de usuários são, nesta ordem, Facebook, Youtube, WhatsApp e Instagram, com outras redes como TikTok figurando em sexta posição e Twitter na décima quarta (DATAREPORTAL, 2022).

Um exemplo do uso das redes sociais na expressão de visões e posicionamento dos jovens foi a chamada “Revolução do Twitter” em 2011, em que este grupo social se mobilizou contra o governo do Egito e o ex-presidente Hosni Mubarak (TISDALL; CUEVAS-PARRA, 2022). As manifestações de rua e os protestos contra Mubarak, que estava no poder há 30 anos, iniciaram por uma série de problemáticas sociais e econômicas como a violência policial, falta de moradia e inflação, além da falta de liberdade de expressão. Nas redes sociais, os atos contra o governo ditatorial egípcio foram transmitidos e comentados por milhares de pessoas em tempo real, o que auxiliou na queda do presidente (REIS; BARROS, 2021). Além deste movimento, outras formas de autoidentificação das crianças como seres políticos surgem pela internet, tomando a forma de blogs feministas, protestos organizados por Facebook e gravação de TikToks sobre temas atuais. Para Tisdall e Cuevas-Parra (2022), até mesmo o uso de hashtags pode ser uma forma de engajamento em ações coletivas ao promover a interação entre os usuários, a formação de uma expressão de ideais coletivos e presença no debate público com objetivo de pressionar aqueles com poder e influenciar tomadas de decisão para a resolução de problemas de seu interesse.

Outro exemplo do uso do ciberespaço como forma de posicionamento por ativistas infanto-juvenis é o caso da paquistanesa Malala Yousafzai. Malala é uma ativista política que se popularizou por defender a educação feminina e fazer críticas ao Talibã em seu blog, aos 15 anos (G1, 2013). Enquanto mulher e criança, Malala confrontou a ideia da agência passiva de uma criança na sociedade e na política internacional. Baseada em suas experiências individuais, se manifestou em redes sociais para expressar descontentamento e engajar outros em prol de uma causa. Desafiou, assim, as concepções tradicionais de poder e também as dicotomias que cercam o estudo das infâncias, em especial a público-privado, tratadas no capítulo anterior. Malala, como outras crianças e jovens, teve sua

agência visibilizada por conta das novas mídias digitais e do avanço da tecnologia de comunicação e informação, que permitiu a participação de grupos tradicionalmente marginalizados.

É importante notar que as crianças e adolescentes que se mobilizam nas redes, o fazem frequentemente por forma de testemunhos de suas vivências cotidianas. Esse é o caso de Malala, que escrevia em seu blog os desafios de sua educação sob o poder do Talibã (G1, 2013). Apesar dos testemunhos partirem de experiências individuais, podem gerar uma identificação por parte de outros indivíduos que experienciam a mesma situação. Os testemunhos biográficos, portanto, contam uma história que pode ser a história de muitas pessoas e uma voz pode se tornar a voz de muitos em termos de exclusão e marginalização (BURCHARDT, 2016). Nota-se, a partir desses e de outros exemplos de ativismo infanto-juvenil, que o protagonismo infantil promove e amplia a participação, conscientização e engajamento cívico de seus pares.

As relações estabelecidas por esses usuários em ambientes digitais passam também a interferir no espaço material (LEMOS, 2005). No caso de Malala, isso se manifesta a partir do momento em que se torna um agente individual reconhecido nas relações internacionais através do uso do ciberespaço. Este uso, a partir do ambiente doméstico causa uma exclusão da divisão da dicotomia público-privado, que permite a atuação dos atores não tradicionais, como as crianças (MARTUSCELLI, 2014). Watson (2008), vê o ciberespaço como um espaço alternativo para as crianças assumirem papéis públicos e participarem efetivamente em sociedade. Para as teóricas feministas estudadas no primeiro capítulo, mesmo que as novas mídias ofereçam uma alternativa de participação,

por mais influentes que essas inovações da mídia feminista local e internacional no passado e no presente foram - e ainda são - em oferecer informações e perspectivas alternativas, estas ainda não têm recursos suficientes (por exemplo, para escritórios de notícias em Beijing, Cairo, Nairobi, London, Tokyo, e Rio de Janeiro). Nem podem igualar a influência cultural e política exercida por grandes empresas bem capitalizadas ou patrocinadas pelo Estado (ENLOE, 2014, p. 20, tradução nossa)¹⁷

¹⁷ Texto original: as influential as these past and present local and international feminist media innovations were —and still are—in offering alternative information and perspectives, they did not and still do not have sufficient resources (for instance, for news bureaus in Beijing, Cairo, Nairobi, London, Tokyo, and Rio de Janeiro). Nor can they match the cultural and political influence wielded by large well-capitalized or state-sponsored media companies.

Isso significa que, ainda que a participação política das crianças seja facilitada pelo ciberespaço e consiga gerar pressão nos tomadores de decisão e tirar do Estado e das mídias tradicionais o controle único da informação, os atores tradicionais ainda são centrais em influência e no processo político.

Mesmo com as limitações na tomada de decisão, a familiarização e experiência com o uso das novas tecnologias e redes sociais trouxe para as crianças e jovens a possibilidade de utilizar o espaço online para práticas de ativismo, promovendo mobilização, participação, organização e liderança social em prol de diferentes causas (SERRÃO; SARMENTO; SANTANA, 2022). Ainda assim, há uma notória preocupação por parte dos adultos de que a participação infanto-juvenil ocorra contra os seus interesses particulares (*Idem*, 2020). Alguns movimentos, no entanto, já reconhecem as crianças e jovens enquanto aliados importantes para expressividade das causas, como o movimento de combate às mudanças climáticas. A emergência de diversos atores jovens nesses movimentos, como Greta Thunberg e Vanessa Nakate, trouxe visibilidade e importantes marcos para a causa, como a participação em assembleias e encontros globais, além da repercussão midiática.

Essa identificação infanto-juvenil com a causa climática ocorre principalmente por essa e a futura geração serem aquelas que mais serão impactadas pelas consequências do aquecimento global. O acesso à informação acerca das mudanças climáticas, possibilitado pela internet, promove uma conscientização que impulsiona a cidadania, promovendo uma participação popular infanto-juvenil na esfera pública e política (SERRÃO; SARMENTO; SANTANA, 2020). Junto às tecnologias, as redes sociais permitem às crianças e jovens uma nova forma de ação e discussão política através de posts, vídeos e comentários que cativam a audiência e promovem engajamento na causa ambiental e climática. No entanto, as agências e capacidades do ativismo climático infanto-juvenil são frequentemente mal-entendidas, desrespeitadas e minadas por governos e lideranças tomadoras de decisão (SAVE THE CHILDREN, 2021a). Se as crianças e jovens estão de acordo com adultos em relação à uma causa, seu ativismo pode ser considerado positivo, já quando o que é expressado por elas é diferente dos

interesses daqueles, todas suas ações podem ser questionadas. A expressividade das crianças estaria assegurada pelo artigo 12 da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças:

Os Estados Partes devem assegurar à criança que é capaz de formular seus próprios pontos de vista o direito de expressar suas opiniões livremente sobre todos os assuntos relacionados a ela, e tais opiniões devem ser consideradas, em função da idade e da maturidade da criança. Para tanto, a criança deve ter a oportunidade de ser ouvida em todos os processos judiciais ou administrativos que a afetem, seja diretamente, seja por intermédio de um representante ou de um órgão apropriado, em conformidade com as regras processuais da legislação nacional. (ONU, 1989, não p.)

Portanto, caberia aos Estados criar mecanismos para apoiar a participação e expressão das crianças no ambiente público e prover acesso à informação e aos meios de informação para promoção de mudanças nos assuntos que as interessam, como no caso da causa climática. O acesso à informação na era digital está conectado ao ciberespaço e, portanto, o acesso à internet está intimamente ligado a participação e ao ativismo infanto-juvenil. Para Martin (2007), o ativismo deve expandir e se tornar mais sofisticado em primeiro lugar porque os ativistas aprendem e são inspirados uns pelos outros e também porque a quantidade de informação sobre ativismo está se expandindo pela internet e, em segundo, as mesmas informações promovem um aumento de instrução e conscientização que torna os indivíduos menos submissos às autoridades. No ativismo infanto-juvenil isto não é diferente, com a informação advinda das redes de computadores conectadas sendo um dos principais combustíveis para a mobilização individual e coletiva. É dessa forma que uma criança engajada em mudar sua realidade pode afetar outras pessoas e mobilizá-las para mudarem as suas.

4 GRETA THUNBERG E VANESSA NAKATE: ATIVISMO NO NORTE E SUL

Os mais jovens, enquanto a geração que mais sofrerá as consequências da crise climática, se tornaram porta-vozes da causa ambiental através do ativismo em redes sociais, demandando das autoridades e da sociedade uma mudança. Recentemente, destacam-se nesse campo do ativismo infanto-juvenil duas importantes figuras no cenário internacional: Greta Thunberg e Vanessa Nakate. Portanto, faz-se importante compreender a história de ambas e os fatores que as levaram à identificação com a causa climática e à participação ativa em prol desta, tanto nas redes sociais quanto fora delas.

Greta Thunberg, nascida no ano de 2003 em Estocolmo, foi informada sobre os perigos da mudança climática pela primeira vez aos 8 anos e, desde então, esteve envolvida emocionalmente com a causa ambiental. Aos 15 anos, em 2018, teve início seu movimento enquanto ativista, quando começou a faltar as aulas da escola todos os dias para protestar em frente ao parlamento sueco exigindo medidas contra o aquecimento global, com o movimento *Skolstrejk för klimatet*, que poderia ser traduzido como “Greve escolar pelo clima” (BBC, 2019). Greta, enquanto mulher e adolescente, saiu do espaço privado que por muito tempo foi reservado para as crianças, o do ambiente doméstico e das escolas, para espaços públicos da sociedade, dirigindo-se diretamente às instituições políticas para expressar suas visões (TISDALL; CUEVAS-PARRA, 2022).

O movimento tomou as redes sociais e ganhou muitos apoiadores em pouco tempo, junto a uma grande repercussão internacional que levou Greta à indicação ao Prêmio Nobel da Paz e uma série de participações importantes, desde ser convidada a falar no Parlamento Europeu até discursos em eventos da ONU (BBC, 2019). Para Tisdall e Cuevas-Parra (2022, p. 799, tradução nossa)¹⁸, “esse tipo de ativismo digital é uma nova forma de crianças e jovens buscarem justiça social, abrindo espaço em lugares públicos dos quais normalmente seriam excluídos”. Ao levar sua visão diretamente para as instituições e para o espaço

¹⁸ Texto original: this type of digital activism is a new way for children and young people to pursue social justice, carving out room in public spaces that they would be typically excluded from

público do ciberespaço, a jovem demonstra sua agência também presente nas questões políticas.

Em entrevista à BBC (2019, não p.), Greta afirma "como não posso votar, essa é uma das maneiras que eu posso fazer minha voz ser ouvida". Essa ideia vai de encontro às teorias apresentadas anteriormente, uma vez que fala sobre a percepção que as crianças possuem de sua participação - ou falta desta - enquanto voz ativa nas decisões políticas que dizem respeito a seu próprio futuro. A estudante foi diagnosticada com Síndrome de Asperger, condição psicológica do espectro autista que pode gerar dificuldades na interação social e comunicação (SÁNCHEZ, 2020). De acordo com Greta, sua principal inspiração foi Rosa Parks, ativista negra símbolo do "Movimento dos Direitos Civis" nos Estados Unidos que também era conhecida por sua introversão (BBC, 2019). O movimento pelos direitos civis dos negros e pelo fim da segregação racial nos Estados Unidos foi conhecido pela alta participação de crianças e adolescentes.

Em discurso na Conferência Climática da ONU em 2019, a ativista pediu a redução das emissões de gases do efeito estufa e disse ter sua infância roubada pelos chefes de Estado, uma vez que deveria estar na escola e não discursando na Cúpula Climática (G1, 2019). A repercussão de seu discurso e de suas postagens levou à uma identificação com a causa e à disseminação de suas ideias, que atingiram e influenciaram jovens a levantarem suas vozes ao redor do mundo. No Reino Unido, estudos apontam um aumento de 18% no engajamento através de redes sociais em causas políticas, incluindo a ambiental, por crianças entre 12 e 15 anos, ficando conhecido como o "Efeito Greta" (OFCOM, 2020).

Em suas falas e publicações, a jovem chama atenção, em especial, ao fato de que é a sua geração que deve sofrer as consequências do descaso das gerações anteriores em relação ao meio-ambiente. A ativista sueca defende ainda o conceito de justiça climática, ou a necessidade de levar em consideração as diferenças de classe e de raça e dos países mais ricos para os países mais pobres (HOLDEN, 2019). Ou seja, para Greta, os países mais ricos devem reduzir drasticamente e rapidamente suas emissões de carbono para, em seguida, auxiliar os mais pobres rumo ao desenvolvimento e redução da pegada de carbono (ONU NEWS, 2019). No centro de muitos de seus discursos, Greta destaca a importância do

engajamento da população no movimento para reivindicar seus direitos sobre o meio-ambiente. Atualmente, Greta segue promovendo os protestos às sextas-feiras em frente ao parlamento sueco e, por esse motivo, o movimento agora é denominado “*Fridays for future*”, ou “Sextas pelo futuro” em português (BBC, 2019).

Vanessa Nakate, por sua vez, é uma ativista ambiental nascida em 1996 em Uganda, país que sofre com os câmbios climáticos, passando por secas e enchentes, além do aumento das temperaturas (BBC, 2021). Vanessa aprendeu sobre a crise climática lendo conteúdos que abordavam as dificuldades enfrentadas por sua comunidade e, em 2018, ao saber da greve escolar de Greta Thunberg na Suécia, decidiu também fazer uma greve pelo clima em seu país (NAKATE, 2022c). A escola, para ambas, teve um papel importante na instrução e no acesso à informação que as levou ao engajamento com a causa da mudança climática. A principal diferença no movimento no continente africano, para Vanessa, é que as crianças não devem parar de ir à escola, já que há um reconhecimento da oportunidade de educação como um grande privilégio que a maior parte de seus pares não possui (NAKATE, 2021c). As crianças africanas, ainda que inspiradas pelo movimento de greve escolar, têm outras formas de ativismo que fazem mais sentido para sua realidade. Para Nakate, “os ativistas vêm de maneiras diferentes” (*Ibidem*, não p., tradução nossa)¹⁹. Na região de Uganda, por exemplo, existe uma tradição de clãs que se estende há centenas de anos, em que cada clã possui o nome de um animal a ser protegido. A família de Vanessa faz parte do clã Njovu, voltado à proteção dos elefantes e, como ela, outras crianças aprendem desde cedo a importância da proteção à natureza através da participação em atividades das tribos e clãs (NAKATE, 2022c).

Em janeiro de 2019, Vanessa começou seus protestos em frente ao parlamento ugandês, para pedir que o governo tomasse providências sobre o tema da mudança climática (BBC, 2021). Em menos de um ano, o movimento ganhou força nas redes sociais e na mídia, e Vanessa foi convidada a participar de eventos importantes, como a COP25, Conferência Climática das Nações Unidas, e o Fórum Econômico, em Davos. Entre as principais demandas e temas tratados pela ativista, está a questão da justiça climática, fortemente reforçada pelo fato de que a África,

¹⁹ Texto original: activists come in different ways.

enquanto continente, foi responsável por menos de 4% das emissões de carbono, mas é o local que mais sofre com as consequências (NAKATE, 2021c). Vanessa afirma que “pessoas do Sul Global contribuíram menos e sofrem mais” (NAKATE, 2022c, não p., tradução nossa)²⁰, de forma que a África está na linha de frente na batalha das mudanças climáticas. Esses países também não teriam recursos para pagar pelos danos que sofreram e, por esse motivo, aqueles que mais contribuíram para a crise climática deveriam pagar pelo dano causado, em uma política de perdas e danos. Essa ideia é frequentemente citada por Vanessa Nakate em seus discursos, em entrevistas para a mídia ou na Cúpula Climática.

Assim como Vanessa, outros jovens do Sul Global - da América Latina, em especial - estão envolvidos na causa climática. Entre eles, o colombiano Francisco Javier Vera Manzanares, menino de 12 anos da Colômbia, que ganhou espaço nas redes sociais desde 2021 e participou da COP26, Conferência Climática da ONU (TORRADO, 2021). Para Francisco e outras crianças ativistas como ele, a influência de personalidades como Greta e Vanessa e sua atividade nas redes podem influenciar a participação ativa e massiva em movimentos políticos e sociais.

Em comum nas histórias de Greta e Vanessa, além da influência da escola na conscientização a respeito dos problemas ambientais, está a vontade de participar de uma mudança e o pensamento no futuro. Para Tisdall e Cuevas-Parra (2022, p. 796, tradução nossa)²¹,

Quando as crianças e jovens decidem investir seu tempo e energia em atividades de participação coletiva, geralmente o fazem porque querem fazer uma mudança. Eles relatam querer fazer isso em suas próprias comunidades e vidas, e fazer uma diferença mais ampla no futuro.

No entanto, apesar de motivações semelhantes, no caso de Vanessa Nakate as mudanças climáticas já afetam sua realidade no dia a dia, já que as secas, enchentes e ondas de calor que atingem o continente africano aumentaram nos últimos anos, como visto anteriormente. Para Nakate, a crise climática não

²⁰ Texto original: people from the global south contributed the least and suffer the most

²¹ Texto original: When children and young people decide to invest their time and energy in collective participation activities, they usually do so because they want to make a change. They report wanting to do so within their own communities and lives, and to make a wider difference into the future.

ocorrerá no futuro, mas já está acontecendo e afetando milhões de pessoas pelo mundo (NAKATE, 2021a). O Acordo de Paris - que pretende manter o aumento da temperatura abaixo de 1,5 graus Celsius até o fim de 2030 - não é suficiente para a ativista, que afirma “Quero que as pessoas entendam que um aumento de 1,2 graus Celsius já é um inferno para mim e para outras pessoas que vivem em Uganda e no continente africano” (NAKATE, 2021a não p., tradução nossa)²².

Greta Thunberg completou 20 anos em 2023, enquanto Vanessa Nakate está na faixa dos 26 anos de idade. Ambas já não se encaixam na definição convencional de crianças como menores de 18 anos, ainda que Greta tenha iniciado seu ativismo nas redes sociais aos 15 anos. No entanto, foram escolhidas para compor esta pesquisa por sua relevância no cenário internacional e pela influência que possuem sobre os públicos jovens, em suas respectivas regiões do globo. Além disso, sua repercussão na mídia e as respostas às suas postagens nas redes sociais reforçam a imagem que ainda passam, enquanto mulheres jovens, ao participarem ativamente de movimentos políticos. Por fim, tratando-se da juventude sobre uma perspectiva mais direcionada do que a definida na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças, verifica-se que outros fatores além da idade interferem nas diferentes infâncias e juventudes do Norte e do Sul, como evidenciado no primeiro capítulo deste trabalho.

Ambas, Greta e Vanessa, foram escolhidas para esta análise por conta de suas lideranças no movimento climático. Grupos pequenos de ativistas posicionados no centro dos espaços das redes sociais passaram a realizar as funções tradicionalmente associadas a líderes de movimentos sociais, como a organização estratégica da atividade de protesto e a conexão de indivíduos e grupos previamente separados em prol de uma ação comum. Estes indivíduos são chamados de “líderes conectivos”, líderes focados em conectar pessoas e informações (POELL; VAN DJICK, 2017). Desta forma, é possível afirmar que Greta Thunberg e Vanessa Nakate se firmam enquanto líderes conectivas, ao trazerem informação e conectarem seus públicos.

²² Texto original: I want people to understand that a rise of 1.2 degrees Celsius is already hell for me and other people living in Uganda and on the African continent.

4.1 METODOLOGIA DE ANÁLISE DE REDES SOCIAIS

Usuários das redes sociais estão envolvidos na rápida e generalizada produção e circulação de materiais ativistas, incluindo fotos, hashtags, *fake news*, vídeos e discursos. Mesmo com as mudanças propiciadas pelo ciberespaço nos movimentos ativistas, a liderança e identidades coletivas continuam a desempenhar um papel vital nessas plataformas, que não apenas permitem a atividade ativista, mas também a moldam (POELL; VAN DJICK, 2017). Uma vez que as postagens nas redes sociais transformaram o ativismo, utiliza-se da abordagem qualitativa e das abordagens de multiplataformas para compreender a pesquisa nestes espaços. A forma escolhida para exemplificar esse ativismo é através de um estudo de caso das redes sociais de ambas as jovens ativistas. No caso deste trabalho, o estudo de caso foi usado com o intuito de compreender as interações e mobilizações de jovens por meio de diferentes redes sociais, além de suas articulações com órgãos e indivíduos do governo e empresas privadas. É relevante compreender como a mídia tradicional retratam as crianças e adolescentes ativistas em suas publicações. Aqui, é realizada uma observação de interações sociais no ambiente online multiplataformas, sem qualquer interferência por parte do pesquisador no objeto de estudo (MORTON, 2001).

Na abordagem multiplataformas de pesquisa sobre as comunidades virtuais, diferentes redes sociais são consideradas para o estudo. Cada plataforma é entendida de forma separada e, ao mesmo tempo, parte de uma estratégia conjunta (ROGERS, 2017). Considerar as diferenças nas plataformas é também compreender que curtidas, hashtags e interações utilizadas para organizar e impulsionar conteúdo podem ter diferentes funcionalidades em plataformas distintas. De acordo com Richard Rogers (2017), para analisar redes sociais como Twitter, Facebook e Instagram é preciso se atentar a alguns pontos: as plataformas podem ter como usuários públicos distintos, a presença de *bots* e o *spam*, além do conteúdo que a rede opta por mostrar para seus usuários com base em seus interesses, conhecido por algoritmo.

Para esta pesquisa, foram escolhidas as plataformas Instagram e Twitter por serem as duas principais formas de comunicação de ambas as ativistas

estudadas. No caso da pesquisa social, a interpretação feita diz respeito principalmente à história que o conteúdo conta, sem considerar os efeitos das plataformas (ROGERS, 2017). Por este motivo, utiliza-se uma abordagem multiplataformas de pesquisa social, que leva em consideração a história contada pelas redes sociais de duas ativistas e sua agência no cenário internacional por meio do ciberespaço. O Quadro 1 apresenta e diferencia os elementos analisados no Twitter e no Instagram.

QUADRO 1 – Elementos da análise multiplataformas

	Twitter	Instagram
Elementos de busca	Hashtags, palavras-chave, localização, usuários	Hashtags, localização, usuários
Contas de usuário na plataforma (com ação disponível)	usuário (seguir)	usuário (seguir)
Conteúdo (mídia e objetos digitais)	tweet (texto, foto, vídeo, hashtag, @menção, URL, geolocalização)	foto, vídeo (texto, hashtag, geolocalização, @menção)
Atividades (medidas de ressonância)	curtidas (favoritos), retweets e respostas	curtidas, comentários

Fonte: Adaptado de ROGERS (2017)

Desta forma, os principais conteúdos analisados no Twitter são os textos, fotos, vídeos e hashtags, enquanto no Instagram são as fotos, vídeos e legendas. As atividades, em forma de curtidas, comentários, interações e retweets, servem como medidas de ressonância do conteúdo publicado (ROGERS, 2017). As imagens publicadas nas redes sociais devem ser analisadas por seus significados adquiridos nos discursos culturais que existem tanto dentro quanto fora do mundo digital, além de sua capacidade de produzir novos significados (FAULKNER; VIS; D'ORAZIO, 2017). Os textos e legendas se fazem necessários para entender os discursos e as temáticas mais tratadas pelas ativistas. Por fim, os comentários e demais interações da comunidade auxiliam no entendimento da percepção externa sobre a agência dessas jovens ativistas. É importante destacar que, ainda que a

quantidade de interações nas publicações seja relevante para compreender sua repercussão, o aspecto principal a ser abordado nesta pesquisa é o aspecto qualitativo relacionado às histórias e comportamentos contados ou ressaltados pelas imagens e publicações analisadas.

As postagens nas redes sociais, para efeitos de pesquisa, podem ser consideradas documentos pessoais tão relevantes quanto as cartas foram no passado (GIL, 2021). A pesquisa qualitativa documental das postagens em redes sociais foi realizada seguindo as etapas delineadas por Antonio Carlos Gil (2021, p. 133): identificação do material potencialmente relevante, avaliação da qualidade dos documentos e, por fim, o estabelecimento de um sistema de codificação e classificação dos documentos. Para a primeira etapa, de identificação do conteúdo relevante, foram analisados os perfis das redes sociais Instagram e Twitter de Greta e Vanessa. Num segundo momento, para avaliar a qualidade das postagens no sentido da elegibilidade para uso em pesquisa foi importante considerar autenticidade, credibilidade, representatividade e significado (GIL, 2021). Por fim, foi estabelecido um sistema de codificação das postagens, buscando encontrar padrões e diferenças. Optou-se por agrupar as publicações de diferentes redes sociais em uma ordem primeiramente cronológica e, em segundo lugar, seguindo uma lógica temática.

Por fim, torna-se importante ressaltar que as postagens foram analisadas considerando elementos como fotos, vídeos, textos, comentários e demais interações. Ademais, essa pesquisa se traduz na interpretação das postagens e as relações estabelecidas com as teorias estudadas anteriormente, buscando compreender de que forma as imagens e interações conversam com os aspectos: agência da criança e adolescente; Norte e Sul; ativismo infanto-juvenil; mudança e justiça climática, entre outros.

4.2 ESTUDO DE CASO: GRETA E VANESSA NAS REDES SOCIAIS

Nas redes sociais, o movimento iniciado por Greta Thunberg impactou milhões de usuários ao redor do mundo. A ativista, que possui, atualmente, cerca de 14,8 milhões de seguidores na rede social Instagram sob o nome de usuário

@gretathunberg, tem mais de 900 publicações. Greta se juntou à rede em 2016, mas só fez suas primeiras postagens em 2018, por meio de sua manifestação política em frente ao parlamento sueco. Suas publicações têm em torno de 80 a 400 mil curtidas em média, chegando a 2 milhões em suas postagens mais populares. Recebe ainda entre 1200 a 8 mil comentários em média por postagem, chegando a alcançar mais de 19 mil comentários em seus posts mais comentados. Nas Figuras 13 e 14, o perfil de Greta nas redes Instagram e Twitter, respectivamente.

FIGURA 13 – Perfil de Greta no Instagram



FIGURA 14 – Perfil de Greta no Twitter



Fonte: Thunberg (2022a, 2022b)

No Twitter, Greta faz comentários polêmicos e chama atenção de autoridades internacionais para um público de, atualmente, 5,8 milhões de seguidores. Um de seus tweets mais curtidos, em resposta a Donald Trump, tem 1,6 milhões de curtidas e mais de 400 mil interações. Sua publicação mais curtida na rede possui mais de 4 milhões de interações. A descrição usada por Thunberg em ambas as redes diz “Ativista autista pela justiça climática. Nascida em 375 ppm” (THUNBERG, 2022a, tradução nossa)²³. A menção às 375 partes de milhão (ppm) se refere à concentração de dióxido de carbono presente na atmosfera no mês de seu nascimento, janeiro de 2003. Atualmente, a concentração de CO₂ na atmosfera

²³ Texto original: Autistic climate justice activist. Born at 375 ppm.

terrestre é de 417 ppm, representando um aumento de 11,2% em relação a 2003 e de 50% a mais do que no período pré-industrial (NOAA, 2023).

Vanessa Nakate, por sua vez, utiliza em seu perfil do Instagram o nome de usuário @vanessanakate1 e possui, atualmente, cerca de 170 mil seguidores. A ativista está na rede desde 2017 contando, até o momento desta pesquisa, com mais de 600 publicações. As primeiras postagens de Vanessa, em novembro de 2018, falam sobre cristianismo e, logo em seguida, fazem apoio ao movimento de greve escolar fundado por Greta. As publicações da ugandense têm em torno de 1 a 5 mil curtidas e entre 20 e 80 comentários. Já as postagens mais curtidas alcançam até 28 mil curtidas e 12 mil comentários. No Twitter, Vanessa utiliza o nome de usuário @vanessa_vash, possuindo, atualmente, 243,3 mil seguidores. Seu tweet mais curtido, um comentário atrelado a uma foto em que Greta também está presente, tem 228,2 mil curtidas e cerca de 51,6 mil outras interações. Nas figuras 15 e 16, as redes sociais Instagram e Twitter de Vanessa Nakate.

FIGURA 15 – Perfil de Vanessa no Instagram



FIGURA 16 – Perfil de Vanessa no Twitter



Fonte: Nakate (2022a, 2022b)

A descrição de Vanessa em ambas as redes é “Cristã nascida de novo - Jesus Cristo é meu Senhor e Salvador, Embaixadora da Boa Vontade do UNICEF, ativista climática” (NAKATE, 2022a, tradução nossa)²⁴. Em um comunicado oficial

²⁴ Texto original: Born again Christian - Jesus Christ is my Lord and Savior, Unicef Goodwill Ambassador, Climate activist.

para o UNICEF, Vanessa explica sua prioridade como Embaixadora da Boa Vontade:

Será minha primeira responsabilidade trazer as vozes de crianças e pessoas marginalizadas para conversas em que antes eram excluídas. Esta função no UNICEF me dará mais oportunidades de conhecer crianças e jovens nos lugares mais afetados pelas mudanças climáticas e uma plataforma expandida para advogar em seu nome. (UNICEF, 2022, tradução nossa)²⁵

Em sua fala, Vanessa reforça sua posição enquanto jovem do Sul Global e seu compromisso em trazer vozes de outras crianças nos lugares que mais são afetados pelas mudanças climáticas, isto é, majoritariamente no Sul. A nomeação de Vanessa rendeu diversos elogios e parabenizações como a de sua colega Greta Thunberg (UNICEF, 2022).

Tratando-se apenas de números nas redes sociais, a diferença entre Greta e Vanessa é de mais de 13 milhões de seguidores no Instagram e mais de 4 milhões no Twitter. As diferenças de seguidores e interações nas publicações estão evidenciadas no Quadro 2.

QUADRO 2 - Redes sociais de Greta Thunberg e Vanessa Nakate em números

	Instagram			Twitter	
	Número de seguidores	Média de curtidas	Mais curtidas	Número de seguidores	Maior interação
Greta Thunberg	14,8 milhões	80-400 mil	2 milhões	5,8 milhões	4 milhões
Vanessa Nakate	170 mil	1-5 mil	28 mil	243,3 mil	280 mil

Fonte: Autora (2022)

Por interação, entende-se a soma entre comentários, vezes em que o conteúdo foi replicado e curtidas. Comparando as redes sociais das duas ativistas, é interessante reparar que o engajamento de Vanessa parece ser efetivo. Em sua postagem mais influente no Twitter, a jovem tem mais de 280 mil interações,

²⁵ Texto original: It will be my first responsibility to bring the voices of children and marginalized people into conversations where they were previously excluded. This role with UNICEF will provide me with more opportunities to meet children and young people in the places most affected by climate change and an expanded platform to advocate on their behalf,

número que ultrapassa sua quantidade de seguidores. A publicação mais interagida na rede de Greta também demonstra um engajamento expressivo de 4 milhões. É importante compreender que nem todos os usuários que curtem ou interagem com as publicações as seguem na rede social Twitter.

A primeira publicação de Greta Thunberg sobre a causa climática no Instagram está retratada na Figura 17, data de 20 de agosto de 2018, e refere-se ao seu primeiro dia de greve escolar pelo clima. Na imagem, a jovem de apenas 15 anos aparece sentada do lado de fora do Parlamento sueco, usando tranças nos cabelos e segurando o cartaz “Greve escolar pelo clima”. Esses elementos se tornaram símbolos do movimento de Greta: tanto os cartazes quanto seu cabelo tipicamente preso com tranças. Fotos como esta são comuns no Instagram de Greta, que costuma contar as semanas em que esteve em frente ao Parlamento da Suécia protestando.

FIGURA 17 - Publicação de Greta em frente ao Parlamento em 2018



Fonte: Thunberg (2018a)

Na legenda da foto, que tem mais de 30 mil interações, a jovem escreve em sueco, seu primeiro idioma:

Nós, crianças, geralmente não fazemos o que vocês nos dizem para fazer. Nós fazemos como vocês fazem. E já que vocês adultos não dão a mínima para o meu futuro, eu também não vou dar. Meu nome é Greta e estou na nona série. E estou em greve escolar pelo clima até o dia da eleição. (THUNBERG, 2018a, tradução nossa)²⁶.

A ação da jovem ao posicionar-se de forma política sentada do lado de fora do Parlamento vai de encontro com o conceito de ativismo determinado por Martin (2007), quando uma ação acontece além do convencional em prol de uma causa. Ao afirmar que as crianças não fazem o que os adultos as dizem para fazer, Greta reforça a ideia de Castro (2002, p. 52), que afirma que “se as crianças só aprendessem aquilo que os adultos querem ensiná-las, a espécie humana já teria sido eliminada há muito tempo”. Nos comentários desta publicação, jovens e adultos do mundo inteiro expressam apoio e comentam sobre as ações que estão acontecendo em seus países. Da mesma forma, alguns usuários ofendem Greta e desacreditam da causa climática, como pode ser visualizado nos comentários que orientam seu retorno para a escola. Um usuário escreve em inglês: “Esse protesto é a coisa mais estúpida que eu já vi. Volte para a escola [...] porque no final sua opinião não significa nada” (THUNBERG, 2018a, não p., tradução nossa)²⁷. Esse comentário mostra a visão tradicional vinda da concepção ocidental de infância, em que a criança não deveria opinar ou tomar partido em discussões políticas e estar associada apenas a uma passividade no ambiente escolar, desconsiderando que a escola também pode ser um local de discussão.

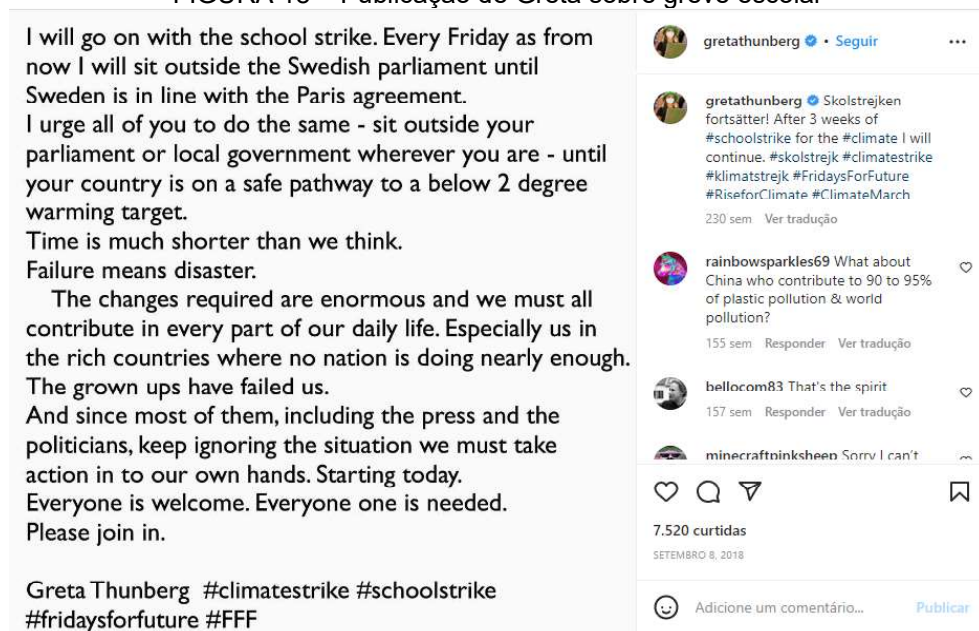
Ainda nesta publicação, já existem comentários por parte de usuários, em especial brasileiros, duvidando da veracidade da causa climática e das motivações de Greta. Entre eles, os comentários: “quem financia essa ‘inocente’ criança?” e “Claramente teu motivo não é o clima, é político. Tem ‘adultos’ por trás de ti querendo uma ‘boquinha’ no governo” (THUNBERG, 2018a, não p.)

²⁶ Texto original: We kids most often don't do what you tell us to do. We do as you do. And since you grown-ups don't give a damn about my future, I won't either. My name is Greta and I'm in ninth grade. And I am school striking for the climate until election day.

²⁷ Texto original: This protest is the stupidest thing I've ever seen. Go back to school instead of wasting your life trying to explain nonsense to everybody on this earth because in the end your opinion doesn't mean anything.

Em pouco tempo, Greta ganhou apoio em sua causa e outros jovens e adultos envolvidos com a causa climática começaram a participar de seus protestos em frente ao Parlamento que, em menos de um mês, começaram a ser noticiados em jornais de todo o mundo (CROUCH, 2018). Em setembro de 2018, a jovem passou a utilizar as redes sociais para organizar o movimento *Fridays for Future*, como ilustrado na Figura 18.

FIGURA 18 – Publicação de Greta sobre greve escolar



Fonte: Thunberg (2018b)

Nessa publicação, Greta convida outras pessoas a se juntarem ao seu protesto, onde quer que estejam, ao afirmar:

Vou continuar com a greve escolar. Todas as sextas-feiras, a partir de agora, sentarei do lado de fora do Parlamento sueco até que a Suécia esteja alinhada com o acordo de Paris. Encorajo vocês a fazerem o mesmo - sentar-se do lado de fora de seu parlamento ou governo local, onde quer que estejam [...] os adultos falharam com a gente. E como a maioria deles, inclusive a imprensa e os políticos, continuam ignorando a situação, devemos agir por conta própria. Começando hoje. Todos são bem-vindos. Todos são necessários. Por favor, participe. (THUNBERG, 2018b, não p., tradução nossa²⁸)

²⁸ Texto original: I will go on with the school strike. Every Friday as from now i will sit outside the Swedish parliament until Sweden is in line with the Paris agreement. I urge you to do the same - sit outside your parliament or local government wherever you are [...] The grownups have failed us. And since most of them, including the press and the politicians, keep ignoring the situation we must take action in to our own hands. Starting today. Everyone is welcome. Everyone is needed. Please join in.

Desta forma, a ativista combina suas postagens acerca das ações que realiza com a organização estratégica das atividades de protesto que servem para conectar indivíduos separados por fronteiras geográficas, conforme descrito por Poell e Van Dijk (2017) e discutido anteriormente neste trabalho. Também utiliza a rede para criticar a inação por parte dos adultos, governantes e imprensa, sempre colocando-os numa posição de alteridade. O uso das hashtags “#climatestrike #schoolstrike #fridaysforfuture #FFF”²⁹ (THUNBERG, 2018b, não p.), representam um uso político deste elemento para organização e demanda de mudança, como definido por Tisdall e Cuevas-Parra (2022).

A primeira postagem de Vanessa Nakate ligada à causa climática foi publicada no Instagram em janeiro de 2019, e trata de uma foto da ativista do lado de fora do Parlamento em Uganda, como visto na Figura 19.

FIGURA 19 – Publicação de Vanessa em frente ao Parlamento



Fonte: Nakate (2019a)

A greve em frente ao Parlamento ugandês aconteceu em resposta ao chamado de Greta para ação, evidente pelo uso das hashtags do movimento, inicialmente publicadas pela sueca e pela menção, @gretathunberg, feita por

²⁹ Texto traduzido: #grevepeloclima #greveescolar #fridaysforfuture #FFF

Vanessa. Essa publicação de Vanessa mostra como o exemplo de uma ativista jovem pela mesma causa, ainda que em outro continente, afeta diretamente a outras pessoas e pode contribuir para sua mobilização. As postagens iniciais de Vanessa não possuem muitas interações e a primeira publicação teve apenas 134 curtidas. Em seu cartaz, além de pedir pela greve climática, também escreve “Obrigada pelo aquecimento global” (NAKATE, 2019a, não p., tradução nossa)³⁰. Utilizando-se de ironia, Vanessa agradece ao Parlamento e aos maiores emissores de gases de efeito estufa por não impedirem o avanço do aquecimento global. Em setembro de 2019, no Twitter, Vanessa compartilhou suas imagens sozinha nos protestos em sua região em Uganda, com a afirmação:

Esta sou eu! Sua única participante da greve climática de Uganda. Eu não escolhi que fosse dessa forma, mas não tenho nada a fazer sobre isso. Fui inspirada por @GretaThunberg para iniciar greves climáticas na África e ainda estou fazendo. Ainda vou apresentar algo ao movimento climático. Espero que vocês gostem. Obrigado (NAKATE, 2019b, não p., tradução nossa)³¹

Em 2019, o movimento fundado por Greta - *Fridays for Future* - ganhou espaço e adesão por milhares de pessoas em todo o mundo, que protestaram em seus países demandando ação por parte das autoridades contra a mudança climática (BBC, 2019). A jovem sueca continuou a utilizar as redes sociais como forma de organização e para retratar os protestos do movimento climático.

A ativista seguiu com a contagem das semanas de sua greve escolar e continuou usando o Twitter e o Instagram como forma de conscientizar a população e engajar outros jovens e adultos na causa climática. Em vídeos postados em seu Instagram e Twitter, Greta afirma: “O ativismo funciona. Vejo vocês nas ruas!” (THUNBERG, 2019b, não p., tradução nossa)³², de forma a incitar a participação da população na greve climática. Nos comentários, algumas mensagens como “O mundo precisa de jovens como você, você é o futuro e a melhor esperança para este planeta” e outras de agradecimento em diversos idiomas mostram o alcance

³⁰ Texto original: Thanks for the global warming

³¹ Texto original: This is me! Your LONE climate striker from Uganda. I don't choose to be that way but nothing to do about it. I was inspired by @GretaThunberg to start climate strikes in Africa and I am still going. I will introduce something to the climate movement. Hope you like it. Thanks

³² Texto original: Activism works. See you on the streets!

do movimento. Os comentários negativos e críticas à Greta, no entanto, também acontecem em grande número e apresentam ofensas por sua idade, aparência, vestimentas e gênero, além de sua condição no espectro autista. Um usuário escreveu “Desde quando as pessoas ouvem uma criança com doença mental que começou a usar sutiã há pouco tempo????” (THUNBERG, 2019b, não p., tradução nossa)³³. Os comentários buscam invalidar as falas da jovem ativista por sua idade e pela Síndrome de Asperger, chamando a condição pelo termo “doença mental”, revelando o preconceito e falta de informação acerca da condição.

Centenas de outros comentários falam especificamente de sua aparência, inclusive de forma sexualizada, como “Por que ela tem peitos tão pequenos? Pensei que ela tinha 16 anos” (THUNBERG, 2019b, não p., tradução nossa)³⁴. Em vários destes comentários, há a afirmação de que a garota não teria 16 anos, por conta de seu corpo. Embora essas falas e posicionamentos também venham de usuárias mulheres, são feitas, em sua maioria, por homens adultos. Essas citações de cunho machista caracterizam uma forma de violência de gênero compreendida por Pierre Bourdieu (1989) como violência simbólica. Os diversos comentários têm como foco o ódio não apenas à Greta, mas reforçam tipos de agressões e estereótipos voltados para o corpo feminino, de forma que o gênero da ativista também se torna um motivo de descrédito para esses usuários.

Em 2019, Greta foi convidada para falar no Parlamento Europeu e em diversos outros encontros internacionais de tomadores de decisão, como no Fórum Econômico de Davos (BBC, 2019). Nesta ocasião, Greta afirmou em frente aos líderes, “A solução é tão simples que até uma criança pequena pode entender: temos que parar a emissão de gases de efeito estufa [...] Quero que entrem em pânico. Quero que ajam como se sua casa estivesse pegando fogo. Porque está” (THUNBERG, 2019a, não p., tradução nossa)³⁵.

É possível que os discursos de Greta se tornaram virais nas redes sociais e na mídia, em parte porque fugiram do que é esperado para as crianças e adolescentes no que diz respeito à seriedade e envolvimento político, como

³³ Texto original: Since when do people listen to a mentally ill child in a training bra????

³⁴ Texto original: why does she have such small breasts, I thought she was 16

³⁵ Texto original: The solution is so simple that even a small child can understand it: we have to stop the emission of greenhouse gasses [...] I want you to panic. I want you to act as if the house was on fire. Because it is

evidenciado nos capítulos anteriores. Nesse mesmo ano, outro discurso viralizou na internet, na ocasião da Cúpula Climática da ONU, em que a jovem afirmou:

Isso está tudo errado. Eu não deveria estar aqui. Eu deveria estar na escola do outro lado do oceano. No entanto, todos vocês vêm até nós, jovens, em busca de esperança. Como vocês ousam! Vocês roubaram meus sonhos e minha infância com suas palavras vazias [...] vocês estão falhando conosco. Mas os jovens estão começando a entender sua traição. Os olhos de todas as gerações futuras estão sobre vocês. E se vocês escolherem falhar conosco, eu digo: Nós nunca iremos perdoá-los. [...] O mundo está acordando. E a mudança está chegando, quer vocês gostem ou não. (THUNBERG, 2019c, não p., tradução nossa)³⁶.

Greta utilizou ambas as redes sociais, Twitter e Instagram, para divulgar seu discurso na Cúpula Climática. De acordo com Rogers (2017), ainda que as plataformas sejam entendidas separadamente, um uso combinado destas faz parte de uma ação estratégica conjunta. Mais de 4,3 milhões de usuários curtiram a publicação deste discurso no Instagram e milhares interagiram através dos comentários (THUNBERG, 2019c). Apesar de muitas serem positivas, uma grande parte das interações a mandam voltar para a escola, perguntam sobre sua vida amorosa e ofendem suas características físicas. Outro tópico comum nos comentários de seus discursos é a ideia de que a ativista não os escreve, e que faz parte de uma agenda política de terceiros, como comentado por um usuário da rede: “Como seus pais se atrevem a te usar como instrumento. Sinto muito por você, pequena garota” (THUNBERG, 2019c, não p., tradução nossa)³⁷. No entanto, a maioria dos comentários enfatiza o papel de Greta como uma inspiração para a causa climática.

A Figura 20 mostra Greta atrás do então presidente norte-americano Donald Trump. A imagem viralizou em redes sociais e sites de notícia, uma vez que a jovem ativista é vista encarando o líder estadunidense conhecido por desacreditar nas falas e na ciência da mudança climática (MILMAN, 2019).

³⁶ Texto original: This is all wrong. I shouldn't be up here. I should be back in school on the other side of the ocean. Yet you all come to us young people for hope. How dare you! You have stolen my dreams and my childhood with your empty words [...] You are failing us. But the young people are starting to understand your betrayal. The eyes of all future generations are upon you. And if you choose to fail us, I say: We will never forgive you. [...] The world is waking up. And change is coming, whether you like it or not.

³⁷ Texto original: How dare your parents use you like an instrument. I feel so sorry for you, little girl.

FIGURA 20 - Greta encara Trump



Fonte: Milman (2019)

FIGURA 21 - Tweet de Donald Trump



Fonte: Trump (2019a)

A imagem apresenta Trump desfocado e em primeiro plano, enquanto Greta, ao fundo, aparece em foco. A jovem usa o cabelo para o lado em uma trança e uma camisa rosa, e apresenta uma postura séria em sua expressão. De acordo com Ana Carolina Mauad (2008, p. 37), a linguagem fotográfica tem a capacidade de “agenciar um discurso político que tanto elabora uma opinião pública sobre o que se registra como cria um imaginário social sobre seus objetos de registro”. Essa observação é clara ao analisar a Figura 20, uma vez que o olhar de Greta para o ex-presidente pode representar a indignação de uma grande parcela de sua geração com as ações de Trump, visto que a imagem repercutiu ao redor do mundo e funcionou como uma extensão do discurso de Greta. Em resposta, Donald Trump publicou o discurso da garota em seu Twitter com a frase “Ela parece uma jovem muito feliz, ansiosa por um futuro brilhante e maravilhoso. Tão bom de ver” (TRUMP, 2019a, não p., tradução nossa)³⁸, publicação na figura 21.

Em resposta a Trump, Greta adiciona, de forma irônica, a seguinte descrição em seu perfil no Twitter: “Uma jovem muito feliz, ansiosa por um futuro brilhante e maravilhoso” como descrição de seu perfil no Twitter, de forma irônica (BBC, 2019). A ironia e o sarcasmo são recursos usados constantemente por Greta Thunberg,

³⁸ Texto original: She seems like a very happy young girl looking forward to a bright and wonderful future. So nice to see!

como forma de mostrar sua indignação. Essas provocações com o ex-presidente norte-americano são apenas o início de um longo histórico de farpas que os dois trocaram pelas redes sociais.

As atitudes e o pensamento da jovem ativista podem causar estranhamento ao público, uma vez que desafiam os conceitos conhecidos de infância, tradicionalmente associada à brincadeira e educação, como um aspecto da romantização da infância ocidental denunciada por Jefferess (2002). Greta desafia também ao participar ativamente e se posicionar em um movimento político e questões de vida pública enquanto mulher e criança – grupo duplamente invisibilizado na política e nas relações internacionais, para Martuscelli (2014).

Ao ser eleita Pessoa do Ano de 2019 pela revista Time, Greta afirmou: "Espero não ter que continuar sendo uma ativista do clima. Só quero ser como todo mundo. Quero me educar e ser uma adolescente normal" (HOLDEN, 2019, não p.). Nessa ocasião, Donald Trump também usou as redes para expressar que discordou da nomeação de Greta, como apresentado na Figura 22.

FIGURA 22 - Tweet de Trump sobre Greta



Fonte: Trump (2019b)

FIGURA 23 - Tweet de Greta para Trump



Fonte: Thunberg (2020c)

Em seu Twitter, o ex-presidente escreveu “Tão ridículo. Greta deveria trabalhar em seu problema de controle da raiva e depois assistir a um bom filme à moda antiga com um amigo! Relaxa Greta, relaxa!” (TRUMP, 2019b, tradução nossa)³⁹. Nessa citação, mais uma vez, Trump relaciona Greta a um espaço de não participação. Greta Thunberg, seguindo sua linha de provocações, usou a mesma

³⁹ Texto original: So ridiculous. Greta must work on her Anger Management problem, then go to a good old fashioned movie with a friend! Chill Greta, Chill!

legenda 2 anos depois, quando Donald Trump pediu para que a contagem dos votos da eleição nos Estados Unidos fosse interrompida, na Figura 23.

Trump não foi o único líder mundial a trocar provocações com a jovem. Greta também foi chamada de “pirralha” por Jair Bolsonaro, ex-presidente do Brasil e, em resposta, alterou sua descrição na rede social Twitter para “pirralha” (ROMANO, 2019). Ao chamá-la de pirralha, há uma tentativa de desqualificar suas falas e infantilizar suas ações baseado apenas em sua idade. Essa ofensa conversa com a noção ocidental de infância para Boyden e Levison (2000), em que a criança é somente entendida em oposição ao adulto, como um ser em desenvolvimento, e definida por tudo aquilo que lhe falta em relação a um adulto.

A publicação de Greta que recebeu mais curtidas e comentários no Instagram foi uma foto publicada em 2021 e também está associada às provocações de Trump (Figura 24).

FIGURA 24 – Publicação mais curtida de Greta em resposta a Donald Trump



Fonte: Thunberg (2021a)

Na imagem, o ex-presidente norte-americano é visto deixando a Casa Branca após a posse de Joe Biden (MITCHELL; JEWERS, 2021). A legenda escrita pela jovem é: "Ele parece um homem velho muito feliz, ansioso por um futuro brilhante e maravilhoso. Tão bom de ver!" (THUNBERG, 2021a, tradução nossa)⁴⁰,

⁴⁰ Texto original: He seems like a very happy old man looking forward to a bright and wonderful future. So nice to see!

em referência ao comentário com as mesmas palavras feito por Trump em 2019, retratado na Figura 21.

Nota-se, pelas respostas de líderes como Trump e Bolsonaro, que Greta possui influência no cenário internacional a ponto de mobilizar presidentes e centenas de seus apoiadores em forma de comentários. Sobre os comentários incitando ódio e as teorias de conspiração que recebeu em suas redes, Greta publicou uma sequência de postagens no Twitter em setembro de 2019:

Como vocês devem ter notado, os *haters* estão mais ativos do que nunca - indo atrás de mim, minha aparência, minhas roupas, meu comportamento e minhas diferenças. Eles inventam todas as mentiras imagináveis e teorias da conspiração [...] sinceramente, não entendo por que adultos escolheriam gastar seu tempo zombando e ameaçando adolescentes e crianças por promover a ciência, quando poderiam fazer algo bom. Eu acho que eles devem simplesmente se sentir muito ameaçados por nós [...] (THUNBERG, 2019d, não p., tradução nossa)⁴¹

Ao afirmar que os adultos se sentem ameaçados pela juventude, a ativista apresenta uma ideia de que há uma grande preocupação por parte dos adultos de que a participação infanto-juvenil no campo da política ocorreria contra seus interesses particulares, principalmente financeiros (SERRÃO; SARMENTO; SANTANA, 2022).

Enquanto isso, em Uganda, o movimento iniciado por Vanessa Nakate começou a ganhar força no final de 2019, quando a ativista passou a falar sobre a crise climática em escolas da região (NAKATE, 2019c). Este é o aspecto informacional do ativismo híbrido, que mescla ações no ambiente virtual com ações presenciais, definido por Martin (2007). No mesmo ano, Vanessa foi convidada para participar da Conferência Climática, COP25, como retratado na Figura 25, publicada em seu Instagram. No mesmo evento, Nakate conheceu a ativista e organizadora do movimento que participa, Greta Thunberg, pela primeira vez, como retratado na Figura 26. A imagem mostra ambas as ativistas sorrindo lado a lado. Esta foi, até o momento da publicação em 2019, a fotografia com mais curtidas e

⁴¹ Texto original: As you may have noticed, the haters are as active as ever - going after me, my looks, my clothes, my behaviour and my differences. They come up with every thinkable lie and conspiracy theory [...] I honestly don't understand why adults would choose to spend their time mocking and threatening teenagers and children for promoting science, when they could do something good instead. I guess they must simply feel so threatened by us [...]

comentários no perfil de Vanessa, com aproximadamente 700 interações (NAKATE, 2019d).

FIGURA 25 - VANESSA NAKATE NA COP25



FIGURA 26 - VANESSA E GRETA NA COP25



FONTE: Nakate (2019e, 2019d)

Na Figura 25, a ativista segura o cartaz com os dizeres “Salvem a floresta do Congo” (NAKATE 2019e, não p., tradução nossa)⁴². Este é um dos tópicos mais abordados por Nakate em suas redes sociais, já que a floresta tropical do Congo sofre com desmatamento e queimadas que causaram sua diminuição pela metade entre 2002 e 2019 (YEUNG, 2021). A jovem trata diversas vezes em suas postagens de problemas específicos do continente africano, enquanto as publicações de Greta Thunberg, em sua maioria, são mais abrangentes e voltadas à organização do movimento no mundo inteiro, além do direcionamento às autoridades e líderes mundiais.

A postagem mais curtida de Vanessa Nakate no Twitter ocorreu após o Fórum Econômico de Davos, em janeiro de 2020, evento em que a ativista posou para uma foto junto a outras jovens, incluindo Greta. Essa imagem foi mais tarde cortada em veículos da imprensa, assim como os comentários feitos por Vanessa no evento (EVELYN, 2020). Em resposta ao ocorrido, a ativista twittou: "Vocês não apagaram uma foto. Vocês apagaram um continente. Mas eu estou mais forte do

⁴² Texto Original: Save Congo forest.

que nunca” (NAKATE, 2020a, tradução nossa). É possível ver o tweet na Figura 27, juntamente com a foto da ocasião.

FIGURA 27 – Publicação de Vanessa Nakate sobre imagem veiculada na mídia



Fonte: Nakate (2020a)

Na imagem, as jovens ativistas brancas, incluindo Greta Thunberg, estão à direita, enquanto Vanessa, a única negra, está à esquerda. Sobre seu posicionamento na imagem, Nakate afirmou em seu Twitter: “Todo mundo dizendo que eu deveria me posicionar no meio está errado! Uma ativista africana tem que ficar no meio só por medo de ser excluída? Não deveria ser assim” (NAKATE, 2020b, não p., tradução nossa)⁴³. De acordo com Ana Carolina Mauad (2005), existem três principais aspectos a serem considerados nas imagens visuais: produção, recepção e produto. O primeiro aspecto, a questão da produção, está

⁴³ Texto original: Everyone saying that I should position myself in the middle is wrong! Does an African activist have to stand in the middle just because of fear of being cropped out? It shouldn't be like this

relacionada à mediação da relação entre o olhar e a imagem final, por meio da manipulação tecnológica (*Ibidem*). Neste aspecto, cabe questionar-se o porquê do afastamento de Vanessa das demais jovens, como elucidado pela jovem em seu comentário a respeito do posicionamento. A segunda questão, da recepção, trata do valor atribuído à imagem pela sociedade, a exemplo da veiculação midiática da fotografia em que a ativista ugandense aparece cortada e da repercussão desse acontecimento. Por fim, a questão mais relevante para análise deste recurso visual é a do produto, é a capacidade da imagem de potencializar a matéria em si mesma, como resultado da produção de sentidos. A fotografia e sua veiculação estabelecem um diálogo de sentidos com referências culturais verbais e não-verbais, contando histórias e reforçando aspectos culturais em sua capacidade narrativa (MAUAD, 2005). Aqui, a história contada pela imagem em que Vanessa Nakate foi recortada reforça os padrões históricos de racismo e exclusão racial presentes na sociedade.

O termo raça refere-se principalmente ao âmbito biológico, tratando-se mais comumente de características como cor de pele, tipo de cabelo, aspectos físicos e genética, enquanto o termo etnia está atrelado ao âmbito cultural, de uma comunidade definida por afinidades linguísticas, culturais e semelhanças genéticas e ancestrais (SANTOS et al, 2010). Quando Vanessa afirma que seu continente foi apagado, refere-se também à sua etnia, cultura, nacionalidade, além de sua cor de pele e traços físicos. A ativista afirmou em entrevista para o *The Guardian*: “Eu não estava na lista de participantes. Nenhum dos meus comentários da coletiva de imprensa foram incluídos. Foi como se eu nem estivesse lá.” (EVELYN, 2020, não p., tradução nossa)⁴⁴. A fala da jovem demonstra a agência invisível definida por Enloe (2014), porém, ao estar ao lado de outras ativistas de idades semelhantes e também do gênero feminino, é possível aferir que sua invisibilidade não se dá necessariamente por gênero ou idade, e sim em uma lógica de exclusão racial e étnica. Por este motivo, o recorte da foto é um sintoma de uma problemática social muito maior, que não é exclusiva do clima ou dos campos ambientais (EVELYN, 2020).

⁴⁴ Texto original: I was not on the list of participants. None of my comments from the press conference were included. It was like I wasn't even there.

Ao estudar a exclusão das mulheres negras ativistas contra a segregação racial no Movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos, Bernice McNair Barnett (1993), verifica que as mulheres negras não foram apenas seguidoras do movimento, mas também líderes com papéis comparáveis àqueles dos homens, iniciando protestos, formulando estratégias e mobilizando as massas. Entre elas, donas de casa, operárias, professoras e estudantes estavam engajadas na causa. Para Barnett (1993), essas mulheres estavam inseridas em um contexto estrutural de três sistemas interligados de opressão: racismo, sexismo e classismo. Vanessa Nakate, 70 anos após o Movimento pelos Direitos Civis nos EUA, afirmou que “o racismo, o classismo e o apagamento de vozes marginalizadas não é novidade” (EVELYN, 2020, não p., tradução nossa)⁴⁵, reconhecendo o problema histórico.

Muitos dos estudos feministas focaram no ativismo de mulheres brancas e, ainda que tenham papéis importantes nestes movimentos, é preciso ressaltar que também existiam ativistas negras, mesmo que, muitas vezes, invisibilizadas (BARNETT, 1993). O mesmo ocorreu com Vanessa Nakate na publicação retratada na Figura 27. Para Barnett (1993), isso se dá principalmente pelo viés apolítico de não liderança associado às mulheres negras, frequentemente entendidas como agentes políticos passivos, seguidoras e organizadoras, mas raramente como líderes de movimentos. As demais ativistas na fotografia ao lado de Vanessa Nakate foram reconhecidas pela imprensa enquanto líderes do movimento climático em suas respectivas regiões, enquanto a jovem foi retirada da foto em sua veiculação.

Mesmo com a repercussão da história, o nome de Vanessa ainda foi retirado das manchetes e chamadas na mídia, ao que a ativista respondeu em seu Twitter: “Acredito que é mais respeitoso citar meu nome ao invés de apenas chamar de 'ativista climática de Uganda'. Sou ativista climática, mas tenho nome, assim como todas as outras” (NAKATE, 2020c, não p., tradução nossa)⁴⁶. Para Barnett (1993), o ato de permanecer anônimo, sem nome, é uma categoria de invisibilização.

⁴⁵ Racism, classism and the erasure of marginalized voices isn't new

⁴⁶ Texto original: I believe that it is more respectful to name someone instead of just calling them a `Ugandan climate activist` I am a climate activist but with a name and so is every other climate activist.

Em seu estudo acerca do Movimento dos Direitos Civis, Barnett (1993) realizou entrevistas com diversos participantes envolvidos na causa nos anos 60, buscando ranquear os aspectos considerados importantes em um papel de liderança. Estes aspectos estão reunidos no Quadro 3 e podem ser utilizados para avaliar os papéis de liderança exercidos tanto por Vanessa quanto por Greta no movimento climático.

QUADRO 3 – Papéis de liderança em movimentos de ativismo

Ranking	Papel de liderança
1	Articular/expressar preocupações e necessidades dos seguidores
2	Definir metas
3	Fornecer uma ideologia que justifique a ação
4	Formular táticas e estratégias
5	Iniciar ação
6	Mobilizar/persuadir os seguidores
7	Juntar dinheiro
7	Servir de exemplo para seguidores e líderes
8	Organizar/coordenar a ação
9	Controlar interações de grupo
10	Ensinar/educar/treinar seguidores e líderes
11	Capacidade de não alienar colegas e seguidores
12	Liderar ou ação direta
13	Gerar publicidade
13	Obter a simpatia e o apoio do público

Fonte: Adaptado de Barnett (1993)

Ao analisar as publicações de Greta Thunberg, é possível notar uma combinação destes papéis de liderança, com destaque para a articulação e formulação de estratégias, arrecadação de recursos, mobilização e controle das interações de grupo. Quanto às postagens de Vanessa Nakate, muitos destes aspectos também estão presentes, em especial, a articulação das necessidades dos seguidores, ideologia, ensino e educação, simpatia e ação coordenada. Barnett (1993) verifica que as mulheres negras do Movimento dos Direitos Civis, apesar de não reconhecidas, também desempenharam esses papéis, a exemplo de Rosa Parks - citada por Greta como sua inspiração - e de Claudette Colvin, apresentada no capítulo anterior deste trabalho.

Além disso, o apagamento das vozes africanas na causa climática não é considerado novo, já que o ativismo climático entre os jovens é percebido pela

sociedade em geral como uma “coisa branca”, na qual a fotografia original não se encaixava (EVELYN, 2020). Essa noção está atrelada aos conceitos geopolíticos de Norte e Sul Global, em que o Sul seria visto numa posição de alteridade. O recorte da foto é uma maneira de descrevê-lo, mas representa também um recorte metafórico da narrativa da ciência do clima em geral (EVELYN, 2020). É por isso que Nakate afirma que não é apenas uma pessoa que foi apagada da imagem, mas sim, um continente inteiro, a África - região que mais sofre com as consequências da mudança climática.

A publicação de Vanessa no Twitter recebeu mais de 280 mil interações, tornando-se rapidamente o compartilhamento com maior repercussão nas redes. Nos comentários, tanto no Twitter quanto no Instagram, milhares de usuários postaram mensagens de solidariedade e encorajamento à jovem em diferentes idiomas. Entre eles, comentários como “Obrigado por levantar sua voz para a África” e “Mantenha-se na luta”, além de sentimentos de identificação (NAKATE, 2020a). A repercussão do caso na mídia tradicional e nas redes sociais alavancou o número de seguidores da jovem em seus perfis seu público no Twitter passou de 20 mil para 130 mil em 5 dias e uma página da Wikipédia com seu nome foi criada (BOOS, 2020). Greta Thunberg também se posicionou em seu Instagram: “Isso é tão inaceitável de diversas maneiras! Como Vanessa mesmo disse: 'Você não apagaram uma foto. Você apagaram um continente inteiro’.” (THUNBERG, 2020a, não p., tradução nossa)⁴⁷. A respeito de seu novo público nas redes, Nakate afirmou:

Vou usar minha nova audiência para falar mais sobre a crise climática, para amplificar as vozes de outros ativistas de toda a África. Acho que tudo mudou no meu ativismo por causa da foto. Não só para mim, mas para outros ativistas da África, porque o mundo agora colocou um foco sobre o que estamos fazendo. (BOOS, 2020, não p.)

Ainda em 2020, por conta do início da pandemia de Covid-19, Greta Thunberg seguiu com suas tradicionais postagens sobre a greve escolar como forma de ativismo diante das mudanças climáticas diretamente de sua casa ao invés do Parlamento sueco, devido às medidas sanitárias. Na Figura 28, é possível

⁴⁷ Texto original: This is totally unacceptable in so many ways. Like Vanessa said herself ‘You didn’t just erase a photo. You erased a continent’.

visualizar um exemplo de uma de suas postagens sobre a greve durante a quarentena. Segurando o cartaz com a frase "Skolstrejt *for Klimatet*", como em várias outras de suas publicações, a jovem escreveu: "Semana 86 da greve escolar. Em uma crise, você se adapta e muda seu comportamento" (THUNBERG, 2020b, não p., tradução nossa)⁴⁸.

FIGURA 28 – Publicação de Greta sobre greve escolar na pandemia



Fonte: Thunberg (2020b)

Nota-se que em suas primeiras postagens, Greta usava principalmente o idioma sueco. À medida que seu movimento se tornou reconhecido internacionalmente, Greta passou a utilizar em suas postagens a língua inglesa, ainda que mantenha os cartazes no original "Skolstrejk *for Klimatet*", em sueco. Nesta publicação, além das hashtags a respeito do movimento *Fridays for Future* e da greve climática, Greta também se posiciona a favor da quarentena com as expressões #StayAtHome e #flattenthecurve, que podem ser entendidas como "Fique em casa" e "Achatar a curva", estratégia de saúde pública para a emergência do problema de Covid-19. Vanessa Nakate, assim como Greta, também continuou a publicar fotografias com cartazes em sua casa, além de pedidos de ajuda

⁴⁸ Texto original: School strike week 86. In a crisis you adapt and change your behavior

financeira para pessoas do continente africano afetadas pelas consequências socioeconômicas da pandemia. A jovem publicou em seu Instagram a imagem da Figura 29.

FIGURA 29 - Publicação de Vanessa sobre greve escolar durante a pandemia



Fonte: Nakate (2020d)

Na imagem, a ativista aparece em frente a um jardim segurando um cartaz com os dizeres “Não precisamos nos envolver em grandes ações heróicas para participar do processo de mudança” (NAKATE, 2020d, não p., tradução nossa)⁴⁹. Além disso, a jovem fez outros comentários nas redes sobre a continuidade das ações, ainda que em casa, pedindo para que a crise seja tratada com respeito e encorajando seguidores a se cuidarem durante a pandemia (NAKATE, 2020e). Ambas utilizam, portanto, de suas plataformas e vozes no movimento climático, para posicionarem-se e conscientizarem seus públicos acerca de outras temáticas contemporâneas como, neste caso, a pandemia de Covid-19.

No ano de 2021, Greta Thunberg utilizou o Instagram para comentar o marco de três anos desde o início de sua greve escolar pelo clima, em agosto de

⁴⁹ Texto original: We don't have to engage in grand heroic actions to participate in the process of change.

2018, publicando mais uma imagem sentada em frente ao Parlamento sueco, retratada na Figura 30.



Fonte: Thunberg (2021c)

Nessa fotografia, assim como em sua primeira publicação sobre a greve escolar (Figura 17), a ativista sueca aparece sentada em frente ao Parlamento, segurando um cartaz com a mesma frase, utilizando uma máscara de proteção para a Covid-19. Na legenda, além de relembrar o que havia escrito anteriormente, Greta pontuou: "3 anos depois ainda estou aqui, mas ao lado de milhões de pessoas de todo o mundo. Desde a primeira greve escolar, o mundo emitiu mais de 120 bilhões de toneladas de CO₂" (THUNBERG, 2021c, não p., tradução nossa)⁵⁰.

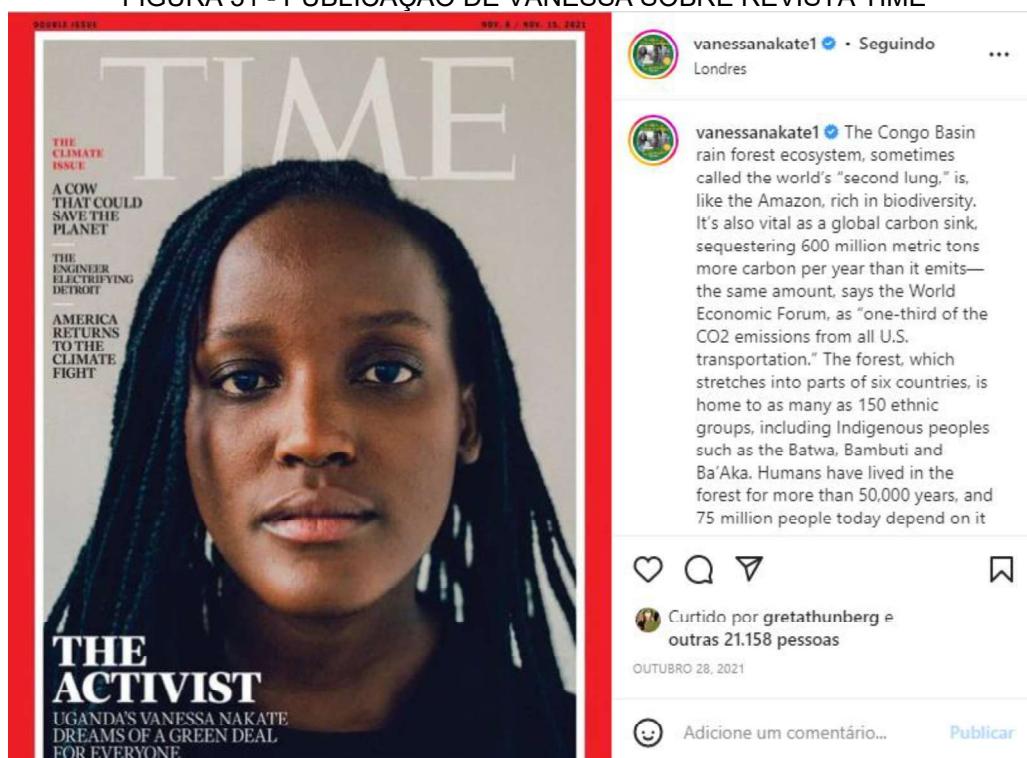
A jovem também usou a plataforma para afirmar que as mudanças necessárias ainda não foram realizadas e pedir por justiça climática. Os comentários direcionados à Greta tornaram-se, progressivamente, mais agressivos desde sua primeira publicação, à medida em que seus discursos e seu confronto com líderes mundiais como Trump e Bolsonaro se tornaram públicos. Entre os comentários, dizeres como "a menina que acreditou na propaganda do Covid", "Vai

⁵⁰ Texto original: 3 years later I am still here, but alongside millions from all over the world. Since the first school strike the world has emitted over 120 billion tonnes of CO₂. The changes necessary are still nowhere in sight

lavar um prato pirralha” e “Você é considerada adulta agora, então por favor cale a boca e consiga um trabalho” (THUNBERG, 2021c), evidenciam que a jovem continua a ser criticada por sua idade: ora chamada de “pirralha”, ora considerada “adulta”. Também é importante destacar o aumento desde 2018 do *spam* e dos *bots*, usuários artificiais que interagem com publicações de cunho político nas redes sociais em favor de outros indivíduos ou ideologias (SCHNEIER, 2020).

Vanessa Nakate, em 2021, utilizou suas redes sociais para chamar atenção à África e ao conceito de justiça climática, demandando de autoridades dos países mais desenvolvidos atenção para aqueles que são mais prejudicados com a mudança climática. Também nesse ano, esteve na capa da revista Time, como mostrado em publicação do Instagram na Figura 31.

FIGURA 31 - PUBLICAÇÃO DE VANESSA SOBRE REVISTA TIME



FONTE: Nakate (2021b)

Na legenda da publicação e na matéria, a jovem ugandense alertou, novamente, para a situação do desmatamento e das queimadas na floresta do Congo. Na postagem, escreveu:

Quanto mais eu descobria o que estava acontecendo na Bacia do Congo, mais chateada e zangada eu ficava. Por que eu não estava ciente disso? Bem, um dos motivos é que os recursos financeiros do mundo, incluindo a mídia, estão concentrados no Norte Global. As histórias que são exibidas na televisão, publicadas na mídia impressa e on-line e compartilhadas nas mídias sociais são predominantemente aquelas que já são familiares ao mundo desenvolvido. A destruição da floresta tropical do Congo é apenas um dos muitos desastres interconectados que as mudanças climáticas estão exacerbando na África. (NAKATE, 2021b, não p., tradução nossa)⁵¹.

A publicação acima expressa, portanto, a indignação de Vanessa e demanda das autoridades e da mídia atenção ao problema enfrentado em seu continente. Além disso, demonstra ter consciência dos conceitos geopolíticos de Norte e Sul Global, bem como das diferenças socioeconômicas que os envolvem. Ao afirmar que os problemas da África, como a floresta do Congo, não aparecem nas notícias por não serem questões do mundo desenvolvido, reconhece também o posicionamento de seu país no cenário internacional. Na matéria da revista Time, escrita por Greta Thunberg, a jovem sueca manifestou sua admiração pela colega e pronunciou-se sobre as diferenças entre Norte e Sul, ao dizer “Vanessa continua a nos ensinar uma lição crítica. Ela nos lembra que, embora possamos estar todos na mesma tempestade, não estamos todos no mesmo barco”. (THUNBERG, 2021b, não p., tradução nossa)⁵². Vanessa segue contando histórias do continente africano, reforçando as consequências do apagamento histórico das vozes do Sul. Para ela, “A África está na linha de frente da crise climática, mas não está nas primeiras páginas dos jornais do mundo” (NAKATE, 2022d, não p., tradução nossa)⁵³.

Em 2022, tanto Vanessa quanto Greta compartilharam em suas redes sociais uma fotografia ao lado de Malala Yousafzai, famosa jovem ativista pela educação. Na imagem, retratada na Figura 32, as jovens aparecem sorrindo lado a lado, segurando cartazes em frente ao Parlamento, em Estocolmo.

⁵¹ Texto original: The more I discovered what was happening to the Congo Basin, the more upset and angry I became. Why wasn't I aware of this? Well, one reason is that the world's financial resources, including the media, are concentrated in the Global North. The stories that are shown on television, published in print and online, and shared on social media are overwhelmingly ones that are already familiar to the developed world. The destruction of the Congo rain forest is only one of the many interconnected disasters that climate change is exacerbating in Africa.

⁵² Texto original: Vanessa continues to teach a most critical lesson. She reminds us that while we may all be in the same storm, we are not all in the same boat.

⁵³ Texto original: Africa is on the frontlines of the climate crisis but it's not on the front pages of the world's newspapers.

FIGURA 32 - PUBLICAÇÃO DE GRETA COM MALALA E VANESSA



FONTE: Thunberg (2022c)

Malala, ao centro, segura um cartaz com a frase “Acredite na ciência e lute pelos direitos das meninas de aprendê-la”⁵⁴, enquanto no cartaz de Greta aparece a frase “justiça climática inclui o direito das meninas à educação”⁵⁵. Por fim o de Vanessa apresenta uma fala de Malala: “Meninas afegãs não podem faltar à escola por causa do clima quando não têm permissão para ir à escola”⁵⁶ (THUNBERG, 2022c, tradução nossa). Nessa imagem, Malala aparece no centro, como um exemplo de ativismo feminino infanto-juvenil para as ativistas climáticas. Além disso, os sorrisos de Greta e Vanessa expressam esse mesmo sentimento, uma vez que em suas outras publicações, não é comum vê-las sorrindo. A fotografia é extremamente carregada de significado para o ativismo feminino infanto-juvenil no espaço digital, uma vez que as três - tradicionalmente tendo sua agência invisibilizada, como definido por Enloe (2014) - encontraram espaço nas redes sociais para expressar suas visões, conscientizar, organizar públicos e demandar ações das autoridades a respeito de suas respectivas causas. Apesar de alguns comentários negativos na publicação, frases de encorajamento e apreciação

⁵⁴ Texto original: Believe in science and fight for girls right to learn it

⁵⁵ Texto original: Climate justice include girls right to education

⁵⁶ Texto original: Afghan girls can't strike out of school for climate when they're not allowed to go to school at all

também aparecem, como: “Imagem poderosa. Nada além de amor. Continuem lutando por garotas em todos os lugares!” e “Vocês três vão mudar o mundo” (THUNBERG, 2022c, não p.).

5 CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, buscou-se verificar de que forma a evolução das tecnologias da comunicação, especialmente das redes sociais, foram responsáveis pela difusão de informação e poder, favorecendo o surgimento de novos atores no espaço público e na política internacional. Os grupos sociais como as crianças, os adolescentes e os movimentos ativistas ganharam espaço nessas novas redes, diferentemente das mídias tradicionais. Nesse contexto, a emergência de novos meios de comunicação no ciberespaço possibilitou o surgimento de vozes ativas no cenário político internacional entre os grupos tradicionalmente marginalizados.

A percepção da agência das crianças e adolescentes na esfera pública é, frequentemente, limitada por uma série de fatores socioculturais relacionados às concepções tradicionalmente associadas a esse grupo social. No entanto, isso não significa que os jovens não sejam atores no cenário internacional ou que essa atuação seja um fenômeno recente. Vale ressaltar que a agência das crianças não se restringe à sua participação em movimentos políticos: suas experiências vividas dentro de casa e na escola também são parte do âmbito político. É necessário compreender as limitações impostas a estes indivíduos como parte de uma construção social ditada, em parte, pela dicotomia entre os conceitos de pessoal e político para, enfim, superá-las. Ademais, torna-se importante entender também que os papéis que são estipulados para as crianças e adolescentes, muitas vezes, decorrem das outras duas dicotomias apresentadas neste trabalho: agente e estrutura; criança e adulto. Reconhecer a agência de crianças e adolescentes é, portanto, dar visibilidade a um terço da população mundial que já ocupa esses espaços, ainda que não sejam vistas ou ouvidas totalmente. Esse reconhecimento implica na ideia de que “a agência das crianças lhes dá o direito de opinar em decisões importantes que as afetam” (VALENTINE, 2011, p. 354, tradução nossa⁵⁷).

Além disso, outros fatores devem ser levados em consideração ao abordar noções atreladas às crianças e adolescentes, em especial, a questão de nacionalidades e diferentes realidades enfrentadas por estes indivíduos. A agência

⁵⁷ Texto original: Children’s agency entitles them to have a say in important decisions that affect them

dos mais jovens pode ser invisibilizada não apenas pela questão público-privado, nem apenas por uma visão adultocêntrica, mas também por uma perspectiva provinda do eurocentrismo, priorizando a visibilidade das histórias de crianças vindas do Norte Global. Para a sociedade ocidental, a infância é, principalmente, compreendida como uma fase de proteção e quem a compõe é visto como incapaz de contribuir para a cidadania de forma efetiva, mesmo quando os temas tratados sejam de seu interesse. Até mesmo as tensões sociopolíticas e culturais dos países considerados do Norte Global implicam em uma suposição problemática da infância enquanto experiência homogênea e universal em seus contextos, que nem sempre é real (CASTRO, 2021b). Em contrapartida, as crianças do Sul Global são frequentemente percebidas como vítimas - associadas às imagens de fome e pobreza no continente africano -, ou perpetradoras de violência, quando se tratam de crianças-soldado, por exemplo. Outras formas de atuação destes indivíduos não costumam ser veiculadas nas mídias tradicionais. Portanto, é importante reconhecer as diferenças entre Norte e Sul Global para valorizar a existência de uma multiplicidade de infâncias que não apenas as veiculadas nas mídias tradicionais.

Ainda que o direito à participação das crianças esteja nas Convenções Internacionais, na prática, as estruturas estatais e até mesmo internacionais pouco fazem para assegurá-lo. Dessa forma, as práticas de ativismo infanto-juvenil em prol de diferentes causas surgem para suprir a falta de espaço concedido para estes indivíduos nas discussões do cenário político. Martin (2007) afirma que o ativismo frequentemente surge da falta de poder e o ganha através de ações coletivas, locais e globais.

Vale recordar que no século XX, diversas causas tiveram a participação de ativistas infanto-juvenis no Norte e no Sul: a articulação contra o regime nazista na Alemanha; o Movimento pelos Direitos Civis da população negra nos Estados Unidos; a luta contra o apartheid na África do Sul; as crianças trabalhadoras e as participantes do movimento pela reforma agrária na América Latina. É importante reconhecer e dar visibilidade para estes indivíduos que estiveram presentes em mobilizações com o intuito de mudar suas realidades e defender suas crenças e

interesses. Reconhecer o ativismo infanto-juvenil é também perceber as crianças e jovens como atores políticos.

No início do século XXI, o surgimento da internet fornece para esses indivíduos ferramentas de informação e comunicação. O ciberespaço se apresenta como um local inédito para manifestações e discussões entre crianças e adolescentes, que antes estavam fora desses espaços. Diversas formas de expressão deste grupo social passam a aparecer em forma de blogs, fóruns e redes sociais. É importante verificar que as novas mídias são um terreno fértil para a manifestação política e ativista infanto-juvenil, a exemplo de Malala Yousafzai e da revolta contra Mubarak no Egito. Dessa forma, ainda que a internet e as redes sociais tenham dado voz para alguns destes grupos marginalizados, também deixam de fora grande parte da população que não tem acesso a esses recursos. Ao estudar a parcela da juventude que mais é deixada de fora das redes, nota-se que está concentrada principalmente no Sul Global, que também é a região com maior porcentagem do público infanto-juvenil.

No século XXI, a causa climática está entre as demandas que mais chamam atenção dos jovens tanto na internet e nas redes sociais quanto em protestos e manifestações. No contexto do ativismo infanto-juvenil pela causa climática, entre as principais reivindicações dos jovens envolvidos no movimento está a afirmação de que sua geração enfrentará as consequências da crise, emitindo uma preocupação pelo futuro. Neste meio, duas importantes lideranças se destacam: Greta Thunberg, da Suécia, e Vanessa Nakate, de Uganda. Analisando alguns dos mapas apresentados neste trabalho (Figuras 1, 10, 11 e 12), nota-se que o país de Greta - no Norte Global - está entre os países que possuem uma menor porcentagem de crianças. No entanto, figura entre os maiores emissores de gases de efeito estufa e é menos vulnerável às mudanças climáticas, sendo um dos países com mais acesso à internet pela população. O país de Vanessa, por sua vez, está entre os que apresentam uma alta porcentagem de crianças, menores emissores de gás carbono e entre os que mais sofrem com as consequências do aquecimento global, além de terem menos pessoas com acesso à internet. As diferenças geográficas de Norte e Sul, de local e espaço são, na verdade, diferenças geopolíticas que funcionam numa lógica de centro-periferia.

Tendo em vista as questões problematizadas, o objetivo central deste trabalho foi compreender de que forma crianças e adolescentes se utilizam das redes sociais para promover suas pautas e exercer cidadania e direito de participação no cenário internacional e, para isso, foi importante analisar o uso que Greta e Vanessa fazem destas plataformas.

As duas jovens ativistas, por meio de publicações nas redes Twitter e Instagram, trouxeram atenção para a causa climática tanto local quanto globalmente. Um exemplo foi a adesão popular ao movimento de greve escolar iniciado por Greta na Suécia, o *Fridays for Future*, que também influenciou Vanessa a iniciar seu ativismo ambiental em Uganda. O protesto de Greta em frente ao Parlamento por uma causa que não era apenas local, iniciou-se na Suécia e atingiu proporções globais pelo uso das redes sociais. Já Vanessa utilizou as redes para contar as histórias e dificuldades que seu continente enfrenta com as mudanças climáticas para um povo global. As duas jovens expressam admiração uma pela outra e apoiam-se em temas em comum, reforçando a ideia de que uma causa como a climática não possui apenas uma liderança. Segundo Vanessa, “quando o foco está apenas em uma pessoa, isso apaga outras experiências e histórias” (2022d, não p., tradução nossa⁵⁸).

Ao analisar as redes sociais de Greta e Vanessa, percebeu-se que a primeira faz suas publicações direcionadas ao problema por todo o mundo, tendendo a focar na organização do movimento de greve escolar, enquanto Vanessa trata especificamente dos problemas enfrentados pela África, visto que é o continente que menos afetou a crise climática, mas que mais sofre com suas consequências, recebendo menos atenção no cenário internacional. Além disso, é perceptível a maior visibilidade mundial de Greta em suas falas e ações, se comparado com as publicações de Vanessa. Por esse motivo, as postagens e comentários de Greta já atingiram diversos líderes mundiais, a exemplo das provocações trocadas pela jovem com dois ex-presidentes de países localizados no Norte e Sul: Donald Trump, nos Estados Unidos, e Jair Bolsonaro, no Brasil.

A polêmica foto em que Vanessa foi cortada para veiculação na mídia evidencia três sistemas interligados de opressão: racismo, sexismo e classismo,

⁵⁸ Texto original: When the focus is just on one person it erases other experiences and stories.

como afirmado por Barnett (1993). Uma vez que as demais ativistas, jovens brancas, não foram cortadas da imagem, assume-se que esta veiculação funcione em uma lógica de exclusão racial. Mesmo sendo cortada da imagem e, conseqüentemente, de uma agenda mundial da causa climática, Vanessa conseguiu utilizar esse acontecimento para ampliar seu público e divulgar ainda mais o movimento pela causa no continente africano, chamando atenção mundial e conquistando espaço na mídia.

Ambas, Greta e Vanessa, são importantes para a visibilização de jovens enquanto agentes políticos, já que a própria atividade das crianças e adolescentes pode desafiar as convenções dentro de suas famílias, comunidades e na esfera política, de forma a redistribuir o poder sobre a tomada de decisões que, de outra forma, caberia apenas aos adultos (TISDALL; CUEVAS-PARRA, 2022). Os papéis de liderança assumidos por ambas contribuem para a mobilização de outros, crianças e adultos, em uma interação possibilitada pela instrumentalização das tecnologias de comunicação.

Portanto, torna-se necessário reconhecer crianças e jovens como pessoas que, dentro de suas capacidades e experiências, podem participar de maneira significativa da discussão de temas da esfera pública que as interessem (FREEMAN, 1983). Isso significa considerar os interesses das crianças e adolescentes não apenas em termos de proteção, mas ouvi-los em decisões que os afetem, como no caso da mudança climática. Jovens como Greta Thunberg, Vanessa Nakate e centenas de outras lideranças e participantes do movimento climático demonstram que são capazes de realizarem mudanças significativas na sociedade por meio da prática de ativismo no ciberespaço, mesmo que nem sempre contem com o apoio das estruturas tradicionais do Estado e da mídia local e global. Por esse motivo, incluir os jovens em contextos políticos de tomada de decisão e criar oportunidades de acesso à informação e às tecnologias de comunicação são fatores essenciais para a garantia de seus direitos.

REFERÊNCIAS

ADLER, Margot. Before Rosa Parks, There Was Claudette Colvin. **NPR**, 15 de março de 2009. Disponível em: <https://www.npr.org/2009/03/15/101719889/before-rosa-parks-there-was-claudette-colvin>. Acesso em: 29 de dezembro de 2022.

AFP. Imagem tirada em 1941 mostra Sophie Scholl lendo um livro. 1941. 1 fotografia p&b. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/europa/ha-70-anos-nazistas-executavam-irmaos-simbolos-da-resistencia,026fc35e3ecfc310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>. Acesso em: 23 de dezembro de 2022.

AITKEN, S. Global crises of childhood: rights, justice and the unchildlike child. **Area**, [S.L], v. 33, n. 2, p. 119-127, 2001.

AITKEN, S. “**Global/Local**” research on children and childhood in a “**global society**”. HANSON, K (Mod.); ABEBE, T.; AITKEN, S.; BAGALOPALAN, S.; PUNCH, S. (Part.). London: Childhood, 2018. v. 25, n. 1, p. 272-296.

ANTÓN, Jacinto. A fábrica de filhotes nazistas. **El País**, 03 de novembro de 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/01/internacional/1478025759_957657.html. Acesso em 28 de dezembro de 2022.

BARNETT, Bernice McNair. Invisible southern black women leaders in the civil rights movement: The triple constraints of gender, race, and class. **Gender & Society**, [S.L], v. 7, n. 2, p. 162-182, 1993.

BEITIA, Enrique Barrera. Los piratas edelweiss. **Galicia Ártraba**, 28 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.galiciaartabradigital.com/archivos/201490>. Acesso em 22 de dezembro de 2022.

BOOS, Marita. ‘Entendi o significado do racismo’, diz Vanessa Nakate, ativista cortada de foto. **#Colabora**, 30 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/ods16/entendi-o-significado-do-racismo-diz-vanessa-nakate-ativista-cortada-de-foto-em-davos>. Acesso em 28 de dezembro de 2022.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989

BOYDEN, Jo; HOLDEN, P. **Children of the Cities**. London and New Jersey: Zed Books, 1991.

BOYDEN, Jo; LEVISON, Deborah. **Children as economic and social actors in the development process**. Stockholm: EGDI, 2000.

BURCHARDT, Marian. The self as capital in the narrative economy: how biographical testimonies move activism in the Global South. **Sociology of Health & Illness**. [S.L.], v. 38, n. 4, p. 592-609, 2015.

CARBON dioxide now more than 50% higher than pre-industrial levels. **NOAA**, 3 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.noaa.gov/news-release/carbon-dioxide-now-more-than-50-higher-than-pre-industrial-levels>. Acesso em: 17 de janeiro de 2023.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. [S.L.]: Zahar, 2003.

CASTRO, Lucia R. de. A infância e seus destinos no contemporâneo. **Psicologia em Revista**. [S.L.], v. 8, n. 11, p. 47-58, 2002.

CASTRO, Lucia R. de (org). **Infâncias do sul global**: experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil. Salvador: EDUFBA, 2021a.

CASTRO, Lucia R. de. et al. Os universalismos no estudo da infância: A criança em desenvolvimento e a criança global. In: _____. (org). **Infâncias do sul global: Experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2021b, p. 219-240.

CASTRO, Lucia R. de. et al. Teorizar sobre a infância desde uma perspectiva descolonial. In: _____. (org). **Infâncias do sul global: Experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2021c, p. 219-240.

CHEN, Wenhong; WELLMAN, Barry. The Global Digital Divide - Within and Between Countries. **IT&Society**. [S.L.], v. 1, n. 7, p. 18-25, 2004.

CROUCH, David. The Swedish 15-year-old who's cutting class to fight the climate crisis. **THE GUARDIAN**, 1 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/science/2018/sep/01/swedish-15-year-old-cutting-class-to-fight-the-climate-crisis>. Acesso em: 26 de dezembro de 2022.

ELSHTAIN, Jean Bethke. **The family in political thought**. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 1982.

ENLOE, Cynthia. **Bananas, beaches and bases**: Making feminist sense of international politics. California: University of California Press, 2014.

EVELYN, Kenya. 'Like I wasn't there': climate activist Vanessa Nakate on being erased from a movement. **THE GUARDIAN**, 29 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/jan/29/vanessa-nakate-interview-climate-activism-cropped-photo-davos>. Acesso em 19 de novembro de 2022.

FAULKNER, Simon; VIS, Farida; D’ORAZIO, Francesco. Analyzing social media images. In: BURGESS, Jean; MARWICK, Alice; POELL, Thomas (ed). **The Sage Handbook of Social Media**. [London]: Sage, 2017, p. 160-178.

FRANKLIN, V. P. Documenting the Contributions of Children and Teenagers to the Civil Rights Movement. **The Journal of African American History**, [S.L], v. 100, n. 4, p. 663-671, 2015.

FREEMAN, Michael D. A. **The Rights and Wrongs of Children**. London and Dover, N.H.: Frances Pinter, 1983.

FREEMAN, Michael D. A. **The moral status of children: Essays on the rights of the children**. [S.L]: Martinus Nijhoff Publishers, 1997.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. 2 ed. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2003.

GIL, Antonio C. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. Disponível em: Minha Biblioteca, Grupo GEN, 2021.

GLOBAL social media statistics. **DATAREPORTAL**, 2022. Disponível em: <https://datareportal.com/social-media-users>. Acesso em: 22 de dezembro de 2022.

GRETA Thunberg, a adolescente sueca que está sacudindo a luta ambiental. **BBC**, 23 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48022690>. Acesso em: 05 de outubro de 2022.

GUEDES, Elitiel. **Crianças Sem Terrinha chegando na Praça dos Três Poderes**. 2018. 1 fotografia, color. Disponível em: <https://mst.org.br/2018/07/25/durante-passeio-cultural-em-brasilia-sem-terrinha-entregam-manifesto-no-mec>. Acesso em: 25 de dezembro de 2022.

HALL, Richard. 5 things about Oklahoma's civil rights movement you should know. **The Oklahoman**, 5 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://www.oklahoman.com/story/news/2015/02/05/5-things-about-oklahomas-civil-rights-movement-you-should-know/60767808007>. Acesso em: 26 de dezembro de 2022.

HANISCH, Carol. The Personal is Political. **Carol Hanisch**, 1969. Disponível em: <http://www.carolhanisch.org/CHwritings/PIP.html>. Acesso em: 23 de dezembro de 2022.

HANSER, Richard. **A Noble Treason: The story of Sophie Scholl and The White Rose revolt against Hitler**. San Francisco: Ignatius Press, 2012.

HILL, Jenny. Sophie Scholl: a corajosa estudante alemã que resistiu a Hitler e foi condenada à morte. **BBC**, 09 de maio de 2021. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57051077>. Acesso em 28 de dezembro de 2022.

HOLDEN, Michael. Não teria perdido meu tempo com Trump, diz Greta Thunberg. **UOL**, 30 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2019/12/30/nao-teria-perdido-meu-tempo-com-trump-diz-greta-thunberg.htm>. Acesso em: 15 de novembro de 2022.

HOOSE, Phillip. **Claudette Colvin: Twice toward justice**. New York: Melanie Kroupa Books: Farrar Straus Giroux, 2009.

HUMANIUN. **Declaración de Ginebra sobre los Derechos del Niño**, 1924. Disponível em: <https://www.humanium.org/es/ginebra-1924>. Acesso em: 18 de dezembro de 2022

IMOH, Afua Twum-Danso. From the singular to the plural: Exploring diversities in contemporary childhoods in sub-Saharan Africa. **Childhood**, [S.L], v. 23, n. 3, p. 455-468, 2016.

ITU (UNIÃO INTERNACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES). **Measuring digital development: Facts and Figures 2022**. 2022. Disponível em: https://www.itu.int/hub/publication/d-ind-ict_mdd-2022. Acesso em: 21 de dezembro de 2022.

JANKEN, Kenneth R. The Civil Rights Movement: 1919-1960s. **National Humanities Center**. Curitiba, 2022. Disponível em: <http://nationalhumanitiescenter.org/tserve/freedom/1917beyond/essays/crm.htm>. Acesso em 26 de dezembro de 2022.

JEFFERESS, David. Neither Seen Nor Heard: the idea of the “child” as impediment to the rights of children. **TOPIA: Canadian Journal of Cultural Studies**, [S.L], v. 7, p. 75-97, 2002.

JENS, Inge. **At the heart of the white rose**: Letters and diaries of Hans and Sophie Schol. J. Maxwell Brownjohn, Trans. 1987.

KECK, Margaret E; SIKKINK, Kathryn. **Activists beyond borders**. Ithaca: Cornell University Press, 2014.

LEMONS, André. **Cibercultura e Mobilidade: A Era da Conexão**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://bit.ly/2svsJjN>. Acesso em 28 de dezembro de 2022.

LEVANTE de Soweto: no dia 16 de junho de 1976, dez mil estudantes tomam as ruas. **Portal Geledés**, 16 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/levante-de-soweto-no-dia-16-de-junho-de-1976-dez-mil-estudantes-tomam-as-ruas/>. Acesso em 26 de dezembro de 2022.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva - por uma Antropologia do Ciberespaço**. 3. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2000.

LIEBEL, Manfred. Do children have a right to work? Working children's movements in the struggle for social justice. In: HANSON, Karl; NIEUWENHUYS, Olga (ed). **Reconceptualizing children's rights in international development: Living rights, social justice, translations**. [Cambridge]: Cambridge University Press, 2012, p. 225-249.

LIEBEL, Manfred. Working Children as Social Subjects: The Contribution of Working Children's Organizations to Social Transformations. **Childhood**, [S.L], v. 10, n. 3, p. 265–285, 2003.

LIMA, Caio Souza Pitta. **Evolução histórica do sistema internacional de proteção aos direitos humanos de crianças e adolescentes**. Conteúdo Jurídico, Brasília-DF: 16 out 2015, 04:30. Disponível em: <https://conteudojuridico.com.br/consulta/Artigos/45319/evolucao-historica-do-sistema-internacional-de-protecao-aos-direitos-humanos-de-criancas-e-adolescentes>. Acesso em: 22 de dezembro de 2022.

MARTIN, Brian. Activism, social and political. In: ANDERSON, Gary L.; HERR, Kathryn G. (Eds.), **Encyclopedia of Activism and Social Justice**. v. 1. Thousand Oaks: Sage, 2007. p. 19-27.

MARTINS, Fernanda Passos. **Crianças em violência armada organizada e crianças-soldado: políticas de proteção e reintegração para jovens em conflitos armados**. 101 f. Monografia (Bacharel em Relações Internacionais) - Centro Universitário Curitiba, Curitiba, 2021. Disponível em: https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/21168/1/Monografia_FernandaPassos_Final02.pdf. Acesso em: 05 de abril de 2022.

MARTUSCELLI, Patrícia Nabuco. O lugar das Crianças nas Relações Internacionais: considerações sobre novos atores e a difusão de poder. **Revista de Estudos Internacionais**, [S.L], v. 4, n.1, p. 100-117, 2014.

MASSEY, Rose F. et al. **Foot Soldiers for Democracy: The Men, Women, and Children of the Birmingham Civil Rights Movement**. [S.L]: University of Illinois Press, 2009.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material**, [São Paulo], v. 13, p. 133-174, 2005.

MAUAD, Ana Maria. O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 33-50, 2008.

MAX, Roser; RITCHIE, Hannah; ORTIZ-OSPINA, Esteban. Internet. **Our World In Data**, 2020. Disponível em: <https://ourworldindata.org/co2-emissions>. Acesso em: 26 de dezembro de 2022.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, v. 32, p.123-151, 2016.

MCMAHON, Lily. Youth Involvement in the 1960s Civil Rights Movement in Birmingham, Alabama. **The First-Year Papers (2010 - present)**, Hartford, 2020. Disponível em: <https://digitalrepository.trincoll.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1105&context=fypapers>. Acesso em: 26 de dezembro de 2022.

MCMELLON, Christina; TISDALL, E. Kay M. Children and young people's participation rights: Looking backwards and moving forwards. **The International Journal of Children's Rights**, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 157-182, 2020.

MELO, Lis A.; CASTRO, Lucia R. de. A infância em Contextos de luta e coletivização no Brasil: A participação das crianças sem terrinha no MST. In: CASTRO, Lucia R. de. (org). **Infâncias do sul global: Experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2021, p. 241-268.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. Práticas de gênero e carreiras políticas: vertentes explicativas. **Revista Estudos Feministas**, S.L], v. 18, n. 3, p. 653-679, 2010.

MILMAN, Oliver. Greta Thunberg stares down Trump as two cross paths at UN. **THE GUARDIAN**, 23 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/environment/2019/sep/23/greta-thunberg-trump-stare-video-moment-un-summit>. Acesso em: 14 de novembro de 2022.

MITCHELL, Charlotte; JEWERS, Chris. 'A very happy old man looking forward to a bright and wonderful future!': Greta Thunberg trolls Trump one last time by reigniting their Twitter war as he leaves the White House. **DAILY MAIL**, 20 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-9168195/Greta-Thunberg-trolls-Trump-one-time-reigniting-Twitter-war-leaves-office.html>. Acesso em: 07 de dezembro de 2022.

MORTON, Helen. Computer-Mediated Communication in Australian Anthropology and Sociology. **Social Analysis Journal of Cultural and Social Practices**. [S.L.], v. 45, n. 1, p. 3-11, 2001.

NAKATE, Vanessa. **Publicação de Vanessa Nakate no Instagram**. 2019a. Instagram: @vanessanakate1. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BskdWYmlm7L>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

NAKATE, Vanessa. **Publicação de Vanessa Nakate no Twitter**. 2019b. Twitter: @vanessa_vash. Disponível em: https://twitter.com/vanessa_vash/status/1168007906349871107?ref_src=twsrc%5Etfw. Acesso em: 17 de novembro de 2022.

NAKATE, Vanessa. **Publicação de Vanessa Nakate no Instagram**. 2019c. Instagram: @vanessanakate1. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B3NRFvXoDbZ>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

NAKATE, Vanessa. **Publicação de Vanessa Nakate no Instagram**. 2019d. Instagram: @vanessanakate1. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B5yi1yuhIYO>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

NAKATE, Vanessa. **Publicação de Vanessa Nakate no Instagram**. 2019e. Instagram: @vanessanakate1. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B5_GgbvBjUN. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

NAKATE, Vanessa. **Publicação de Vanessa Nakate sobre imagem veiculada na mídia**. 2020a. Twitter: @vanessa_vash. Disponível em: https://twitter.com/vanessa_vash/status/1220852476355731458. Acesso em: 07 de dezembro de 2022.

NAKATE, Vanessa. **Publicação de Vanessa Nakate no Twitter**. 2020b. Twitter: @vanessa_vash. Disponível em: https://twitter.com/vanessa_vash/status/1220936740665511936?ref_src=twsrc%5Etfw. Acesso em: 17 de novembro de 2022.

NAKATE, Vanessa. **Publicação de Vanessa Nakate no Twitter**. 2020c. Twitter: @vanessa_vash. Disponível em: https://twitter.com/vanessa_vash/status/1222230557364563969?ref_src=twsrc%5Etfw. Acesso em: 07 de dezembro de 2022.

NAKATE, Vanessa. **Publicação de Vanessa Nakate no Instagram**. 2020d. Instagram: @vanessanakate1. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_AC2GhBtEO. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

NAKATE, Vanessa. **Publicação de Vanessa Nakata no Instagram**. 2020e. Instagram @vanessanakate1. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B9rKsFtBv2n/?hl=es>. Acesso em 12 de dezembro de 2022.

NAKATE, Vanessa. "A Rise of 1.2 Degrees Celsius is Already Hell for Me": Ugandan Climate Activist Vanessa Nakate Says We Need to Act Now. **VOGUE**, 2021a. Disponível em:

<https://www.vogue.com/article/vanessa-nakate-climate-change-activist-how-to-take-action>. Acesso em 10 de janeiro de 2023.

NAKATE Vanessa. **Publicação de Vanessa Nakate no Instagram**. 2021b. Instagram: @vanessanakate1. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CVIRyCl7fN>. Acesso em: 18 de dezembro de 2022.

NAKATE, Vanessa. Vanessa Nakate on why the climate crisis is a feminist issue. **All The Small Things**, [S.L], 2021c. Entrevista em Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1GEGcAmQKtW9ZFSIqq5VF9>. Acesso em: 11 de outubro de 2021.

NAKATE, Vanessa. **Descrição de Perfil**. 2022a. Instagram: @vanessanakate1. Disponível em: <https://www.instagram.com/vanessanakate1>. Acesso em: 31 de dezembro de 2022.

NAKATE, Vanessa. **Descrição de Perfil**. 2022b. Twitter: @vanessa_vash. Disponível em: https://twitter.com/vanessa_vash. Acesso em: 31 de dezembro de 2022.

NAKATE, Vanessa. The global opportunity to accelerate Africa's sustainable future. **TED Talks Daily**, [S.L], 2022c. Entrevista em Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5AJ9OUvkbv0YZD2eTwycvC>. Acesso em: 02 de novembro de 2022.

NAKATE, Vanessa. 'Africa is on the frontlines but not the front pages': Vanessa Nakate on her climate fight. **THE GUARDIAN**, [S.L], 2022d. Entrevista. Disponível em: <https://www.theguardian.com/environment/2022/sep/17/vanessa-nakate-climate-activist-africa-cop27>. Acesso em: 27 de dezembro de 2022.

NEVER forget #020: Claudette Colvin refused to give up her seat long before Rosa Parks. **The Visibility Project**, 8 de julho de 2015. Disponível em: <https://thevisibilityproject.com/never-forget-48>. Acesso em 27 de dezembro de 2022.

NIEUWENHUYIS, Olga. Global childhood and the politics of contempt. **Alternatives**, [S.L], v. 23, n. 3, p. 267-289, 1998.

NUNES, Míghian Danae Ferreira. Sociologia da infância, raça e etnografia: intersecções possíveis para o estudo das infâncias brasileiras. **Revista Eletrônica de Educação**, [S.L], v. 9, n. 2, 2015.

NYPL. Mixed race group of children carrying sign: "No Child is Free Until ALL are Free," circa late 1950s. [195?]. 1 fotografia p&b. Disponível em: <https://digitalcollections.nypl.org/items/bc2c30dc-52b1-658c-e040-e00a18061e3f>. Acesso em 23 de dezembro de 2022.

O discurso da jovem ativista Greta Thunberg na ONU em 5 pontos. **G1**. 23 de setembro de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/09/23/o-discurso-da-jovem-ativista-greta-thunberg-na-onu-em-5-pontos.ghtml>. Acesso em: 17 de novembro de 2022.

OFCOM (OFFICE OF COMMUNICATIONS). **Children and parents: Media use and attitudes report 2019**. Reino Unido, 2020. Disponível em: https://www.ofcom.org.uk/__data/assets/pdf_file/0023/190616/children-media-use-attitudes-2019-report.pdf. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

OKERE, Theophilus. Is there one science, Western science? In: DEVISCH, R.; NYAMNJOH, F. (org.). **The Postcolonial Turn. Re-imagining anthropology and Africa**. Bamenda, Cameroon: Langaa, 2011. p. 297-310.

OKIN, Susan Moller et al. **Gender, the Public and the Private**. [S.L.]: Faculty of Law, University of Toronto, 1989.

OLIVEIRA, Odete Maria de. **Relações Internacionais: estudos de introdução**. Curitiba: Juruá. 2001.

ONU (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS). **Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança**, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 20 de novembro de 1989. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 15 de março de 2022.

ONU (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS). **O que são as mudanças climáticas?**. 2022a. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/175180-o-que-sao-mudancas-climaticas>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

ONU (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS). **Objetivos de desenvolvimento sustentável**. Brasil, 2022b. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 27 de dezembro de 2022.

ONU NEWS (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS). **Crescimento da internet desacelera e 2,7 bilhões ficam fora da rede**. 2022. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/09/1801381#:~:text=Ao%20todo%2C%20existe%205%2C3,da%20pandemia%20de%20Covid%2D19>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

ONU NEWS (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS). **Veja o discurso completo em português de Greta Thunberg na COP 25**. 2019. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/12/1697531>. Acesso em: 17 de novembro de 2022.

PATEMAN, Carole. Críticas feministas a la dicotomía público/privado. In: CASTELLS, Carme (ed). **Perspectivas feministas en teoría política**. Barcelona: Paidós, 1996. p. 31-52.

PÉREZ, Beatriz C. ; SILVA, Conceição F. S. “Fazer parte de tudo e transformar o mundo.” o que falam as crianças da favela Santa Marta sobre sua participação e relação com os adultos. In: CASTRO, Lucia R. de. (org). **Infâncias do sul global: Experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2021, p. 109-130.

PEUKERT, Detlev. **Inside Nazi Germany: Conformity, opposition, and racism in everyday life**. London: B. T. Batford Ltd, 1987.

PEUKERT, Detlev. Young People: For or Against the Nazis?. **History Today**, 10 de outubro de 1985. Disponível em: <https://www.historytoday.com/archive/young-people-or-against-nazis>. Acesso em 29 de dezembro de 2022.

POELL, Thomas; VAN DJICK, José. Social media and new protest movements. In: BURGESS, Jean; MARWICK, Alice; POELL, Thomas (ed). **The Sage Handbook of Social Media**. [London]: Sage, 2017, p. 546-561.

PROUT, Alan. Reconsiderando a nova sociologia da infância. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo, v.40, p. 729-750, 2010.

QVORTRUP, Jens. **Past present and futures of childhood studies: a conversation with former editors of Childhood**. *Childhood*, [S.L], v. 25, n. 1, 2018.

READ, Kay. When is a kid a kid? Negotiating children's rights in El Salvador's civil war. **History of religions**. [S.L], v.41, n. 4, p. 391-409, 2002.

REIS, Lucas; BARROS, Samuel. Internet e Revolução no Egito: o uso de sites de redes sociais durante a convulsão social que derrubou o governo ditatorial egípcio em 2011. In: **Congresso do Conlab, XI, Salvador**. 2011, p. 1-17.

RIGG, Jonathan. **An everyday geography of the global south**. [S.L]: Routledge, 2007.

RITCHIE, Hannah; MAX, Roser. CO2 emissions. **Our World In Data**, 2021. Disponível em: <https://ourworldindata.org/co2-emissions>. Acesso em: 26 de dezembro de 2022.

ROGERS, Richard. Digital methods for cross-platform analysis. In: BURGESS, Jean; MARWICK, Alice; POELL, Thomas (ed). **The Sage Handbook of Social Media**. [London]: Sage, 2017, p. 91-110.

ROMANO, Giovanna. Bolsonaro chama Greta Thunberg de ‘pirralha’ por fala sobre índios mortos. **VEJA**, 10 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-chama-greta-thunberg-de-pirralha-por-fala-sobre-indios-mortos/>. Acesso em: 17 de novembro de 2022.

SAIBA quem é Malala Yousafzai, a paquistanesa que desafiou os talibãs. **G1**, 10 DE OUTUBRO DE 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/10/saiba-quem-e-malala-yousafzai-paquistanesa-que-desafiou-os-talibas.html>. Acesso em: 28 de janeiro de 2022.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALES, Maria Visconti. **Não nos calaremos, somos a sua consciência pesada; a Rosa Branca não os deixará em paz: a Rosa Branca e sua resistência ao nazismo (1942-1943)**. 2017. 270 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SÁNCHEZ, Nacho. A realidade e os mitos da síndrome de Asperger, o transtorno mental de Greta. **EL PAÍS**, 18 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/buenavida/2020-02-18/entre-a-genialidade-e-os-mitos-a-realidade-da-sindrome-de-greta.html>. Acesso em: 25 de novembro de 2022.

SANTOS, Diego Junior da Silva et al. Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar. **Dental Press Journal of Orthodontics**, [Maringá], v. 15, n. 3, p. 121-124, 2010.

SARFATI, Gilberto. **Teoria das relações internacionais**. São Paulo: Saraiva, 2005.

SAVE THE CHILDREN. **Born Into the Climate Crisis – Why we must act now to secure children’s rights**. 2021a. Disponível em: <https://www.savethechildren.net/born-climate-crisis#:~:text=In%20Save%20the%20Children's%20latest,%2C%20healthcare%2C%20food%20and%20learning>. Acesso em: 24 de dezembro de 2022.

SAVE THE CHILDREN. End of Childhood Index Ranking. **Global Childhood Report 2021: The toughest places to be a child**. 2021b. Disponível em: <https://www.savethechildren.org/content/dam/usa/reports/advocacy/2021-global-childhood-report.pdf>. Acesso em: 21 de dezembro de 2022.

SCHAPIRO, Tamar. What is a Child?. **Ethics**. v. 109, n. 4, p.715-738,1999.

SCHNEIER, Bruce. Bots Are Destroying Political Discourse As We Know It. **The Atlantic**, 7 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2020/01/future-politics-bots-drowning-out-humans/604489>. Acesso em 15 de dezembro de 2022.

SERRÃO, Bianca O.; SARMENTO, Manuel J.; SANTANA, Juliana P. O ativismo digital das crianças em tempos de pandemia. **Educação & Sociedade**. [Campinas], v. 43, 2022.

SERRÃO, Bianca O.; SARMENTO, Manuel J.; SANTANA, Juliana P. The voices and actions of child activists against the climate crisis. **E-methodology**. [S.L], v. 7, n. 7, p. 35-50, 2020.

SHABEL, Paula N. “Queremos nuestro espacio”: Hacia un análisis no binario de la acción política infantil en una casa tomada de Buenos Aires. In: CASTRO, Lucia R. de. (org). **Infâncias do sul global: Experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2021, p. 173-194.

SHIER, Harry et al. How children and young people influence policy-makers: Lessons from Nicaragua. [S.L]: **Children & Society**, v. 28, n. 1, p. 1-14. 2014.

SILVA, Marco Junio Gonçalves da. Tratados internacionais de proteção infanto-juvenil. **Âmbito Jurídico**, 1 de outubro de 2013. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-117/tratados-internacionais-de-protecao-infanto-juvenil/>. Acesso em: 22 de dezembro de 2022.

SILVÉRIO, Valter Roberto. A diferença como realização da liberdade. In: ABRAMOWICZ, Anete. **Educação como prática da diferença**. 2 ed. Campinas: Armazém do Ipê, 2006, p. 5-20.

SINGER, Peter Warren. **Children at war**. [California]: University of California Press, 2006.

SZULC, Andrea. Más allá de la agencia y las culturas infantiles: Reflexiones a partir de una investigación etnográfica con niños y niñas mapuche. In: CASTRO, Lucia R. de. (org). **Infâncias do sul global: Experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2021, p. 79-91.

THE June 16 Soweto Youth Uprising. **SAHO**, [S.L], 2022. Disponível em: <https://www.sahistory.org.za/article/june-16-soweto-youth-uprising>. Acesso em: 24 de dezembro de 2022.

THUNBERG, Greta. **Publicação de Greta Thunberg no Instagram**. 2018a. Instagram: @gretathunberg. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BmsTxPPI0qW>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

THUNBERG, Greta. **Publicação de Greta Thunberg no Instagram**. 2018b. Instagram: @gretathunberg. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Bnd3AG_hQEa. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

THUNBERG, Greta. **Publicação de Greta Thunberg no Instagram**. 2019a. Instagram: @gretathunberg. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BtEE2xMh6AL>. Acesso em: 15 de dezembro de 2022.

THUNBERG, Greta. **Publicação de Greta Thunberg no Instagram**. 2019b. Instagram: @gretathunberg. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B2hmC-GB6oU>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

THUNBERG, Greta. **Publicação de Greta Thunberg no Instagram**. 2019c. Instagram: @gretathunberg. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B2w-0NsCkXp>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

THUNBERG, Greta. **Publicação de Greta Thunberg no Twitter**. 2019d. Twitter: @GretaThunberg. Disponível em: <https://twitter.com/GretaThunberg/status/1176930548146692096>. Acesso em: 17 de dezembro de 2022.

THUNBERG, Greta. **Publicação de Greta Thunberg no Instagram**. 2020a. Instagram: @gretathunberg. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B7y4qtQpDsh>. Acesso em: 19 de dezembro de 2022.

THUNBERG, Greta. **Publicação de Greta Thunberg no Instagram**. 2020b. Instagram: @gretathunberg. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-zRNA7J5UL>. Acesso em: 19 de dezembro de 2022.

THUNBERG, Greta. **Tweet de Greta em resposta a Trump**. 2020c. Twitter: @GretaThunberg. Disponível em: <https://twitter.com/gretathunberg/status/1324439705522524162>. Acesso em: 17 de novembro de 2022.

THUNBERG, Greta. **Publicação de Greta sobre Trump**. 2021a. Instagram: @gretathunberg. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKRO5tpJxww>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

THUNBERG, Greta. Vanessa Nakate. **TIME**, 17 de fevereiro de 2021b. Disponível em: <https://time.com/collection/time100-next-2021/5937682/vanessa-nakate>. Acesso em: 21 de dezembro de 2022.

THUNBERG, Greta. **Publicação de Greta Thunberg no Instagram**. 2021c. Instagram: @gretathunberg. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSyZDCQDAG7/>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

THUNBERG, Greta. **Descrição de Perfil**. 2022a. Instagram: @GretaThunberg. Disponível em: <https://twitter.com/GretaThunberg>. Acesso em: 31 de dezembro de 2022

THUNBERG, Greta. **Descrição de Perfil**. 2022b. Twitter: @gretathunberg. Disponível em: <https://www.instagram.com/gretathunberg/>. 31 de dezembro de 2022

THUNBERG, Greta. **Publicação de Greta Thunberg no Instagram**. 2022c. Instagram: [@gretathunberg](https://www.instagram.com/p/CeorybQDRwY). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CeorybQDRwY>. Acesso em: 22 de dezembro de 2022.

TISDALL, E. Kay M.; CUEVAS-PARRA, Patricio. Beyond the familiar challenges for children and young people's participation rights: The potential of activism. **The International Journal of Human Rights**, [S.L], v. 26, n. 5, p. 792-810, 2022.

TORRADO, Santiago. Francisco Vera, el seguidor colombiano de Greta Thunberg. **EL PAÍS**, 02 de novembro de 2021. Disponível em: <https://elpais.com/clima-y-medio-ambiente/2021-11-02/francisco-vera-el-nino-que-abraza-el-ambientalismo-de-greta-thunberg.html>. Acesso em: 07 de novembro de 2022.

TRUMP, Donald. **Tweet de Donald Trump após COP25**. 2019a. Twitter: [@realDonaldTrump](https://twitter.com/realdonaldtrump). Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1176339522113679360>. Acesso em: 17 de novembro de 2022.

TRUMP, Donald. **Publicação de Donald Trump no Twitter**. 2019b. Twitter: [@realDonaldTrump](https://twitter.com/realdonaldtrump). Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1205100602025545730>. Acesso em: 17 de novembro de 2022.

UNFPA (FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS). **World Population Dashboard**. Disponível em: <https://www.unfpa.org/data/world-population-dashboard>. 2022. Acesso em: 15 de março de 2022.

UNICEF (FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA). **História dos direitos da criança**. 2019. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/historia-dos-direitos-da-crianca>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

UNICEF (FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA). **Um mundo para as crianças**. Nova Iorque, 2002. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/sites/unicef.org.brazil/files/2019-09/um_mundo_para_as_crianças.pdf. Acesso em: 26 de dezembro de 2022.

UNICEF (FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA). **UNICEF appoints climate activist Vanessa Nakate as Goodwill Ambassador**. 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org/press-releases/unicef-appoints-climate-activist-vanessa-nakate-goodwill-ambassador>. Acesso em 09 de dezembro de 2022.

VALENTINE, Kylie. Accounting for Agency. **Children & Society**, Londres: Wiley-Blackwell, v. 25, p. 347-358, 2011.

VICENZO, Giacomo. O que é pegada de carbono e por que devemos nos importar com a nossa?. **UOL**, 4 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/05/04/o-que-e-pegada-de-carbono-e-porque-devemos-nos-importar-com-a-nossa.htm>. Acesso em: 21 de dezembro de 2022.

WARTOFSKY, M. A construção do mundo da criança e a construção da criança no Mundo. In: KOHAN, W.; KENNEDY, D. (orgs.). **Filosofia e Infância. Possibilidades de um encontro**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

WATSON, Alison M. S. Children and International Relations: a new site of knowledge?. **Review of International Studies**, [Cambridge], v. 32, n. 2, p. 237-250, 2006.

WATSON, Alison M. S. **The child in international political economy: A place at the table**. Abingdon: Routledge, 2008.

WATSON, Alison M. S. The child that bombs built. **Studies in Conflict & Terrorism**, [S.L], v. 27, n. 3, p. 159-168, 2004.

WENDT, Alexander. Collective identity formation and the international state. **American Political Science Review**, [S.L], v. 88, n. 2, p. 384-396, 1994.

WHO is the Ugandan climate activist Vanessa Nakate?. **BBC**, 3 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/newsround/59147262>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

WILLIAMS, Jeremy. Two maps: climate responsibility and climate vulnerability. **The Earthbound Report**, 28 de junho de 2018. Disponível em: <https://earthbound.report/2018/06/28/two-maps-climate-responsibility-and-climate-vulnerability>. Acesso em: 26 de dezembro de 2022.

WILLIAMS, Patricia J. **The alchemy of race and rights**. Massachusetts: Harvard University Press, 1991.

YATES, Miranda; YOUNISS, James. **Roots of civic identity: International perspectives on community service and activism in youth**. [Cambridge]: Cambridge University Press, 1999.

YEUNG, Peter. The bold plan to save Africa's largest forest. **BBC**, 7 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/future/article/20210107-congo-basin-a-bold-plan-to-save-africas-largest-rainforest>. Acesso em 15 de dezembro de 2022.